



Juliana Neves Nogueira

**A cidade e o olhar: uma leitura de Passageiro do fim do dia,
de Rubens Figueiredo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Renato Cordeiro Gomes

Co-Orientador: Prof. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio



JULIANA NEVES NOGUEIRA

**A cidade e o olhar: uma leitura de Passageiro do fim do dia,
de Rubens Figueiredo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Renato Cordeiro Gomes

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio

Co-Orientador

UFRJ

Profa. Rosana Corrêa Lobo

Bolsista Pós-Doutorado PUC-Rio/FAPERJ

Profa. Stefania Rota Chiarelli

UFF

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Juliana Neves Nogueira

Graduou-se em Letras (Português - Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Concluiu o curso de Pós-graduação Lato Sensu - Especialização em Literatura Infantil e Juvenil, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Possui mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio (2015). É professora do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro desde 2010.

Ficha Catalográfica

Nogueira, Juliana Neves

A cidade e o olhar: uma leitura de passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo / Juliana Neves Nogueira; orientador: Renato Cordeiro Gomes; co-orientador: Paulo Roberto Tonani do Patrocínio. – 2015.

101 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Literatura brasileira contemporânea. 3. Figueiredo, Rubens. 4. Cidade. 5. Olhar. I. Gomes, Renato Cordeiro. II. Patrocínio, Paulo Roberto Tonani do. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 800

Para o João,
que torna a minha vida mais colorida.

e para a Luana, que ainda não chegou,
mas já está mudando minha maneira de ver o mundo.

Agradecimentos

Ao Prof. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, pela ajuda, paciência e dedicação, imprescindíveis à realização deste trabalho.

Ao Prof. Renato Cordeiro Gomes, pelas aulas estimulantes que muito influenciaram a dissertação.

Aos professores e funcionários da PUC-Rio, por terem contribuído de diferentes formas e alargado minha visão de mundo.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

Aos amigos e familiares que acompanharam minha trajetória.

Aos meus pais, Vilma e Vilela, pelo carinho e incentivo.

Ao João, por ter acreditado em mim e por ter me apoiado nos momentos mais difíceis.

Resumo

Nogueira, Juliana Neves; Gomes, Renato Cordeiro (Orientador); Patrocínio, Paulo Roberto Tonani do (Co-orientador). **A cidade e o olhar: uma leitura de *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo**. Rio de Janeiro, 2015. 101p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo tem como objetivo analisar as representações da cidade e do olhar no romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, assim como pretende investigar o olhar que o próprio autor apresenta sobre a contemporaneidade em seu livro. Por se tratar de uma obra que representa a cidade contemporânea a partir de características específicas – como a velocidade, a violência, o caos urbano, a decadência, a desigualdade e a exploração no trabalho – foi utilizado um arcabouço teórico que possibilita ler as transformações relativas ao desenvolvimento do meio urbano e as suas consequências. Para a análise das representações do olhar dos personagens, foram utilizados textos que apresentam conceitos relativos aos verbos ver e olhar, assim como teóricos que refletem sobre como cidade contemporânea pode influenciar os olhares dos seus habitantes. Também é objeto de análise o conto “Escola da Noite”, que faz parte da obra *Livro dos Lobos*, de Rubens Figueiredo, sob a perspectiva da representação do espaço e do olhar da protagonista. Também procuramos perceber como o autor representa a experiência dos profissionais da educação pública brasileira.

Palavras-chave

Literatura brasileira contemporânea; Rubens Figueiredo; Cidade; Olhar.

Abstract

Nogueira, Juliana Neves; Gomes, Renato Cordeiro (Advisor); Patrocínio, Paulo Roberto Tonani do (Co-advisor). **The city and the look: a reading of *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo**. Rio de Janeiro, 2015. 101p. MSc Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study aims to analyze the representations of the city and the look at romance *Passageiro do fim do dia*, of Rubens Figueiredo, and intends to investigate the look that the author himself has on contemporaneity in his work. As this book represents the contemporary city based on specific characteristics - such as speed, violence, urban chaos, decay, inequality and exploitation at work - we used a theoretical framework that enables to read transformations related to the development of large cities and its consequences. For the analysis of the characters look representations, texts have been used that present concepts related to the verbs to see and to look, and theorists reflecting on how contemporary city can influence the looks of its inhabitants. It is also analyzed the “Escola da noite” tale, which is part of *Livro dos lobos*, of Rubens Figueiredo, from the perspective of representation of space and the look of the protagonist. We also seek to understand the way that the author represents the experience of professionals in the Brazilian public education in the tale.

Keywords

Contemporary brazilian literature; Rubens Figueiredo; City; Look

Sumário

1	Introdução.....	10
2	A cidade.....	16
2.1	A cidade em questão.....	16
2.2	A cidade em <i>Passageiro do fim do dia</i>	28
2.3	Algumas cidades escritas.....	48
3	O olhar.....	54
3.1	O olhar em questão.....	54
3.2	O olhar em <i>Passageiro do fim do dia</i>	61
3.2.1	O olhar dos personagens.....	61
3.2.2	O olhar na cidade.....	80
4	O conto <i>Escola da noite</i>	85
5	Considerações finais.....	94
6	Referências Bibliográficas.....	99

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Italo Calvino, *As cidades invisíveis*

Introdução

É o humor de quem olha que dá a forma à cidade de Zemrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro, porém ouve-se falar da Zemrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zemrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mau humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. Cedo ou tarde chega o dia em que abaixamos o olhar para os tubos dos beirais e não conseguimos mais distingui-los da calçada. O caso inverso não é impossível, mas é mais raro: por isso, continuamos a andar pelas ruas de Zemrude com os olhos que agora escavam até as adegas, os alicerces, os poços.

Italo Calvino, *As cidades invisíveis*

Foi a maneira pela qual os personagens olham para as coisas ao seu redor que me impulsionou a escrever sobre a cidade e o olhar em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. Este é o último romance do escritor, lançado em 2010 pela editora Companhia das Letras, e que lhe rendeu o Prêmio Portugal Telecom e o Prêmio São Paulo de Literatura. O tema da cidade pareceu essencial, já que é nela que atuam os personagens do livro, e ela não aparece apenas como mero pano de fundo para as ações deles, mas é mola propulsora para os seus sentimentos e atos. Dessa forma, para falar sobre a caracterização dos olhares, começamos discutindo a representação da própria cidade, que é local para onde se voltam os olhos desses personagens.

O ângulo pelo qual olhamos a cidade pode ser fundamental para a composição da cena que vemos, como nos diz o texto de Italo Calvino citado acima, intitulado “As cidades e os olhos 2”, do livro *As cidades invisíveis*. Mas também este ângulo tem profunda relação com a personalidade da pessoa, ou com os seus sentimentos e o seu humor no momento em que olha para algo. No romance de Figueiredo, a história central se passa dentro de um ônibus, e Pedro, um dos personagens principais, cansado depois de um dia de trabalho, senta-se no banco mais alto, com um rádio e um livro nas mãos, para ter uma vista privilegiada da paisagem que se revelará. Sentar-se nessa posição favorece o olhar para fora do ônibus e para dentro do mesmo, abrindo também caminho para um olhar para dentro de si mesmo, com o desenrolar da narrativa.

Ítalo Calvino também nos chama a atenção para o fato de que a cidade torna-se discurso especialmente quando entramos em contato com o que é novo ou diferente, como quando afirma que “ouve-se falar da Zemrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zemrude de baixo”. Aqui está outra chave para a leitura de *Passageiro do fim do dia*. Pedro e sua namorada Rosane, os protagonistas, moram e foram criados em realidades bem diferentes. Ele teve acesso à faculdade (não concluiu o curso de Direito por ser distraído e desinteressado, como nos informa o narrador) e vivia com sua mãe em um apartamento de propriedade da família. Rosane não conseguiu concluir os estudos porque teve de trabalhar, o que ocupava todo o seu tempo. Seus pais só conseguiram uma casa própria em um bairro pobre da periferia com a ajuda de um programa do governo. Mas ambos saem de seus bairros, aos quais já estão acostumados, para observarem uma realidade distinta daquela do seu dia a dia. Ela, para trabalhar; ele, para visitá-la.

Através do olhar de Pedro, temos um panorama da parte da cidade que ele costumava transitar e da que ele passa a conhecer com a sua namorada. Porém, é especialmente através do olhar de Rosane, mediado pelas lembranças de Pedro, que temos um olhar mais atento tanto para a periferia quanto para o centro da cidade. É ela quem conta diversas histórias e que chama a atenção de Pedro para a realidade da cidade em que estão inseridos. É fato que ela não consegue dar uma explicação para tudo o que vê e que causa nela uma série de questionamentos, como questões ligadas à desigualdade social e à exploração a que é submetida. Pedro também tem seus questionamentos, mas, a princípio, eles não revelam a mesma preocupação de Rosane. Mas, ao se lembrar do discurso de Rosane, ele acaba fazendo novas reflexões que apontam para uma mudança que se revelará na sua forma de olhar para o mundo.

Mas, o que significa o ato de olhar, afinal? Sem entrar em muitos detalhes agora, cito apenas a definição que está no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, p. 1382-1383), que já nos fornece uma explicação suficiente para esta introdução. De acordo com o dicionário, para a palavra “olhar”, são atribuídas as seguintes acepções, dentre outras: dirigir os olhos para, observar atentamente, examinar, sondar, avaliar, considerar, prestar atenção a, ponderar, tomar conta, cuidar de, julgar, estar voltado para, estar localizado acima, ação de olhar, aspecto dos olhos ou modo de olhar, forma de interpretar.

Podemos perceber que existe, nessas acepções, uma gradação que vai do ato de dirigir os olhos, simplesmente e sem atenção, passando pelos atos de observar e examinar - o que requer mais concentração - e também pelo olhar de quem avalia, que necessita de conhecimentos prévios e comparações, até chegar à interpretação, o que exige uma visão mais complexa. O olhar de quem toma conta ou cuida de algo pode estar relacionado a uma preocupação, assim como o fato de estar posicionado acima pode revelar uma intenção. É a partir dessas diferentes nuances do olhar que seguiremos nosso caminho na leitura que faremos de *Passageiro do fim do dia*.

Porém, há de se indagar: o que a cidade tem de tão importante para a configuração desses olhares, tornando-se um capítulo à parte? A necessidade de estudar a cidade surgiu a partir da disciplina oferecida por Renato Cordeiro Gomes durante meu primeiro semestre no curso de Mestrado da PUC-Rio. Tendo como ponto de partida as leituras sugeridas e as discussões em aula, pude compreender que, com o desenvolvimento das cidades houve uma significativa mudança no sujeito, não apenas na forma como olhamos, mas também na maneira como vivenciamos o mundo.

No romance, percebemos que as relações que se estabelecem entre os personagens, ou a falta delas, e a maneira como eles enxergam o mundo estão intimamente ligadas com essa nova forma de habitar que surge com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação, com a expansão do neoliberalismo, com a velocidade exigida pelo trânsito e a correria do dia a dia, com o crescimento ininterrupto da cidade que afasta os pobres cada vez mais para as periferias, com o aumento das desigualdades sociais e com o surgimento de fronteiras invisíveis que separam as pessoas umas das outras através do medo do próximo.

Não podemos esquecer que, como disse Ítalo Calvino na epígrafe, “Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro”. Ou seja, a representação que Rubens Figueiredo faz da cidade e dos personagens em seu romance é uma das possíveis e infinitas formas de interpretação. Veremos que seu olhar é crítico e traz à tona aspectos mais duros e mesquinhos da nossa realidade. Não é à toa que o nome escolhido para seu protagonista seja Pedro, que significa pedra, e nos remete à dureza do cotidiano e, possivelmente, do próprio personagem, se levarmos em conta que a vida, cada vez mais individualizada, fez

com que ele perdesse um pouco da sensibilidade. Afinal, Pedro revela um olhar bastante objetivo até para sua própria namorada, a quem observa com frequência os ossos.

Pedro é um nome que vem sendo utilizado por Rubens Figueiredo há mais tempo. Em seu livro anterior, *Contos de Pedro*, todos os protagonistas são nomeados como Pedro, o que aponta para alguma similaridade entre eles. Através da criação de um “personagem conceito” (Pereira, 2013, p. 204), o autor pôde tematizar diferentes problemas sociais que se evidenciam na construção de personagens que “irmanam-se na qualidade de pedregulhos ambulantes, cálculos renais que a sociedade produz, mas que, não podendo expeli-los de vez, com eles é obrigada a conviver” (Pereira, 2013, p. 207), como formulou Marcelo Pereira em sua tese de doutorado “Fingidores em cena: a metaficção em Sérgio Sant’Anna e Rubens Figueiredo”.

Considerando as observações feitas, resolvemos dividir a dissertação em duas partes. Na primeira, trataremos das questões relacionadas ao tema da cidade e na segunda, das questões relacionadas ao olhar.

No capítulo dedicado à cidade, nos preocuparemos primeiro em apresentar uma breve revisão bibliográfica sobre as questões relativas ao desenvolvimento das cidades que mais nos interessam para a compreensão de *Passageiro do fim do dia*, tendo como base reflexões feitas por estudiosos do tema de diferentes áreas. Depois, nos dedicaremos exclusivamente à interpretação de *Passageiro do fim do dia*, levando em consideração a maneira pela qual a cidade é representada na obra e examinando diferentes questões relativas à cidade. Por fim, faremos comparações entre a obra de Rubens e outros romances que trataram da questão da representação das cidades, explorando especialmente seus problemas e contradições.

No capítulo dedicado ao olhar, faremos uma reflexão tendo como base os estudos de alguns teóricos que constam no livro *O olhar*, organizado por Adauto Novaes. Em seguida, faremos a análise do romance de Rubens Figueiredo, procurando perceber como se dá a representação dos olhares de alguns dos personagens e também refletiremos sobre a relação específica entre o olhar e a cidade.

No último capítulo, faremos uma interpretação de “Escola da noite”, do livro de contos *O livro dos lobos*, de Rubens Figueiredo. Observaremos a questão

da representação do olhar e da cidade, porém, mais especificamente na escola, pois ela é para mim – assim como para Rubens Figueiredo – fonte de inspiração e a possibilidade de entrarmos em contato com realidades distintas. Também refletiremos sobre a atual situação da educação pública brasileira a partir de temas explorados no conto.

Além de apresentar a estrutura da dissertação, é importante igualmente apresentar breves dados biográficos de Rubens Figueiredo. Leitor e frequentador de bibliotecas desde os 11 anos de idade, Rubens Figueiredo cursou a Faculdade de Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, optando pela habilitação Português-Russo, o que possibilitou seu trabalho como tradutor de importantes obras da ficção russa, como *Guerra e Paz*, de Tolstói. Sua escolha por este idioma teve relação com o fato de a Rússia representar, naquela época, 1973, a contestação, como afirma o autor em entrevista ao Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, em 2012.¹

Começou a carreira como professor da rede estadual da cidade do Rio de Janeiro e trabalhou também no Colégio Militar. Publicou seu primeiro livro, *O mistério da samambaia bailarina*, em 1986. Em seguida publicou *Essa maldita farinha* (1987) e *A festa do milênio* (1990). Estes três livros apresentam em comum um tom cômico e a subversão do gênero romance policial. Sua próxima publicação, uma coletânea de contos intitulada *O livro dos lobos* (1994) apresenta uma ruptura em relação às características apontadas nas obras anteriores. Em seguida são publicados: *As palavras secretas* (1998) e *Barco a seco* (2001), com os quais o autor ganha o prêmio Jabuti. Lança *Contos de Pedro* (2006) e *Passageiro do fim do dia* (2010), este último ganhador dos prêmios São Paulo e Telecom. O penúltimo, um livro de contos, apresenta uma ligação em relação ao romance seguinte no que se refere à temática, ao revelar asperezas da vida cotidiana e também ao apresentar personagens que têm o mesmo nome: Pedro.

Em sua última obra, objeto de análise deste estudo, Figueiredo apresenta um olhar crítico para a sociedade, explicitando problemas sociais, como a desigualdade, que reforçam sua preocupação com uma literatura engajada. Esta vertente do autor em direção a uma escrita comprometida parece manifestar-se desde a sua opção, ainda jovem, pelo estudo da língua de um povo que

¹ <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=102>.

simbolizava a contestação, e desabrochar posteriormente em suas obras com a opção por uma escrita que contribua para o conhecimento do mundo:

Acredito que um romance, um conto ou um poema tem muito a ganhar se o autor partir do pressuposto de que a obra pode contribuir para o conhecimento do mundo, da vida. Isso significa que aquilo, romance, conto ou poema, não é uma coisa ornamental nem apenas uma manifestação hermética de uma subjetividade impenetrável.²

² Entrevista concedida ao Jornal da Biblioteca Pública do Paraná:
<<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=102>>

2

A cidade

2.1

A cidade em questão

A resposta à pergunta “O que é uma cidade?” pode parecer óbvia. No entanto, existe uma série de questões que dizem respeito ao crescimento das cidades que foram apontadas por diversos estudiosos, especialmente devido ao desenvolvimento econômico e industrial das mesmas ao longo do tempo. Além disso, as grandes manifestações dos últimos anos em diferentes países colocaram o assunto na ordem do dia e percebemos claramente a emergência dessa discussão ao passarmos pelas livrarias da cidade do Rio de Janeiro. Muito se tem escrito sobre a cidade e nosso intuito é apenas levantar algumas dessas questões que podem nos ajudar posteriormente na leitura que faremos da representação da cidade em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo.

As reflexões que se seguem são um tanto diversas e tratam de diferentes temáticas envolvendo a cidade. Como não há apenas uma questão específica a ser tratada nessa dissertação dentro do tema maior da cidade – já que nosso interesse é a representação dela em seus diversos aspectos no romance de Figueiredo – não existe apenas um fio condutor nos autores abordados, muito menos uma unidade de pensamento ou conclusões fechadas. Os principais tópicos selecionados passam pelas consequências do crescimento das cidades: a experiência do espaço urbano, a mercantilização da vida, a transformação da maneira de olhar e de nossa percepção, os imaginários urbanos, a multiplicação das imagens, a velocidade, as viagens, o medo, a violência e a insegurança. Os autores selecionados para o primeiro elenco de questões foram Nestor Garcia Canclini, Massimo Di Felice, Beatriz Sarlo, Zygmunt Bauman e Win Wenders, que pertencem a diferentes campos e especialidades – como a sociologia, a antropologia e o cinema.

O antropólogo Nestor García Canclini, em *Imaginarios urbanos*, reflete sobre a cidade e a sociedade. O livro é composto por três conferências realizadas por ele no ano de 1996. Na primeira delas, o autor fala sobre o cenário latino-

americano marcado pelo processo de integração econômica e livre comércio que resultaram numa desorganização dessas sociedades através das políticas neoliberais. Uma das consequências desse processo é a transformação das questões políticas em espetáculos e simulacros, pois a participação de sindicatos e dos movimentos sociais foi reduzida, e eles ficam sabendo sobre as decisões político-econômicas através do jornal e da televisão. Outra consequência seria o auge da cultura a domicílio (rádio, televisão e vídeo) e o declínio dos espetáculos públicos. Paralelamente há a formação de um “folclore-mundo” (Canclini, 1999, p.42) com a homogeneização das práticas culturais das comunidades consumidoras cujo repertório passa pelos ídolos hollywoodianos e os logotipos de jeans e de cartões de crédito. O autor também observa que as culturas regionais não desapareceram, mas especialmente nas médias e grandes cidades, onde está a maior parte da população, os símbolos nacionais e étnicos estão deixando de ser a principal referência de identidade e coesão social. Por último, o autor fala da promoção de uma “cultura-mundo” (Canclini, 1999, p. 49) pelo mercado – no qual se destacam empresas multinacionais, sobretudo dos EUA - com narrativas fabricadas a partir de mitos inteligíveis para todos os espectadores, apontando para uma integração interessada no entretenimento e quase nunca na informação recíproca e na reflexão crítica.

Na segunda conferência, Canclini inicia o artigo discutindo: o que é uma cidade? Uma das respostas se baseia na oposição da cidade ao rural. Este seria o lugar onde predominam as relações comunitárias e primárias, e aquela o lugar das relações secundárias, onde há maior segmentação de papéis. Outra resposta levanta critérios geográfico-espaciais, e a define como um local permanente e relativamente extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos. Uma terceira resposta fundamenta-se em critérios econômicos, vendo a cidade como o resultado do desenvolvimento industrial e da concentração capitalista. Por último, o autor fala dos estudos que veem as cidades como linguagem, como local onde também ocorrem fenômenos expressivos que entram em tensão com a racionalização. Porém, para o Canclini, todas essas teorias são falidas, pois nenhuma delas dá uma resposta satisfatória sobre o que é uma cidade, ficando mais insatisfatórias ainda quando se fala em megacidades.

As megalópoles, de acordo com Canclini, impressionam por seu crescimento, sua multiculturalidade e sua heterogeneidade. É nestas megacidades que podemos ter um outro olhar sobre a questão do urbano.

Canclini trata da passagem de uma cultura urbana à multiculturalidade, ou seja, a coexistência de múltiplas culturas no espaço urbano. Em um estudo que fez sobre as culturas da cidade do México, o autor reconheceu que havia pelo menos quatro “Cidades do México”, pois muitas cidades diferentes podem estar contidas em uma megalópole. A primeira cidade seria a histórico-territorial, delimitada em um espaço específico. A segunda seria a cidade industrial, que se opõe ao histórico-territorial porque se expande com o crescimento industrial. Com o crescimento, mudam-se os usos do espaço urbano, pois novos centros se desenvolvem. A terceira cidade seria a informacional ou comunicacional. Esta se conecta dentro de si mesma e com o estrangeiro por transportes terrestres e aéreos, por correios e telefones, mas especialmente por cabo, fax, satélites. Por último, cita a “cidade videoclipe” (Canclini, 1999, p. 88), na qual coexistem em ritmo acelerado diferentes culturas de distintas épocas. Seria a cidade constituída de leitura, histórias, mitos, imagens, pinturas, filmes, e que formam um imaginário que não compartilhamos da mesma maneira.

Nessa megacidade, de acordo com Canclini, cada vez temos menos noção de onde ela começa e de onde ela termina e em que lugar estamos. As pessoas não têm experiência do todo da cidade. Boa parte da população transita em pequenos espaços que elas percorrem para ir ao trabalho ou para ir estudar, fazer compras ou passear. Perde-se então a experiência do urbano, se debilita a solidariedade e o sentimento de pertencimento.

É notória essa perda da experiência do conjunto da cidade quando penso em alunos de uma escola do município do Rio de Janeiro no qual sou professora. Boa parte dos alunos e dos seus pais nunca foi ao Corcovado, nunca pisou na praia de Ipanema, não sabe onde fica o bairro Flamengo. E se não fosse o meu trabalho, possivelmente nunca teria conhecido a Barra de Guaratiba, bairro que muitos dos meus amigos, moradores da cidade do Rio de Janeiro, acreditavam pertencer a outro município.

A existência de múltiplos meios de comunicação em cidades como o Rio de Janeiro não facilita a experiência urbana, já que há uma dificuldade no acesso à cultura, gerada pela grande distância aos teatros e museus, pela deficiência dos

transportes públicos, pela falta de acesso que faz com que tenhamos a sensação de que é difícil nos comunicarmos e interagirmos com diferentes regiões e populações.

As reflexões produzidas por Canclini são úteis para avaliarmos a forma como a experiência física da cidade é representada no romance de Rubens Figueiredo. No livro *Passageiro do fim do dia*, essa falta de experiência física da cidade é mencionada, pois muitos personagens do bairro de periferia chamado Tirol, local onde reside a namorada de Pedro, nunca pisaram no centro da cidade, como ela disse certa vez ao namorado: “Havia quem nunca tivesse ido ao centro. Algumas de suas amigas que nunca tinham ido a nenhum bairro a mais de dez quilômetros de distância, Rosane explicou.” (Figueiredo, 2010, p. 56)

Além da experiência da cidade física, Canclini destaca os múltiplos imaginários urbanos. Estar na cidade e caminhar por ela, seja a pé ou em algum tipo de transporte, nos possibilita um olhar diferenciado. As múltiplas paisagens que vão surgindo enquanto passamos, as diferentes pessoas e situações, o inusitado e o desconhecido, tudo isso contribui para a ativação do nosso imaginário. À medida em que nos deslocamos por ruas e avenidas nossa experiência é, em grande parte, dentro de nós mesmos:

Non sólo temos a experiência física da cidade, não apenas a percorremos e sentimos em nossos corpos o que significa caminhar tanto tempo ou estar parado dentro de um ônibus, ou estar sob da chuva até que conseguimos pegar um táxi, mas nós imaginamos enquanto viajamos, construímos suposições sobre o que vemos, sobre quem encontramos, as áreas da cidade que desconhecemos e temos que atravessar para chegar a outro destino, em suma, o que passa-nos com os outros na cidade. Grande parte do que acontece conosco é imaginário, porque não surge de uma interação real. Toda interação tem uma cota de imaginário, mas mais ainda nestas interações evasivas e fugazes que uma megalópole propõe.³ (Canclini, 1999, p.88. Tradução nossa)

No último artigo do livro, Canclini se aprofunda na questão dos imaginários urbanos. O autor chama a atenção para o fato de que as cidades se configuram não só pelo que elas têm de concreto (ruas, casas, parques), mas

³ No original: “No solo hacemos la experiencia física de la ciudad, no sólo la recorremos y sentimos en nuestros cuerpos lo que significa caminar tanto tiempo o ir parado en el ómnibus, o estar bajo la lluvia hasta que logremos conseguir un taxi, sino que imaginamos mientras viajamos, construimos suposiciones sobre lo que vemos, sobre quiénes se nos cruzan, las zonas de la ciudad que desconocemos y tenemos que atravesar para llegar a otro destino, en suma lo que nos pasa con los otros en la ciudad. Gran parte de lo que nos pasa es imaginario, porque no surge de una interacción real. Toda interacción tiene una cuota de imaginario, pero más aún en estas interacciones evasivas y fugaces que propone una megalópole.”

também com imagens. Ele enfatiza que as cidades não servem apenas para serem habitadas, mas também para se viajar por elas. Na Cidade do México, milhares de pessoas passam de duas a quatro horas diárias nos transportes. Atravessar a cidade em um meio de transporte como o carro, metrô, o ônibus ou o taxi é uma forma de apropriação do espaço urbano e local que possibilita construir o imaginário. Ao percorrer as zonas que desconhecemos, imaginamos como vivem ‘os outros’ em cenários distintos dos nossos bairros e locais de trabalho. O encontro com a alteridade e a diferença se estabelece no entrelaçamento de carros, ônibus, pedestres, vendedores ambulantes. Como veremos mais adiante, tais interações são frequentes entre os personagens de *Passageiro do fim do dia*, pois o protagonista do romance viaja de ônibus para a casa de sua namorada todos os finais de semana, estabelecendo novos contatos com pessoas da comunidade visitada.

Diferenças em relação aos múltiplos imaginários urbanos foram constatadas em entrevistas feitas por Canclini com os habitantes da Cidade do México. Estas revelaram o escasso conhecimento sobre o que técnicos, urbanistas, políticos e jornalistas vêm dizendo sobre o que deve mudar nas cidades. A maior parte das falas dos entrevistados tem soluções de caráter moral ou de responsabilidade individual. Para a maior parte das pessoas a urbe é um objeto enigmático e, para vivermos nela, elaboramos suposições, mitos, articulamos interpretações parciais tomadas de diferentes fontes. Essas versões do real têm pouco a ver com as versões chamadas científicas. O autor observa que há uma grande distância entre os imaginários privados e as explicações públicas, especialmente em uma megalópole difícil de abarcar. Nas entrevistas fala-se em problemas como a poluição, mas a falta de planejamento urbano e de um desenho racional de crescimento – muito mencionados na bibliografia sobre a Cidade do México, quase não são comentados pelos entrevistados. Ante a dificuldade de compreensão, muitos responsabilizam certos grupos particulares, como imigrantes ou manifestantes que param o trânsito, pelos problemas da cidade. O excesso de carros é mencionado, sem se referir aos responsáveis. Essa “cultura pré-política” (Canclini, 1999, p.135) identifica supostos culpados isolados ao invés de causas sistêmicas. Essa ausência de explicações holísticas ou de caráter mais global é marcante em personagens do romance *Passageiro do fim do dia*.

Em relação às viagens há uma concordância entre as falas dos entrevistados e dos especialistas de que elas são centrais no tempo e espaço urbanos. Para alguns especialistas, a viagem é hoje o núcleo da vida urbana tanto quanto a casa. A cidade se impõe como unidade indissolúvel de “moradia-viagem”, na expressão de Walter Benjamin (apud Canclini, 1999, p. 136). No entanto, apesar de o deslocamento ser parte da vida urbana, o autor cita estudos referentes aos consumos culturais que mostram que, nas horas livres, a maior parte da população fica em casa, divertindo-se com os meios de comunicação. Isto está relacionado ao fato de que o cinema, o teatro e o estádio são distantes das residências e também porque as pessoas gastam tantas horas tendo que se locomover para ir trabalhar que nos finais de semana preferem não perder tanto tempo no trânsito.

Outro autor que reflete sobre questões relativas à cidade e a influência dos transportes e do deslocamento na percepção das pessoas acerca do cenário urbano é o cientista social Massimo di Felice. A experiência de se deslocar de ônibus tem destaque em seu livro *Paisagens pós-urbanas*, especialmente na parte em que o autor fala de sua própria vivência na cidade de São Paulo. Ele aponta para um olhar privilegiado do passageiro do ônibus por estar a certa altura e para as imagens da metrópole que corriam por trás dos vidros.⁴ Ele se dá conta de que um pouco da metrópole estava também dentro do veículo, pois em cada ponto de ônibus um pouco da paisagem adentra o mesmo: “era como se a cada parada subisse um pedaço de paisagem no ônibus.” (Felice, 2009, p. 198) Sua experiência enquanto passageiro revelou os múltiplos olhares que podem se configurar naquele ambiente: “Percorrendo São Paulo de ônibus, comecei a olhar e a me olhar, viajando continuamente dentro e fora de mim, na mesma medida em que olhava dentro e fora do ônibus, usando o vidro como um espelho transparente que, mais do que dividir dois ambientes, os unia” (Idem, p. 198) O ônibus também é um local propício para a atividade do olhar, deixando de ser “apenas meios de transporte” (Idem, p. 198). Olhamos e somos olhados e as roupas podem dizer a qual grupo social o indivíduo pertence. A alta densidade do ônibus “cria aquele

⁴ A antropóloga Janice Caiafa estudou a experiência cotidiana de moradores de grandes cidades em suas viagens de ônibus, através de entrevistas a pedestres, trabalhadores e passageiros no livro *Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. FGV. A autora também explora a experiência das viagens de metrô no Rio de Janeiro através do diálogo com usuários e metroviários no livro *Trilhos da cidade: viajar de metrô no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 7 Letras.

efeito de multidão típico das grandes cidades, o qual por sua vez permite se isolar, se esconder e se perder, numa sensação de isolamento enquanto se atravessa o mundo” (Idem, p.200).

Ao longo de *Paisagens pós-urbanas*, Felice empreende uma reflexão sobre a relação entre o sujeito e o ambiente, entendendo-a como uma relação comunicativa. O autor questiona como as inovações tecnológicas modificaram o nosso modo de interagir com o ambiente e com a natureza, alterando a nossa visão do espaço. Tal mudança acarreta na crise da experiência urbana, pois o espaço perdeu seu significado único com a pluralização do território pelo uso das mídias. Desse modo, o próprio conceito de “habitar” deve ser repensado na medida em que as inovações tecnológicas, ao alterarem a nossa visão do espaço, transformaram nossa maneira de perceber e de sentir.

Felice comenta as contribuições de Walter Benjamin, que foi o primeiro a perceber que a introdução da máquina fotográfica, e depois do cinema, transformaram a nossa percepção. Benjamin afirma que o advento das mídias (rádio, cinema, fotografia) e das novas formas de produção das informações acarretou em uma mudança de uma época dita sensorial que teve seu foco desviado da mão para o olho. Tal concepção coincide com o pensamento de Georg Simmel, que afirma que há o predomínio das atividades da visão sobre as da audição nas grandes cidades primeiramente por causa dos meios de comunicação.

Considerando que exista uma “relação simbiótica entre sujeito, a sua percepção, as tecnologias midiáticas e o ambiente” (Felice, 2009, p. 65), Felice elenca três formas comunicativas do habitar levando em consideração as revoluções tecnológicas que foram mudando a percepção e a compreensão do ambiente e instaurando novas dinâmicas de interação com o território e novas dinâmicas habitativas. A primeira forma é a empática, ligada à experiência tecnológica da leitura, a segunda é a exotópica, criada pela experiência da eletricidade e pelas experiências midiáticas de massa, e a terceira é a atópica, difundida com os *personal media digitais*. Nessa primeira forma comunicativa do habitar a leitura fornece ao espaço um caráter textual, e os conceitos e os princípios lidos fariam do espaço um cenário, um teatro. Na segunda forma, há um predomínio da visão e do olho. Ele propõe a deslocação contínua de espaços-imagens e paisagens artificiais. Na terceira forma comunicativa, marcada pelas

tecnologias informativas digitais, internet, comunicação sem fio e redes sociais, há forte interação sujeito-interface-informação-território. O intenso fluxo informativo, interativo, plural, descentralizado (não há “centro” ou “periferia”), possibilita a construção, coletiva e individual, de múltiplas e instáveis experiências habitativas. O cenário pós-urbano, que não é mais visual, nem passível de ser narrado ou descrito, põe fim às distinções entre indivíduo, informação e paisagem.

Para a leitura de *Passageiro do fim do dia* nos interessa mais a reflexão sobre o habitar exotópico, uma vez que a cidade representada na obra apresenta como componentes do enredo o rádio, a televisão, a publicidade e o ônibus. Não há nenhuma referência a esse novo momento no qual vivemos hoje com a revolução da internet e a difusão do uso dos *smartphones* e das redes sociais. Ademais, nos ocuparemos da questão do olhar e das percepções do urbano por parte dos personagens e, como já foi ressaltado, no habitar “exotópico” a visão tem um papel central.

Por ser central a experiência do olhar na forma comunicativa do habitar exotópica, Felice discorre sobre essa questão apontando para o típico olhar do habitante da metrópole. O transitar frenético das pessoas na cidade, sem a comunicação verbal, aumenta as percepções rápidas do olhar. O autor afirma que a cidade é feita de imagens quebradas e em sequência, como no cinema. Na medida em que andamos pela cidade, seja a pé ou de automóvel, os cenários vão se modificando e o olho não se fixa em um ponto. Não há um aprofundamento de uma cena apenas, mas várias cenas que vão sendo substituídas umas pelas outras. Logo, “o único olhar possível é o olhar andante, um ‘olhar-relance’” (Felice, 2009, p. 192).

Em relação aos meios de comunicação, Felice expõe a visão de Adorno, que alerta que o cinema e a televisão são instrumentos de persuasão e de divulgação do consumo de massa que difundem estilos de vida alienantes. O autor cita também autores com visão distinta da de Adorno, que refletem sobre a multiplicação de imagens, de outdoors e sobre o “desaparecimento da realidade” ou sua problematização. (Felice, 2009, p.141) Cita, por exemplo, Gianni Vattino, que enfatiza que os meios de comunicação se tornaram elementos de uma multiplicação de visões de mundo. O autor preconiza que as imagens publicitárias não são expressões de uma cultura autoritária, “pelo contrário, erotizando os

espaços e os trajetos, acariciam os desejos, transformando a paisagem cotidiana e poluindo a ordem moral do sentido comum.” (Idem, p. 146).

Em *A cidade vista*, a escritora e crítica literária Beatriz Sarlo também empreende uma multifacetada reflexão sobre a cidade. Em tom ensaístico, tece considerações sobre uma ampla gama de assuntos, personagens, sentimentos e escritos referentes ao cenário citadino. Seus comentários tratam de vendedores ambulantes, catadores de papel, moradores de rua, *shopping centers*, publicidade, fábricas falidas ocupadas, insegurança, violência urbana, subúrbios e moradias pobres, imigrantes, representações de turistas sobre as cidades, dentre outras temáticas presentes no meio urbano. Boa parte de suas observações embasaram-se em caminhadas que fez por Buenos Aires. Em todas as reflexões de Sarlo perpassa a ideia de que a “cidade real” e “as cidades imaginadas” se influenciam dialeticamente. “Não há cidade sem discurso sobre a cidade. A cidade existe nos discursos tanto quanto em seus espaços concretos”. (Sarlo, 2014, p.1, 92).

A cidade vista trata de uma enorme variedade de temáticas que, de certa forma, refletem como a vivência na cidade pode ser plural. O meio urbano pode ser lido de diferentes formas e gerar representações múltiplas.

Um dos temas discutidos por Sarlo se relaciona com a mercantilização das cidades e, por conseguinte, são constantes os termos “compra”, “venda” e “mercadorias”. A autora contrapõe a (des) ordem da cidade à ordem do *shopping center*. Enquanto a primeira “é um território aberto à exploração por deslocamento dinâmico, visual, de ruídos e cheiros: é um espaço de experiências corporais e intelectuais” (Sarlo, 2014, p. 13), o segundo é um espaço que se repete, idêntico, em qualquer lugar do planeta. A cidade apresenta um caráter aleatório e indeterminado. No shopping, nada se faz que não tenha sido previsto por seu projeto. Dessa maneira, ele dá a sensação de segurança e de controle quando a cidade oferece insegurança e incerteza. No entanto, existe uma falsa sensação de liberdade nos percursos possibilitados pelo shopping, pois não há nada que se possa fazer nele que não tenha sido previamente calculado por seus idealizadores.

A autora também compara os shoppings aos meios de comunicação. Em ambos prevalece a função do olhar, pois mesmo sem poder consumir os produtos exibidos, as pessoas passeiam pelos shoppings muitas vezes para ver as mercadorias. A televisão e o shopping despertam o sonho e a imaginação. “Mas, tal como a televisão, o shopping não produz incerteza material nem simbólica,

porque sua função é justamente proporcionar programas livres de incerteza, ou seja, de manejo simples e com regras claras” (Sarlo, 2014, p. 19). Tais reflexões de Sarlo são úteis para compreendermos as relações entre os personagens de *Passageiro do fim do dia* e o consumo, especificamente na cena em que Pedro e Rosane vão ao supermercado e ela tem reações que chamam a atenção dele: “Pedro não cansava de se admirar com a transformação que ocorria em Rosane. Ao entrar, ela tomava uma espécie de impulso, tomava um fôlego, reunia forças e se concentrava” (Figueiredo, 2010, p. 96).

Outra comparação pertinente que a autora faz é entre o shopping e o supermercado. Ambos se aproximam por suas clarezas e racionalidades. A eficiência no uso desses dois espaços (sinalizações claras, a legibilidade dos signos) dão a impressão de livres escolhas. Em qualquer lugar do mundo é possível usar qualquer desses dois espaços sem dificuldade, tornando as pessoas peritas em consumo. Apesar de eficiência, a autora deixa clara sua crítica ao destacar a falsa sensação de liberdade provocada por ambos, e, em relação ao shopping, fica ainda mais evidente a crítica quando a autora o define como “uma terra do nunca de jovens em que circulam pessoas de todas as idades, uma fantasia pueril da abundância que parece ao alcance da mão porque está ao alcance da vista. É uma festa óptica e extensiva à sociedade.” (Sarlo, 2014, p. 26)

Passeando por outro tema relativo à cidade das mercadorias, a autora registra a presença dos ambulantes nas grandes cidades, que afetam a ordem, modificando a paisagem, sem que sua presença tenha sido decidida por ninguém. A autora afirma que, apesar de irritarem a ordem da cidade, os ambulantes irão continuar a fazer parte da paisagem dela, pois há pessoas que só podem vender nas ruas, já que não tem dinheiro o suficiente para alugar ou comprar um estabelecimento comercial.

Voltando seus olhos para o subúrbio, Sarlo afirma que a distância entre os corpos diminui: “No subúrbio os corpos ficam próximos: as velhas, os rapazes e as moças, os homens; as janelas deixam ouvir as conversas; as cortinas, mais do que isolar, iluminam os interiores, são fulgores brancos na noite barrenta.” (Sarlo, 2014, p.74) Nessa mesma periferia, existe uma aproximação maior com os delinquentes que, seja por medo ou por laços de família e amizade, acabam sendo amparados ou tolerados. Persiste uma relação de solidariedade entre as pessoas nessas regiões.

Outro autor que ressalta na cidade a questão da mercantilização é Wim Wenders. Em *A paisagem urbana*, ele faz uma comparação da história das cidades com a história das imagens, ressaltando que antigamente a missão da imagem era mostrar, mas que cada vez mais sua finalidade parece ser vender. Da mesma forma, as cidades têm uma orientação cada vez mais comercial. O excesso de imagens faz com que as pessoas vivam “experiências de segunda mão” (Wenders, 1994, p. 184). Por causa da comercialização, os centros estão cada vez mais caros, expulsando os moradores para as periferias, e dando lugar a bancos, lojas e hotéis.

Houve um crescimento enorme no número de imagens nas cidades, que se intensifica cada vez mais. Com isso, os homens “vêm mais rápido” (Wenders, 1994, p. 183), o que prejudica outros sentidos, de acordo com Wim Wenders. Esse mundo de imagens é cada vez mais “cacofônico, desarmônico, ruidoso, proteiforme e pretensioso” assim como as cidades estão cada vez mais “complexas, discordes, ruidosas, confusas e massacrantes.” (Idem, p. 184).

O autor afirma que a paisagem não é apenas um “último plano”, mas que elas possuem história e personalidade, exercendo influência sobre as pessoas. Quando a paisagem é sobrecarregada de imagens, corre-se o risco de não se ver nada. As cidades podem mostrar a sua história ou ocultá-la, abrindo ou fechando os olhos dos homens, esvaziando ou alimentando a imaginação.

Outros temas que envolvem a vida nas cidades, e que são interessantes para o diálogo que faremos com *Passageiro do fim do dia*, são a insegurança, a violência e o medo. Na análise que faz do cenário contemporâneo, sobretudo europeu, o sociólogo Zygmunt Bauman, em *Confiança e medo na cidade*, observa que amplos setores da população urbana vêm sendo marcados por uma “forte tendência a sentir medo” e por uma “obsessão maníaca por segurança”. (Bauman, 2009, p.13). Tais sentimentos levam à procura de um responsável pelos temores, um culpado, “um inimigo que se encontra em nossa porta ou embaixo de nossa cama” (Bauman, 2009, p.15).

Bauman relaciona o aumento do medo e da insegurança ao advento do neoliberalismo, ao crescimento da competição e do individualismo, vigentes na “modernidade líquida”, para citar um conceito do próprio autor. No período anterior – “modernidade sólida” – havia proteção social, serviços públicos (como saúde e educação) assegurados e os trabalhadores dispunham de estabilidade. A diminuição dessa seguridade econômica e social constituiu um terreno fértil para a

insegurança: “os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada *desregulamentação*) e suas consequências individualistas...” (Bauman, 2009, p.19, grifo do autor). A fragilização de associações coletivas, como os sindicatos, levou a uma dissolução dos laços de solidariedade, fazendo com que os indivíduos se sentissem abandonados à própria sorte e, portanto, mais propensos aos medos.

Os medos são alimentados por uma série de elementos, como a criminalidade e a presença de indivíduos permanentemente excluídos do mercado de trabalho (além do temor do desemprego em si). Esse último contingente de pessoas – que o autor denomina de “*não-assimiláveis*”, de “*supérfluas e excluídas de modo permanente*” (Bauman, 2009, p.22, grifo do autor) – vivem em bairros mais periféricos, com trabalhos – quando conquistados – precários. Vivem em condições semelhantes às daquelas do fictício bairro pobre do Tirol, de *O passageiro do fim do dia*.

Os medos se referem, ainda, à presença de estrangeiros, indivíduos com hábitos e culturas distintas que seriam, na visão dos “nativos”, imprevisíveis e mesmo perigosos. Conforme Bauman: “o estrangeiro é, por definição, alguém cuja ação é guiada por intenções que, no máximo, se pode tentar adivinhar, mas que ninguém jamais conhecerá com certeza. O estrangeiro é a variável desconhecida no cálculo das equações quando chega a hora de tomar decisões sobre o que fazer”. (Bauman, 2009, p.37).

Como resultados dos medos, um número crescente de indivíduos, sobretudo os mais abastados, tem optado por viver em condomínios fechados, em “guetos voluntários” (Bauman, 2009, p.40) ou “espaços fortificados” (Idem, p.43), que tendem a desintegrar a vida comunitária. O objetivo desses “espaços vetados” é “claramente dividir, segregar, excluir, e não de criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade” (Bauman, 2009, p.42). Essa ânsia por segurança leva a cidade a ficar ainda mais segregada, desigual e polarizada; seus habitantes passam a não travar relações entre si e se conhecer, o que reforça os medos e os preconceitos. A “mixofobia” (o medo de se misturar com os outros) nutre a si mesma.

Os autores acima citados demonstram que a cidade pode ser vista por diferentes prismas. Apoiando-se em Canclini, Di Felice, Sarlo, entre outros,

enfatizamos que o meio urbano pode ser representado e interpretado a partir de uma ampla gama de temáticas, como as transformações tecnológicas e o advento das novas mídias, os transportes e o trânsito pelas ruas, a publicidade e a mercantilização, a pluralidade de imagens e mensagens, a desigualdade social, a criminalidade e o sentimento de insegurança. Tais questões foram mais ressaltadas nesse “passeio” panorâmico pelos autores por serem pertinentes para uma leitura de *Passageiro do fim do dia*. Como veremos nas próximas páginas, a cidade representada no referido livro é marcada pelos meios de comunicação, pela propaganda, pelo transitar, pelas disparidades sociais, pelo medo e pela insegurança.

2.2

A cidade em *Passageiro do fim do dia*

Passageiro do fim do dia narra a viagem de ônibus de Pedro do centro da cidade até um bairro no subúrbio onde vive a sua namorada, Rosane. O texto se apresenta num único capítulo, e a história central – o trajeto de ônibus – é entrecortada por outras, como a história de Charles Darwin em sua visita ao Brasil, o acidente de Pedro que o levou a conseguir uma indenização e vários episódios da vida de Rosane. Todas essas histórias surgem a partir da lembrança de Pedro durante a sua viagem. Com um pequeno rádio de pilhas e um livro sobre a vida e as ideias de Darwin, dentro de um ônibus, Pedro observa as pessoas e a cidade ao longo do seu caminho.

O foco narrativo é em terceira pessoa. Ele ora se aproxima de Pedro ou de Rosane – para mostrar o que os protagonistas estão vendo, pensando e sentindo – ora se afasta deles – para fazer reflexões e ironias. Estas surgem em comentários que o narrador tece sobre Pedro, ao enfatizar, de maneira bem humorada, sua falta de compreensão. Por exemplo, em uma das cenas em que o protagonista está lendo seu livro dentro do ônibus, o narrador faz o seguinte comentário: “Pedro continuava a ler seu livro. Entendia perfeitamente o que lia – era simples, ou tinha sido simplificado com habilidade.” (Figueiredo, 2010, p. 22).

Passageiro do fim do dia oscila entre descrições minuciosas - do meio urbano e dos personagens - e narrações comovedoras de vidas, incluindo situações degradantes de exploração do trabalho. A história central se passa dentro do

ônibus ao longo da viagem. Nela não há nenhum diálogo entre Pedro e outros passageiros, e as falas que se dão dentro do ônibus, na maior parte das vezes, não configuram exatamente diálogos, mas apenas reclamações ou xingamentos ouvidos pelo personagem. Pedro por vezes observa a paisagem da janela do ônibus, observa as pessoas dentro do ônibus, ouve seu rádio e lê o seu livro. Interações maiores e diálogos entre personagens acontecem nas curtas histórias lembradas por Pedro. Essas lembranças parecem se soltar de sua memória e ganhar vida própria, na voz do narrador em terceira pessoa, que assume o comando, apresentando até os pensamentos e sentimentos de outros personagens, como podemos observar na passagem abaixo:

Já o pai de Rosane esfriou de repente por dentro: uma corrente gelada desceu até os pés. Com uma clareza também fria, entendeu que ele já contava com aquilo ou com algo parecido desde o início, desde o caminhão parado lá na praça. A primeira coisa que pensou e que o preocupou a sério foi que as pessoas na fila iam ficar irritadas com ele. (Figueiredo, 2010, p. 114)

Esse narrador em terceira pessoa, no entanto, não se coloca na posição de onisciente, ou, pelo menos, brinca com a possibilidade de se ter um olhar capaz de abarcar tudo, ao fazer questionamentos, em vários momentos da narrativa, sobre o que acontecia: seria um narrador, nas palavras de Marcelo Pereira, “*dubisciente*: aquele que, recusando-se à onipotência de tudo saber, contenta-se em saber da sua dúvida.” (Pereira, 2013, p. 215). É o que acontece quando o narrador descreve o momento em que o motorista do ônibus abaixa a batinha da calça:

Dirigia muitas vezes assim por causa do calor do motor, que apesar de todos os cuidados da oficina escapava por baixo do capô, bem ao lado de seus tornozelos. Mas podia não ser tanto por isso, talvez tivesse alguma alergia na pele, ou quem sabe ele achava naquilo alguma graça, algum charme, ou vai ver tinha um valor pessoal, porque havia aprendido aquilo com alguém muito tempo antes, alguém que ele admirava. (Figueiredo, 2010, p. 86)

O narrador narra fatos aparentemente desconexos, curtos “casos” que se passaram com diferentes personagens, especialmente sobre a família, os amigos e conhecidos de Rosane. Não existe uma trama única e complexa que envolva todos os acontecimentos, que ligue todos os personagens, apenas o fato de a maioria das histórias apresentarem um tema social: as dificuldades por que passam os socialmente excluídos. Mesmo quando a história contada é sobre os advogados que frequentam o sebo de Pedro, neles o que se destaca é a mesquinha e a

sordidez. Mas se a narrativa não tem um espaço muito grande no romance, a descrição tem um papel fundamental.

Se a representação da cidade depende da criatividade do artista, Rubens Figueiredo parece ter cumprido bem sua função ao descrevê-la. A caracterização dos personagens e da cidade é essencial até mesmo para se entender a composição do romance. Na cidade pós-industrial representada por Rubens Figueiredo há pouco espaço para a interação no dia a dia. O excesso de imagens privilegia o olhar, mas a vida na cidade não contribui para aproximação entre as pessoas. Se não há contato, se não há relações profundas, não tem como haver espaço para a narrativa. A descrição é uma consequência do sistema capitalista, como afirma Lukacs:

O predomínio da descrição não é apenas efeito, mas também se torna causa: causa de um afastamento ainda maior da literatura em relação ao significado épico. A tirania da prosa do capitalismo sobre a íntima poesia da experiência humana, a crueldade da vida social, o rebaixamento do nível de humanidade são fatos objetivos que acompanham o desenvolvimento do capitalismo e desse desenvolvimento decorre necessariamente o método descritivo. (Lukacs, 1965, p.61)

Há uma visão pessimista na descrição da cidade e dos protagonistas em *Passageiro do fim do dia*. Os personagens são alienados e parecem incapazes de sair da situação de alienação em que se encontram. Pedro apresenta dificuldades em se concentrar por muito tempo por ser uma pessoa distraída. Rosane tenta entender o mundo a sua volta, mas não consegue. O fato de os protagonistas não terem uma visão do todo e uma opinião formada talvez seja uma forma de o romance não ser ideologicamente comprometido. Os personagens observam tudo que está a sua volta, mas cabe ao leitor tirar as suas conclusões.

A descrição da parte concreta da cidade é feita de modo criativo, utilizando imagens que fazem com que ela não seja uma simples enumeração de adjetivos, mas um convite à imaginação. A descrição pode nos remeter a experiência que os habitantes da cidade têm ao ter de esperar um ônibus que demora demasiadamente ou que se vê em um ambiente extremamente barulhento, quente e sufocante. O contraste no uso das palavras para se definir a cidade como em “poste de concreto” e “fios bambos”, dão leveza à descrição. Apesar do tom seco da narrativa, há a formulação de imagens, em algumas cenas, de forma mais poética:

Não havia nada entre o sol e as cabeças de todos ali, a não ser a parte mais alta do poste de concreto e os fios bambos de eletricidade ou de telefone, que lá em cima irradiavam para os dois lados numa simetria de costelas. (Figueiredo, 2010, p. 8)

Os meios de comunicação surgem em vários momentos da narrativa. Em consonância com o que diz Canclini a respeito da formação de uma cultura mundo através da homogeneização das práticas culturais dos consumidores, percebemos que os protagonistas de *Passageiro do fim do dia* passam boa parte do tempo assistindo programas de rádio e televisão e propagandas de fácil apreensão e que não incitam neles nenhum pensamento crítico. Rosane, diante da televisão, não faz nenhuma indagação, suas reflexões surgem quando ela tenta compreender a sua realidade, e Pedro, ao ouvir o rádio, também não reflete sobre as informações que a locutora apresenta, suas considerações também são feitas através da observação daquilo que vivencia ou vivenciou.

Rubens Figueiredo procura mostrar outros problemas que estão na raiz de uma sociedade extremamente desigual. Muitas das histórias que Rosane contou para Pedro são sobre exploração no trabalho pelos chefes gananciosos ou pelas empresas que visavam o lucro através do prejuízo dos funcionários. É possível fazer uma leitura marxista do livro levando-se em consideração o tema da alienação do trabalho⁵, pois os trabalhadores do romance não apresentam nenhuma identificação com aquilo que desenvolvem, eles são sempre explorados pelos patrões recebendo um salário miserável, além de sua mão de obra ser totalmente descartável e desvalorizada por empresas que não querem pagar os direitos trabalhistas e que fogem dos impostos e até fecham as portas e desaparecem sem pagar o que deviam aos funcionários.

⁵ Marilena Chauí assim define alienação: “O trabalho alienado é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho, porque as condições desse trabalho, suas finalidades reais e seu valor não dependem do próprio trabalhador, mas do proprietário das condições de trabalho” (Chauí, 1980, p.55). Leandro Konder observa: “[Marx] verifica que numa sociedade voltada para a produção de mercadorias se manifesta uma cisão entre o produto e o produtor; e o mundo do produto – da mercadoria – passa a impor as suas exigências e os seus valores ao mundo dos produtores... Marx se pergunta por que o produto do trabalho se *aliena* do trabalhador e conclui que isso ocorre porque tal produto, antes mesmo da realização do trabalho, pertence a outrem que não o trabalhador. E é levado a considerar o sistema de propriedade que promove a desapropriação do trabalhador em relação ao produto do trabalho”. (Konder, 2009, p.42) De acordo com o *Dicionário do pensamento marxista*, “...o homem aliena de si mesmo os produtos de sua atividade e faz deles um mundo de objetos separados (...) como o qual se relaciona como um escravo, impotente e dependente. (...) Mas o homem não só aliena a si mesmo seus próprios produtos, como também se aliena a si próprio da atividade mesma pela qual os produtos são criados...” Um importante passo para uma “desalienação da vida econômica” consistiria na “autogestão dos produtores”. (Bottomore, 2001, p. 6 e 8)

Porém, apesar do seu comprometimento político, Figueiredo não levanta bandeiras. Seu livro conta a história de homens e mulheres pobres, explorados e vítimas de um sistema que, para se manter, ofusca a visão dos personagens. Mas ele apenas aponta para fatos que muitas vezes não são colocados em discussão, ficando as reflexões a cargo dos leitores.

O tom crítico de sua narrativa se aprofunda se tomarmos como base de comparação duas passagens distintas na narrativa: o momento em que um carro importado para ao lado do ônibus de Pedro no trânsito e a contratação de uma amiga de Rosane para trabalhar na empresa de advocacia de Júlio, amigo de Pedro. No primeiro episódio, um cachorro que viaja com conforto em um carro com poltronas de couro apresenta “olhos inteligentes”.

O cachorro, que viajava em seu banco de couro, talvez tivesse mais sorte. Talvez fosse para algum endereço próximo dali – era mesmo o mais provável. E lá, com a cabeça enfiada entre os balaústres da varanda de um apartamento no décimo quinto andar, o cachorro ia poder observar, com seus olhos inteligentes, o grande engarrafamento lá embaixo. (Figueiredo, 2010, p. 21)

No segundo episódio, a amiga de Rosane não apresenta a postura esperada para trabalhar na empresa porque falava alto demais, cuspiam, falava palavrões, pegava a comida dos colegas sem pedir e chega a ser comparada a “um bicho” pela própria amiga:

Uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa – com vergonha, com susto de estar dizendo aquilo: um bicho. Mas foi o que alguém no escritório falou, na hora, e foi o que Rosane pensou e, com medo, atenta, para testar, repetiu a palavra na cabeça. (Figueiredo, 2010, p. 62)

Portanto, como é possível perceber a partir dos dois trechos citados, o ser humano é caracterizado como um animal, e o animal, se não apresenta características de ser humano, leva uma vida mais digna do que ele. Nestas passagens, nota-se uma vez mais a verve crítica de *Passageiro do Fim do dia*: expõe-se uma sociedade onde animais domésticos têm uma vida mais confortável que muitos seres humanos, sendo que muitos destes últimos, em razão de suas péssimas condições de vida, tornam-se bestializados.

A cidade de *Passageiro do fim do dia* é caracterizada, especialmente, como um lugar desconfortável, estressante, sujo e barulhento. Pedro, ao esperar pelo ônibus, no início do romance, se vê desconfortavelmente em pé, debaixo de

um sol forte. O ônibus demorava e ele estava cercado por “bafo de urina e de lixo, a calçada feita de buracos e poças, o asfalto ardente (...) quase a ponto de fumegar” (Figueiredo, 2010, p. 8). Os “vidros meio soltos nas janelas e placas frouxas de metal trepidavam dentro e fora do ônibus” (Idem, p. 8). O barulho provavelmente contribui para aumentar o estresse e o isolamento entre as pessoas, já que “era tão alto o barulho à sua volta que Pedro só podia ouvir e entender quando alguém falava muito alto” (Idem, p. 27). Dentro do ônibus o ambiente não é nada tranquilo, pois “... o ônibus andava, freava, em arrancadas curtas, bruscas. (...) Todos se sacudiam para frente e para trás” (Idem, p. 50). Pedro se sente privilegiado por fazer a viagem sentado, pois o ônibus ficava sempre lotado e ele “era espremido pelos passageiros” (Idem, p. 86). Quando um homem tentou passar pelo corredor com sacolas de compras, espremia as costas dos passageiros, que “chegavam a prender a respiração e encolher a barriga” (Idem, p. 147). Há muitos momentos em que o trânsito é lento e há engarrafamentos. Até as notícias que Pedro ouve no seu rádio falam em “engarrafamentos do outro lado da cidade” (Idem, p. 150). Mas, quando se caracteriza o mundo dos ricos, percebe-se o contraste presente nas “paredes limpas e pintadas”, com “aparelhos eletrônicos novos”, o piso “reluzente” de um escritório de advocacia e os objetos novos e caros pertencentes aos personagens, na sua maioria juízes frequentadores da loja de Pedro. (Idem, p. 61)

Quase tudo na cidade parece gerar ansiedade, irritação e impaciência nos personagens, e esses vocábulos e seus derivados aparecem repetidas vezes. Dentro do ônibus, “o nervosismo das pessoas só conseguia se expressar em frases e exclamações soltas, não se encadeava numa conversa” (Figueiredo, 2010, p. 34). Os motoristas “rogavam pragas contra todos, contra tudo, xingavam a esmo” (Idem, p. 86). A tia de Rosane “tomava pílulas para os nervos” (Idem, p. 37). O pai de Rosane, na fila do médico para tentar conseguir sua aposentadoria, ouvia “os resmungos dos nervosos” (Idem, p. 104). Na fila da caixa do supermercado onde Rosane fazia compras, o pai dela se preocupava porque as pessoas na fila iriam ficar irritadas devido à demora no pagamento das compras e em seguida “uma falta de paciência começava a dominar” (idem, p. 115). Em uma *lan house* que fica próxima à loja de livros usados de Pedro, um jovem que acompanhava o colega que jogava, falava “num ritmo ansioso, brusco” (idem, p. 135).

Os passageiros são conduzidos pelo ônibus, desconfortavelmente, em seu incerto e instável trajeto. Incerto porque, devido à violência na cidade, sua rota pode ser alterada a qualquer momento, como no caso da viagem que Pedro faz e que deixa todos os passageiros preocupados com a mudança do itinerário. O livro termina e nem ao menos sabemos se ele chegará ao destino. Instável por causa dos arranques e freadas bruscas, às vezes andando com velocidade, outras, parado no engarrafamento, sempre uma incógnita, uma mudança repentina. De certa forma podemos comparar o ônibus com os personagens socialmente excluídos, pois suas vidas também são instáveis, seus ofícios são incertos, e a qualquer momento suas vidas podem ser alteradas por algum incidente (violência, demissão, falência da fábrica). Esses personagens estão sempre tendo que se adaptar às difíceis circunstâncias da vida, assim como os animais estudados por Darwin – tema do livro que Pedro lê – adaptam-se ao meio e buscam sobreviver na difícil batalha pela vida. O futuro dos mais pobres é quase que imprevisível e eles não têm muito controle sobre ele, pois estão em situação desprivilegiada se os compararmos com os mais ricos e detentores dos meios de produção. O destino do ônibus e dos personagens parece incerto. No final do romance, Pedro se imagina no Pantanal, de noite, onde “ele não enxergava nada” (Idem, p. 196). Sua imaginação pode representar essa incerteza, a insegurança, o destino incerto que é realçado na última frase do livro: “Alguém lá na frente perguntou e Pedro ouviu o motorista responder que, se o trânsito não piorasse nem tivessem de desviar o itinerário, faltavam só uns quinze minutos para chegar.” (Idem, p. 197). O final fica em aberto, não há um desfecho, assim como as vidas dos mais pobres têm um amanhã indefinido, à mercê dos acontecimentos e processos que eles não controlam, como veremos mais adiante nas várias histórias relacionadas ao mundo do trabalho.

A região mais pobre da cidade, como é o caso do bairro Tirol, onde mora a namorada de Pedro, é caracterizada como um local decadente e abandonado. Há menção à falta de iluminação que poderia acontecer se os transformadores fossem incendiados ou destruídos por tiros de fuzil, fato que “não chegava a ser raro” (Figueiredo, 2010, p. 83). Também é mencionada a falta de calçamento que fazia com que as ruas se enchessem de poças quando chovia: “não havia calçada propriamente dita, só lama seca e um capim meio chamuscado” (Idem, p. 83). A falta de reformas e reparo é apontada quando o ônibus de Pedro para embaixo de

“uma passarela de pedestres toda feita de placas de aço unidas com milhares de rebites e um tanto enferrujadas.” (Idem, p. 84).

A perda da experiência do urbano que afasta as pessoas contribui para diminuir a solidariedade e o sentimento de pertencimento, citada por Canclini, é realidade de muitos dos moradores do Tirol e também dos personagens mais ricos. É Rosane quem observa que muitos dos seus vizinhos nunca saíram do bairro:

Quase que só saíam quando precisavam ir a algum hospital ou providenciar algum documento. Ir ao centro da cidade, a quase quarenta quilômetros dali, como fazia Rosane, e ainda por cima todos os dias, era uma coisa que algumas de suas colegas de infância achavam estranho e até ruim. Para algumas, era mesmo impensável. Torciam a cara só de imaginar. Havia quem nunca tivesse ido ao centro. Algumas de suas amigas que nunca tinham ido a nenhum bairro a mais de dez quilômetros de distância, Rosane explicou. (Figueiredo, 2010, p. 56)

Ao mesmo tempo em que ocorre um distanciamento entre os moradores das regiões da cidade afastadas geograficamente e economicamente, há uma aproximação entre os moradores da periferia, onde a distância entre os corpos diminui, como afirma Sarlo. A autora também afirma que há uma relação maior de solidariedade devido à aproximação ou ao medo dos delinquentes. No romance de Figueiredo, o personagem Júlio, amigo de Pedro, observava “que era comum morarem todos juntos, com as famílias, em casas muito próximas ou enfileiradas, como pequenas aldeias de índios...” (Figueiredo, 2010, p. 75). E a aproximação entre os moradores do Tirol que se conheciam e até tinham estudado na mesma escola, faz com que eles se ajudem se apoiem nas situações diversas.

Contudo, entre os moradores da Várzea e do Tirol, bairros que estão muito próximos, a violência e a falta de aceitação causam raiva e distanciamento entre seus moradores. Os bairros abrigavam grupos rivais ligados ao comércio varejista de drogas e apareciam nos “noticiários de crime” (Figueiredo, 2010, p. 54).

Assim como o bairro Tirol, os hospitais também são descritos como locais abandonados, com serviços precários, e até os funcionários dessas instituições têm a aparência decadente. Pedro, quando sofreu o acidente no qual fraturou a perna, teve que ficar “mais de três horas simplesmente à espera de uma vaga no centro cirúrgico” (Figueiredo, 2010, p. 42). O hospital em que foi operado estava em péssimo estado: “de vez em quando passava devagar e tateante uma baratinha”, “algumas lascas tinham descolado do piso de borracha” e “a tinta branca dos tubos de ferro dos leitos estava envelhecida, amarelada” (Idem, p. 68). Nesse

mesmo hospital, um homem sem memória se recuperava de um acidente e os funcionários estavam preocupados em saber para onde o mandariam quando melhorasse. Essa passagem evoca o desamparo e a não existência de políticas públicas para essas situações específicas. Em outro momento da narrativa, um médico que atendia o pai de Rosane é descrito como um homem “de cabelo branco e sujo, dentes amarelos de cigarro, pescoço feito galho seco” (Idem, p. 104). Outro médico de instituição pública que examina o pulso de Rosane tinha o “ar cansado, rosto contraído por rugas meio avermelhadas” e tinha “um maço de cigarros no bolso do jaleco” (Idem, p. 157). Rosane teve que ir apressadamente ao hospital, após suas amigas indicarem o nome de dois médicos, e ainda teve que esperar duas horas para ter a chance de ser atendida. Isso indica que o atendimento não é generalizado e que é comum os desfavorecidos ficarem sem assistência médica. O local onde ela teve que fazer fisioterapia por causa da lesão nos pulsos também não se mostra muito confiável, pois “a sala ficava num subsolo um pouco úmido: uns quinze pacientes ao mesmo tempo” (Idem, p. 159). O cenário próximo a um hospital também passa a noção de descaso e falta de investimentos na saúde pública, que é a opção dos excluídos, pois estava estacionada uma “ambulância sem uma das rodas” (Idem, p. 156). Nesse mesmo lugar, um médico pergunta para outros funcionários: “tem gesso aí hoje?” (Idem, p. 157), revelando que faltava até o material mais básico para o atendimento.

Os presídios também não fogem a essa realidade deteriorada. A comida era “intragável, mesmo para quem estava habituado a comer muito mal” (Figueiredo, 2010, p. 173), sendo servida estragada e até com larvas. Alguns presos pagavam propinas por melhores alimentos. Alguns familiares costumavam levar mantimentos nos dias de visita. Mas mesmo assim, ao sair, todos tinham que pagar pela comida, mesmo se não tivessem comido, pois havia uma “espécie de contrato que eles assinavam ao entrar, sem saber direito ou sem querer saber o que estavam assinando” (Idem, p. 173). Os ex-presidiários eram atendidos por um escritório de advocacia que prestava serviços gratuitos. Eles são descritos como “homens e mulheres escuros”, com a “pele suada” e “os rostos meio voltados para o chão”. Já o advogado que os atendia estava “de terno e gravata vistosa, orelhas perfeitas” (Idem, p. 174). Em outro momento da narrativa, Rosane conta para Pedro sobre um amigo seu que esteve em celas lotadas, com “dezenas de presos misturados” (Idem, p. 177). Nestes, como em outros momentos da narrativa, fica

clara a discrepância entre o mundo dos ricos e o mundo dos pobres, que se revela também na aparência das pessoas.

O fato de os presidiários serem caracterizados como negros pode revelar mais um dado que Rubens Figueiredo incorporou ao livro para fazer uma ponte entre a realidade brasileira atual e seu passado histórico. A passagem de Darwin pelo Brasil na história lida por Pedro também faz essa relação ao mencionar a escravidão e os senhores de engenho. Há muitas semelhanças na caracterização dos personagens mais ricos com os senhores de engenho, e dos mais pobres com os escravos.

Além do cenário arruinado e dos serviços prestados em favor dos mais pobres serem precários, a justiça é lenta e desigual. Em um episódio no qual o pai de uma amiga de Rosane trabalhava em uma empresa que fechava e reabria com um nome diferente “para não ter de pagar os direitos trabalhistas” (Figueiredo, 2010, p. 159), ele fica sem indenização nem aposentadoria, “tudo parado para sempre na Justiça” (Idem, p. 159). Rosane queria processar a empresa de mate em que trabalhou, mas “eles tinham um funcionário no tribunal a quem pagavam para empilhar as pastas dos processos num canto” (Idem, p. 159). Os processos ficavam com “mofo” e alguém “viu até aranhas nas pastas” (Idem, p. 159). Um amigo de Rosane estava em uma “prisão temporária” há quase um ano aguardando sua sentença (Idem, p. 175).

Por outro lado, a Justiça funciona para os ricos de uma maneira diferente. Júlio e seu patrão conhecem os meandros da Justiça e as formas de fazer com que o processo “não morresse em uma prateleira da Justiça” (Idem, p. 76). Um advogado que defendia uma empresa acusada de vender materiais de má qualidade para hospitais públicos protelava decisões desfavoráveis: “a questão para o advogado consistia em adiar, questionar documentos, produzir petições, impugnar pareceres, perícias e testemunhas, além de evitar ao máximo a divulgação do caso” (Idem, p. 172). O pai de Rosane só conseguiu sua aposentadoria graças “a uma mulher do departamento pessoal de uma empreiteira onde ele trabalhava antes” (Idem, p. 105), que indicou o nome de uma conhecida que trabalhava no instituto de aposentadorias. Aqui, como em outras passagens do

livro, as indicações de pessoas amigas que “dão um jeito” são fundamentais para que os mais pobres consigam algum benefício.⁶

Violência e corrupção também são características presentes nessa cidade que surgem na descrição da polícia. Pedro é ferido por uma polícia truculenta que reprime uma manifestação, sendo que ele nem participava dela. Outro personagem, conhecido de Rosane, trabalhava em uma oficina que revendia peças de motos roubadas. A polícia “logo descobriu, eles passaram a ter de pagar aos policiais” (Figueiredo, 2010, p. 58). Isso aumentava a criminalidade, pois eles tinham que aumentar as vendas de modo a assegurar também o dinheiro dos policiais. Outro caso de corrupção policial surge quando encontraram drogas na casa de um amigo de Rosane: “acharam drogas dentro da roupa dele – ou puseram lá – tanto faz” (Idem, p. 175). No episódio, houve truculência: “começaram a revirar as roupas com a ponta dos fuzis”. Depois, as jogavam “para longe, para cima” (Idem, p. 175). Abordagem desse tipo é feita com os mais pobres.

A violência brutal e banal também está presente no jogo de videogame que Pedro observa alguns meninos jogarem, em uma *lan house* próxima ao seu sebo, e que lembra um jogo chamado Grand Theft Auto (GTA)⁷, jogado por jovens da atualidade. Nele, o jogador assume o controle de um personagem que bate e atira em outros personagens, inclusive mulheres, rouba carros e ganha pontos por isso. Várias páginas do livro descrevem esse jogo que banaliza a violência e a insere no cotidiano dos jovens. Interessante observar que o criminoso do jogo é pardo, o que alude à questão racial. No Brasil, essa temática é presente – boa parte dos presidiários é negra e parda.

De fato, enquanto um número piscava duas vezes no alto da tela, surgiu uma arma na mão do jovem de pele cor de café com leite. Ele moveu a cabeça para um lado e para o outro com o mesmo gesto uniforme, num ritmo de máquina, de novo com as pernas e os braços levemente flexionados, a postos para correr. (Figueiredo, 2010, p. 139)

Beatriz Sarlo, em *A cidade vista*, afirma que a cidade real e a cidade imaginada se influenciam dialeticamente. O jogo de vídeo game parece ser uma

⁶ Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda apresenta o conceito do “homem cordial”. De acordo com o autor, a cordialidade do brasileiro se estende da esfera pessoal, do ambiente privado, para a esfera social.

⁷ O Grand Theft Auto é uma série de jogos de computador e vídeo games na qual o jogador assume o personagem de um criminoso que anda por ruas de uma cidade fictícia dominada pelo crime, e que deve cumprir missões como, por exemplo, o roubo de carros. Informações encontradas em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grand_Theft_Auto>.

evidência dessa dialética. A realidade violenta das cidades grandes influenciou a criação de um jogo bárbaro e, ao mesmo tempo, esse jogo influencia os jogadores a agirem brutalmente, ainda que no mundo virtual. Isso é ilustrado quando um dos garotos diz ao outro: ‘ “Vai, não pode perder tempo, pega logo a pistola. Não vai atirar só porque é mulher?” atçou o menino de pé, num tom de voz impaciente, dando a entender que se fosse ele agiria mais rápido’ (Figueiredo, 2010, p. 141).

Os mesmos atributos violentos e corruptos são características das forças armadas e surgem nos relatos de Rosane a respeito de um amigo de seu pai que foi soldado e gostava de contar histórias. É também mais um momento em que o romance faz uma ponte com o passado histórico brasileiro, pois ele conta sobre um período em que “os militares mandavam em tudo” (Figueiredo, 2010, p. 185), aludindo à ditadura militar. Nessa época, ele era conhecido como o “Trinta”, fato que é indício da maneira pela qual os soldados eram tratados: rebaixados a números, perdendo, assim, um pouco de sua identidade. Ele conta que os soldados eram “espancados pelos oficiais, humilhados pelos sargentos” (Idem, p. 185), obrigados a lutar entre si, e, por isso, viviam com hematomas pelo corpo. O personagem também conta que eles eram levados em um caminhão, sem saber para onde estavam indo, e quando chegavam ao destino “Os sargentos abriam as abas da lona, mandavam descer e diziam que os comunistas estavam lá – terroristas, subversivos” (Idem, p. 186). Os soldados “partiam para cima das pessoas – uma reunião, um comício, uma passeata, o que fosse” (Idem, p. 186-187). Na lembrança dele, eles mal sabiam em quem estavam batendo: “E nem viam nada, nem enxergavam quem estava na frente, iam espancando”, “a gente nem enxergava nada” (Idem, p. 187).

Interessante observar que o fato de não ver parece ter um duplo sentido. Além de não olharem quem estava na frente, a visão, ou a falta dela, tem o sentido também da falta do conhecimento, da falta da reflexão a respeito do que eles estavam fazendo, metáfora que é utilizada em outros momentos do romance para caracterizar outros personagens. Também podemos observar que Figueiredo parece querer estabelecer, ao longo do livro, várias relações entre o passado e o presente, ações que continuam, ainda que de uma maneira diferente, sendo reproduzidas até hoje. Casos de truculência policial, como este, permanecem, como aconteceu na manifestação em que Pedro foi ferido, sem nem mesmo saber o que estava acontecendo, sem saber o porquê da repressão policial, e isso em um

período democrático. Esse episódio mostra o quão atual é o romance de Figueiredo, pois, três anos após seu lançamento, eclodiram as manifestações de rua no Brasil e os casos de abuso de força por parte da polícia tornaram-se alvo de muitos debates.

O ex-soldado conta outras histórias da época em que servia ao exército. Certa vez em que ele estava de sentinela, mirou em uma coruja, no escuro, sem saber o que era, mas seu tiro acabou acertando a escrivania de um oficial. Como consequência de seu ato, ele foi “zombado, xingado, chutado, levado para o porão” (Figueiredo, 2010, p. 189). Essa e outras passagens mostram como os soldados são tratados com brutalidade e são ensinados a serem brutos também, tornando-se aptos a serem repressores de manifestações e outros eventos. Vemos, pois, como se forma um soldado truculento. Nesse episódio o personagem fala nos “porões do quartel”, onde os presos “levavam surras” e podiam até “sumir da noite para o dia” (Idem, p. 188), fazendo referência aos “porões da ditadura”, locais onde os presos eram torturados, e aos desaparecidos políticos. Esses foram temas da Comissão Nacional da Verdade que, no final de 2014, publicou um relatório sobre as arbitrariedades e desaparecidos políticos, mais um sinal da atualidade do livro de Rubens Figueiredo.

O ex-militar também conta que uma vez, cumprindo ordens, não deixou um homem que estava bêbado e sem identificação entrar no quartel. Mais tarde ele soube que se tratava do major. Ele então foi preso e levado a julgamento, e só não foi condenado porque conhecia um “coronel mais velho” (Figueiredo, 2010, p. 191) que tinha simpatia por ele. Essa e outras histórias do “Trinta” mostram como os integrantes da alta hierarquia militar eram violentos e cruéis. A baixa hierarquia era humilhada e sofria. O Exército pode ser visto como um protótipo da sociedade, também hierárquica, injusta e violenta com os subalternos. Se no passado havia repressão política, tortura e falta de democracia, hoje os mais pobres continuam sofrendo com um cotidiano violento, com o abuso de policiais e os desmandos no mundo do trabalho.

Aliás, a exploração no mundo do trabalho é outro tema recorrente em *Passageiro do fim do dia*. Na família de Rosane e na vida de seus amigos os abusos por parte dos patrões são constantes. O pai dela foi caseiro em um sítio cujo proprietário “não lhes pagava um salário fixo” (Figueiredo, 2010, p. 32), eles tinham que plantar para ter o que comer, e quando o dono chegava “se julgava no

direito de levar o que tivessem produzido” (Idem, p. 32). Ele também trabalhou em obras sem receber a proteção necessária: “de tanto trabalhar descalço, sem luvas, ele pegou uma alergia ao cimento cru” (Idem, p. 100). Os amigos do pai de Rosane também trabalharam em empreiteiras onde “não tinham hora para ir para casa, os pagamentos atrasavam” e também “levavam calotes do patrão”(Idem, p. 117), ficando sem receber o salário, “o dono da obra sumia, o escritório fechava de repente e eles nem tinham de quem cobrar” (Idem, p. 117). Esses episódios mostram o trabalho alienado, no qual o trabalhador não tem o menor controle sobre seu destino. A referência às empreiteiras é mais um tema contemporâneo, já que nas investigações da operação “Lava Jato”⁸ de 2014, várias empreiteiras foram investigadas por estarem envolvidas em casos de corrupção.

Assim como seu pai, Rosane foi muito explorada. Quando trabalhava de copeira na firma em que trabalhava Júlio, amigo de Pedro, ela “era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia alguns serviços no computador” (Figueiredo, 2010, p. 45). Até mesmo Pedro reflete, depois de passar a conviver com a namorada, que os patrões seriam capazes de “retirar até a última gota de energia de Rosane e deixá-la exaurida”, “em troca de um salário que era pouco mais do que nada” (Idem, p. 183). Sua experiência também não foi boa ao trabalhar em uma fábrica de mate. De tanto virar copinhos na esteira, um trabalho alienado e repetitivo, sofreu uma lesão no pulso. A existência de vários casos de problemas de saúde devido ao trabalho mostra como muitos trabalhadores sofrem com as más condições de seu ofício e, por isso, muitos pobres têm marcas nos corpos. Muitos desses problemas não estão à parte das questões sociais. Rosane acaba sendo demitida e ainda sofre descontos pelos dias em que não trabalhou quando estava machucada, os minutos de atraso foram descontados “catados com pinça matemática, centavo por centavo” (Idem, p. 158). A fábrica era minuciosa ao descontar o dinheiro dos

⁸ A Operação Lava Jato, deflagrada em 2014, investiga um conjunto de indivíduos, como funcionários da Petrobrás, dirigentes de empreiteiras e figuras do meio político, que estariam envolvidos em casos de desvio de verbas e lavagem de dinheiro. As investigações têm sido feitas pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal e têm revelado indícios de que as empreiteiras organizavam-se em forma de cartel e pagavam propinas a funcionários da Petrobrás de modo a vencer licitações. O esquema envolveria ainda partidos políticos, que receberiam dinheiro – por vezes registrados como doação legal – em troca do favorecimento de contratos com a estatal. Fonte: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/04/entenda-operacao-lava-jato-da-policia-federal.html>> (acesso em 28/07/2015)

trabalhadores, mas descuidada quanto às condições de trabalho e saúde dos mesmos.

Figueiredo descreve uma cidade repleta de casos de exploração e ganância que recaem especialmente na figura dos patrões. Algumas amigas de infância de Rosane, que trabalhavam como cozinheira e faxineira, tinham que se matricular na escola para que os patrões não precisassem lhes pagar a passagem de ônibus (Figueiredo, 2010, p. 56). O pai de Rosane trabalhou em uma firma que fechava e reabria de dois em dois anos, com outro nome, “para não ter de pagar os direitos trabalhistas aos empregados e poder fugir de impostos” (Idem, p. 57). Mas, uma empresa de roupas onde uma amiga de Rosane trabalhou mostra mais claramente esse abuso por parte dos patrões. A empresa contratou uma modelo para fazer uma campanha de publicidade e a loja passou a vender “como ela nunca tinha visto naqueles nove anos” (Idem, p. 152). Três meses depois a loja começou a retirar todos os benefícios que os empregados tinham, como as comissões por vendas. Por fim, demitiram todos os empregados mais antigos, contratando novos por um salário mínimo. Além desse episódio se associar com a ideia de que quanto mais rico, mais ganancioso se torna o patrão, também apresenta mais um caso de trabalho alienado, no qual o trabalhador não tem nenhum controle sobre sua vida. Em termos marxistas, todos esses episódios mostram a subordinação do trabalho ao capital.

O livro também apresenta vários casos de trabalho informal, precário, que implicam em instabilidade. Há menção a um homem que “vendia peixes na calçada” (Figueiredo, 2010, p. 167), e a uma mulher que “fazia churrasquinhos” (Idem, p. 167) utilizando o aro de ferro de um ônibus. Também aparecem no livro “catadores de ferro velho” (Idem, p. 194) em busca de material para vender, que atuavam na região chamada Pantanal, parte do Tirol que foi área militar, e que por isso ficou cheio de explosivos não detonados. Outro personagem pobre é um menino que ajudava em obras e reformas “em troca de comida ou qualquer dinheiro miúdo” (Idem, p. 176). Além da exploração, o autor toca na questão do trabalho infantil. Bauman afirma que muitos dos medos da sociedade são alimentados pela presença desses indivíduos excluídos do mercado de trabalho e que vivem em bairros periféricos.

Outra faceta da cidade descrita por Rubens Figueiredo em *Passageiro em Passageiro do fim do dia* é a violência cotidiana. Para a parcela mais pobre da

população, que conhecemos no livro através da realidade vivenciada por Rosane, percebemos a banalização da violência quando, por exemplo, Pedro ouve alguém no ônibus dizer que “o celular não pega, já tentei. Vai ver tacaram fogo naquelas antenas *de novo*” (Figueiredo, 2010, p. 27), o que dá a entender que são comuns atos de protesto. Também durante a viagem, Pedro fica sabendo que estavam incendiando ônibus e por isso eles não poderiam seguir até o fim do trajeto, pois na empresa “Não queriam ter *mais* ônibus incendiados” (Idem, p. 51). No trecho em que uma amiga de Rosane conta a história de quando foi baleada, descreve a cena mostrando familiaridade com relação ao assunto: “a mulher especificou em números o calibre e o modelo da pistola. Mostrou, com dois dedos bem separados no ar, o tamanho da bala” (Idem, p. 169). Quando o ônibus de Pedro passa pela Praça da Bigorna, um passageiro diz com “satisfação” que ali havia ocorrido algum tipo de protesto: “barricadas de pneus, lixo e carro virado, e tinham ateado fogo em tudo”. (Idem, p. 88).

A banalização e a familiaridade desses personagens com a violência revelam também a proximidade entre pobreza e criminalidade. Durante seu esforço para conseguir a aposentadoria, o pai de Rosane já “estava disposto a pensar bobagens” (Idem, p. 105). Pode-se imaginar que ele cogitava se matar, ou até mesmo roubar. Um amigo de Rosane que estava preso tinha uma história triste, era o único aluno que “ia para a escola sozinho, sujo, e também ia embora sozinho” (Idem, p. 175). Ele apanhava da mãe e era repreendido pelos professores. Esse caso mostra que a criminalidade tem raízes sociais, estabelecendo, novamente no romance, uma relação de causa e consequência a respeito de alguns problemas enfrentados pela sociedade.

A violência no bairro de Rosane, o Tirol, foi aumentando com o passar do tempo, como ela mesma observa: “as brigas de soco e de pedradas se transformaram em tiroteios, os revólveres deram lugar a fuzis e depois a granadas” (Figueiredo, 2010, p. 53). Um dos moradores citados por Rosane era “matador”, contratado pelos “chefes do bairro” para assassinar “devedores e desafetos” (Idem, p. 59). E até as crianças pobres tinham envolvimento com a criminalidade: “Pistola, revólver, até um fuzil Rosane já tinha visto nas mãos de alguns daqueles meninos” (Idem, p. 91). Mas, se andar nas ruas significa perigo, risco de assalto e insegurança, o mesmo não ocorre no espaço privado do

supermercado que Rosane frequenta, que tinha “um segurança parado a uns cinco passos, com um colete preto” (Idem, p.115-116).

Beatriz Sarlo, em *A cidade vista*, fala sobre a racionalidade e a clareza existentes no espaço do supermercado que dão a impressão de livres escolhas. Qualquer pessoa torna-se perita em consumo, utilizando esse espaço sem dificuldade. Essa “festa óptica” de que fala a autora, faz com que Rosane e seus parentes apresentem evidências de uma transformação causada por este ambiente: “o pescoço empinado, os olhos acesos, a respiração concentrada e contida num ritmo de quem guarda uma parte das energias para imprevisto.” (Figueiredo, 2010, p. 110).

A cidade representada em *Passageiro do fim do dia* aponta para a sua profunda desigualdade. O mundo dos ricos apresenta inúmeros aspectos contrastantes com o mundo dos excluídos, mas também algumas semelhanças. Uma das características visíveis nos mais humildes é a religiosidade. Pedro observa no ônibus uma passageira que tinha uma Bíblia na sacola (Figueiredo, 2010, p.10). Uma moradora do Tirol que havia passado por dificuldades financeiras e problemas de saúde “tinha passado a ouvir uma rádio religiosa, em volume alto demais – sua audição estava ruim, ela esperava milagres” (Idem, p. 57). Uma amiga de Rosane que havia passado por uma situação de violência da qual havia sobrevivido “disse que se estava ali, se ainda existia, era por causa de Deus.” (Idem, p. 168). Deus é usado para explicar a própria vida, para dar sentido a ela. Mas, nesse último caso, a amiga também fala da solidariedade dos moradores que a ajudaram fazendo curativos, dando banho nela. A vida difícil, onde os serviços públicos não funcionam adequadamente, é compensada com o apoio dos personagens carentes. O mundo dos humildes, que representa a maior parte do universo criado no livro, é muito mais próximo das explicações religiosas e sobrenaturais, que não raro se coloca contra o evolucionismo, cujo teórico mais importante é Darwin, tema do livro que Pedro lê no ônibus.

Outra ênfase do livro em relação aos mais humildes é na caracterização dos corpos. Além das já apontadas marcas do trabalho e da violência, como as cicatrizes, há menção ao excesso de peso. No ônibus de Pedro há uma “mulher gorda” (Figueiredo, 2010, p. 87) e também um homem gordo (Idem, p. 88) e uma “jovem parruda” (Idem, p. 90). No Tirol havia um morador com um “tronco volumoso como um barril” (Idem, p. 58). Andando pelo bairro, Rosane passa por

um “homem barrigudo” e por “uma mulher gorda que fazia churrasquinhos” (Idem, p. 167). Um segurança do supermercado tinha a “barriga proeminente” (Idem, p. 116). No hospital havia uma “mulher gorda” (Idem, p. 156). Um policial tinha “a barriga e as orelhas grandes” (Idem, p. 175). A recorrência na caracterização de personagens pobres como acima do peso, pode ser uma marca da alimentação inadequada, que provavelmente não se deve ao excesso de comida, mas à ingestão de alimentos muito calóricos e pouco nutritivos. Além disso, também são características dos corpos de alguns personagens pobres as rugas e a falta de dentes (Idem, p. 108, 147).

Também marca alguns personagens a falta de modos apropriados, que faz com que alguns se assemelhem aos animais. É o caso da amiga de Rosane que age com brutalidade, falava de modo difícil de compreender e que é comparada a um animal pela própria Rosane. Quando Pedro ficou internado havia um menino paupérrimo e drogado que fugiu do hospital, onde “não queriam deixar que ele comesse com a mão e catasse a comida no prato com os dedos, como ele preferia fazer” (Figueiredo, 2010, p. 94). Também lá havia um homem chamado João, que é comparado a um animal doméstico por Pedro. (Idem, p. 69). Já em outra passagem de dentro do ônibus em que Pedro viaja, um rapaz “rosnava” (Idem, p. 87). A extrema pobreza e a violência são, mais uma vez, os prováveis agentes causadores de problemas e marcas nos seres humanos, cada vez mais bestializados.

Se no discurso empreendido pelos personagens mais pobres no que se refere à violência percebemos certa familiaridade e conhecimento a respeito de tipos de armas e balas, no discurso dos mais ricos prevalece o medo e a necessidade de se proteger, de buscar a segurança máxima. Zygmunt Bauman, em *Confiança e medo na cidade*, aponta para essa “forte tendência a sentir medo” e por uma “obsessão maníaca por segurança” que muitos setores da sociedade apresentam (Bauman, 2009, p.13). Vários advogados frequentam a loja de livros usados de Pedro no centro da cidade e é lá que temos acesso ao mundo dos mais ricos. Uma jovem juíza tinha “carro com motorista e segurança” (Figueiredo, 2010, p. 123). Tal juíza apresenta “anéis que brilhavam nos dedos das duas mãos” e o nariz “lustroso de cosméticos” (Idem, p. 124), tinha “novo relógio” (124). Em uma das cenas que se passa no sebo, um ex-juiz pergunta para ela se “está

andando armada” (Idem, p. 126) e se tinha procurado o curso de tiro que ele havia recomendado. Esse mesmo juiz diz que a solução é ir para o exterior.

Outros contrastes entre o mundo dos mais pobres e o mundo dos mais ricos exploram a situação de extrema desigualdade social representada no livro. Se na representação do mundo dos mais pobres há muita dificuldade para conseguir estudar, como no caso de Rosane, e também falta de domínio da leitura e da escrita, como no caso de muitos dos amigos dela, no mundo dos ricos parece haver uma mais familiaridade com as letras. Os personagens advogados frequentam o sebo de Pedro, e isso já é um indício do interesse deles pelo conhecimento. Mas essa relação é reforçada pelas observações de Pedro que, ao ver um juiz em sua loja pensa que ele “denotava familiaridade e o respeito pelo papel e pela letra” (Figueiredo, 2010, p. 123). A familiaridade com as letras se repete ainda quando é citado o pai de uma juíza, que “Era neta de um senador de um estado distante, dono de usinas de álcool e de uma estação de tevê regional, além de ser autor de uns três livros de memórias” (Idem, p. 125). Essa mesma juíza lê livros de auto-ajuda: “Acredite em si mesmo. Você é melhor que os outros. Os bonzinhos não enriquecem” que foi “escrito por um publicitário aposentado que ensinava como ser feliz, rico e famoso.” (Idem, p. 126). Nesta última passagem, parece haver uma crítica ao tipo de literatura voltada para o individualismo, que coloca em primeiro plano o ganho financeiro pessoal. Esses livros difundem visões de mundo egoístas, e reforçam o egocentrismo tão arraigado no mundo neoliberal.

Também analisando a vida desses personagens ricos percebemos mais traços de continuidade com o passado da sociedade brasileira. O ex-juiz, já citado anteriormente, mostra-se machista, pois “preferia ter a esposa dentro de casa” (Figueiredo, 2010, p. 129). Em casa ele “nunca lavava um copo, não pendurava uma roupa no cabide” (Idem, p. 129). Ele também age como se fosse um barão da nobreza sendo atendido por seus serviçais. É interessante observar que menos de dez páginas antes desse trecho do livro, Pedro lembra-se de uma história lida no livro sobre Darwin, na qual o cientista observa a fartura de comidas e a presença de vários escravos na fazenda onde se hospeda. Estabelece-se, portanto, uma ponte entre elementos culturais de nossa formação histórica e a contemporaneidade.

Outra característica do ex-juiz, e também de seus amigos, é a corrupção. Ele arrumou um emprego para sua mulher em um tribunal, porém ela recebia mas nunca comparecia ao trabalho. A caracterização dos amigos dele aponta para um cenário de decadência e depressão, pois o final de muitos deles parece trágico: “outros estavam de cama, inválidos, outros não queriam saber de mais nada a não ser prostitutas, filmes pornográficos e doses cada vez maiores de remédios estimulantes” (Figueiredo, 2010, p. 130). Até a mulher do juiz tem um final melancólico, pois passou a fazer tratamentos de beleza e cirurgias plásticas, como se não aceitasse a velhice ou mesmo para suportar o vazio de sua vida. Porém, pior que o desfecho trágico, é o reconhecimento e a aceitação das falhas de caráter dos amigos do ex-juiz:

...quanto mais os amigos, em suas conversas, sempre em linguagem estudada e paliativa, confidenciavam entre si suas falhas de caráter – quanto mais conversavam sobre as manifestações de suas espertezas, sobre seus atos de desonestidade e de egoísmo predador, sempre num tom de dignidade ferida e de consciência injustiçada -, quanto mais faziam isso, mais amigos se tornavam. (Figueiredo, 2010, p. 130).

Retomando algumas características da cidade representada por Rubens Figueiredo, em *Passageiro do fim do dia*, poderíamos dizer que há um profundo pessimismo nessa descrição ou que ele expõe, sobretudo, o lado mais obscuro da cidade. A lista de substantivos mais adequados para a cidade seria: desconforto, estresse, sujeira, barulho, ansiedade, irritação, impaciência, nervosismo, incerteza, instabilidade, violência, decadência, abandono, precariedade, deterioração, desigualdade, corrupção, exploração, ganância. Mas, em meio ao caos reinante, também podemos encontrar: solidariedade, força de vontade e perseverança, o que mostra a força que alguns personagens têm em continuar lutando por uma vida melhor, deixando surgir um feixe de esperança no romance.

Essa conclusão se reflete nos nomes. O nome Pedro, significa pedra, e ecoa a dureza, a aspereza dos personagens e da própria vida na cidade. O nome do bairro em que mora a namorada dele é “Tirol” e, além de lembrar a palavra “tiro”, é o nome de uma região montanhosa, rochosa, que fica na parte ocidental da Europa oriental. Outro local que é mencionado no livro é a “Praça da Bigorna”, que remete a um instrumento feito de um bloco maciço de ferro. Apesar de esses nomes citados reforçarem o tom de endurecimento que há na narrativa, o nome Rosane significa “aurora”, “brilhante”. E “aurora” significa “princípio”,

“começo”. Mais uma evidência de que, em meio à dureza da vida na cidade, que ofusca o olhar de Pedro, Rosane é a personagem que pode representar a luz necessária para que ele desperte para a vida e comece a perceber o mundo de uma maneira diferente.

2.3

Algumas cidades escritas

Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo, nos faz pensar em outros romances que apresentam a temática da cidade. Muitas dessas publicações ressaltam os problemas e as contradições dos habitantes do meio urbano, e apontam para questões que se tornaram cada vez mais centrais na vida do homem, especialmente a partir do século XIX. Por isso, escolhemos as obras *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Cosmópolis*, de Don DeLillo para estabelecermos comparações com a obra de Rubens Figueiredo.

Eça de Queirós faz parte da geração de escritores realistas da literatura da segunda metade do século XIX. Estes autores acreditavam na possibilidade de uma fiel representação da realidade através de uma escrita objetiva e da aguda observação da sociedade. Eça, em *O primo Basílio*, faz uma literatura destinada a denunciar os problemas do Portugal dos oitocentos – um país apequenado por uma Europa que se desenvolvia – através do relato da vida de uma família burguesa de Lisboa. Mas seu foco principal, de acordo com Isabel Margato, em *Tiranias da modernidade*, é a mulher da pequena burguesia, que tinha uma educação romântica e uma vida ociosa.

De acordo com Margato, a Lisboa de *O primo Basílio* funciona como uma espécie de resumo das características dos personagens, especialmente Luísa. Ambas são caracterizadas pelo que elas não têm ou não podem ter. Muitas dessas caracterizações se dão através do olhar de Basílio. A vida de Luísa é desvalorizada quando comparada às mulheres estrangeiras. Da mesma maneira, Lisboa é diminuída quando comparada às cidades estrangeiras. Mônica Figueiredo, em *No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção*, afirma que Eça recompõe “uma Lisboa que não é Paris”. (Figueiredo, 2011, p. 88). O escritor recria uma cidade ainda cheia de provincianismos, com muita pobreza, cheia de

vícios e de doenças. Uma cidade que está longe de conquistar o sonho de civilização cujo símbolo é a cidade francesa.

A Lisboa descrita por Eça é marcada pelo calor, pela poeira e por uma atmosfera sufocante, de acordo com Figueiredo. A experiência de Luísa ao sair de casa é sempre ameaçadora. O espaço é apresentado num cromatismo sombrio e com muitos adjetivos negativos. Não há nenhuma descrição compatível com os grandes centros urbanos, pois não há, na descrição da cidade, o ritmo acelerado, a velocidade e o barulho das grandes metrópoles. A presença da mendicância é constante, como na aparição de uma mendiga no dia do casamento de Jorge e Luísa. As casas de Lisboa são apresentadas como sujas, como é o caso da vizinhança de Jorge. Até os doces portugueses são qualificados negativamente na cena que apresenta a vitrine de uma pastelaria. Assim, os personagens de Eça se encontram em um cenário sufocante e decadente.

Rubens Figueiredo, assim como Eça de Queiroz, fala de problemas referentes à cidade, cada um expondo aquilo que há de decadente e sufocante de acordo com a realidade de sua época. A velocidade, o caos urbanos, o estresse e a ansiedade, que não estão presentes em *O primo Basílio*, parecem acentuar ainda mais atmosfera asfixiante da cidade de *Passageiro do fim do dia*.

Em *Passageiro do fim do dia*, o olhar para a cidade se volta especialmente para a problemática social. A pobreza, a exploração do trabalhador pelo patrão e a violência são temas repetidos na obra por fazerem parte da vida de muitos personagens, especialmente os moradores da periferia. Sua obra é composta por fragmentos de memórias que o protagonista tem ao longo de sua viagem de ônibus e que juntas montam um complexo quadro da cidade. Personagens e cidade são caracterizados negativamente, revelando neles a ansiedade, o estresse, o medo, a ganância. Mas, ao contrário de Eça de Queiroz que dá nome a sua cidade e a compara com outra, em Figueiredo a cidade não é nomeada e também não é comparada com outra, pois muitas das grandes cidades da atualidade parecem convergir para o mesmo caminho, que trazem os mesmos problemas da violência, da desigualdade social, da exploração do trabalho etc.

O narrador de *Passageiro do fim do dia* não se quer detentor da verdade, não é onisciente. A cidade é representada através do ponto de vista de diferentes personagens, o que faz com que não exista apenas um olhar, mas diferentes formas de se olhar a cidade, mesmo que no final, quase todas revelem as mazelas

da sociedade. Através das repetidas dúvidas que o narrador em terceira pessoa coloca em relação aos acontecimentos e às motivações dos personagens, percebemos que ele quer provocar a reflexão e também não quer apontar soluções nem formular conclusões, por isso sua narrativa apresenta um final em aberto. Tal característica é frequente em muitos autores do chamado “novo realismo” (Schøllhammer, 2011, p. 53), pois eles não têm o interesse de retratar a realidade fielmente, mas sim evocá-la de outras maneiras:

Não se trata, portanto, de um realismo tradicional e ingênuo em busca da ilusão de realidade. Nem se trata, tampouco, de um realismo propriamente representativo atuais: a diferença que mais salta aos olhos é que os novos “novos realistas” querem provocar efeitos de realidade por outros meios. (Schøllhammer, 2011, p. 54)

Assim como Eça e Figueiredo, percebemos que muitos escritores procuraram representar a realidade, deixando evidente a necessidade de falar sobre os problemas da sociedade. Esse desejo de expor o que há de decadente na cidade eclode, na literatura brasileira atual, pelo ponto de vista de quem está à margem dela. Beatriz Resende, em *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI*, afirma que é a cidade grande, global, que serve como referência ou como metáfora da vida moderna (Resende, 2008, p.43). A autora também coloca o trágico como elemento constante em nossas narrativas, assim como ele está presente nas mídias e no vocabulário do dia a dia, especialmente nas grandes cidades (Resende, 2008, p.30). É a inevitabilidade do trágico que surge de forma angustiante nas vidas pessoais e públicas dos personagens dos textos de Luiz Ruffato.

Em *Eles eram muitos cavalos*, elogiado romance de Ruffato publicado em 2001, a narrativa tem como foco a realidade urbana da cidade de São Paulo. O romance retrata um dia na vida da grande metrópole, o dia 9 de maio de 2000. Ele foge das tradicionais formas de narrativas do século XIX e não apresenta uma sequência lógica com início, meio e fim. Mas, é composto por fragmentos autônomos e de tamanhos variados que podem assumir várias formas como conto, carta, citação, poema em prosa ou lista. Alguns fragmentos são formados por textos que representam a escritura da cidade. É o caso, por exemplo, de uma lista de livros de uma estante, uma lista de empregos, um diploma de evangelização, um cardápio, um anúncio de uma garota de programa. Outros fragmentos

apresentam histórias de vida de pessoas comuns em situações de medo, violência, miséria, mas, como afirmou Schøllhammer, também revelam “os desejos e as expectativas dos moradores da capital paulista” (Schøllhammer, 2011, p. 80).

Para Beatriz Resende, independente da diversidade dos textos desse livro, o tom que atravessa a narrativa é o do destino trágico da vida na metrópole (Resende, 2008, p.31). É esse o tom, por exemplo, do texto *Aquela mulher*, que relata dolorosamente a vida de uma mulher que se arrasta pelas ruas de São Paulo à procura de sua filha:

aquela mulher que se arrasta por ruavenidas do morumbi inconveniente
suplicando respostas exigindo febril irritada chorosa perguntas variantes insensas

aquela mulher que se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi ignorando ao
relento se ratos ou baratas ignorando se chuva ou sol escorrem pela guia
ignorando sapatos tênis havaianas polícia ignorando (Ruffato, 2010, p. 69)

Também percebemos o mesmo tom angustiante no texto *Noite*, no qual uma menina que vende drops na noite se encontra com um senhor que lhe paga um lanche. Ao final do texto, o homem sente um mal estar ao se despedir da vendedora de drops. Sensação comum entre os moradores das contraditórias cidades grandes.

Tanto no romance de Figueiredo quanto no de Ruffato os personagens, em sua maioria, são pessoas comuns que se deparam com situações de violência, medo, crime e miséria. A cidade, em Figueiredo, é percorrida pelo protagonista em uma viagem de ônibus, o que faz com que não se possa fixar o olhar. A memória de Pedro surge como possibilidade de fixação de cenas que captam detalhes da vida de diferentes personagens. Já em Ruffato, dada a fragmentação da narrativa, que se aproxima das “experiências modernistas da primeira metade do século passado” (Schøllhammer, 2011, p. 79), a cidade é apresentada em forma de videoclipe, como alguns críticos apontaram, com histórias autônomas.

Outro romance cujo enredo surge a partir de uma viagem em um veículo pela cidade é *Cosmópolis*, de Don DeLillo. Nele, o protagonista, Eric Packer, um bilionário, dono de uma empresa do setor financeiro, resolve cortar o cabelo e sai pelas ruas de Nova York com seu motorista, em sua limusine. Em sua trajetória, ele encontra-se com pessoas do meio profissional, com amantes e com sua esposa, Elisa Shifrin, com quem havia se casado há menos de um mês por interesses econômicos e ainda não tinha tido tempo de consumir o casamento. Como afirma

Ana Carolina Marques, em sua dissertação de mestrado, “todo o contato mantido por ele com outras personagens é extremamente superficial” (Marques, 2014, p. 85).

Eric observa a cotação de moedas, analisa a situação da economia, estuda dados e números para atuar no mercado financeiro e acumular mais dinheiro. Informações sobre moedas também aparecem em *Passageiro do fim do dia*, quando Pedro ouve a rádio. Mas, diversamente de Eric, que procura e estuda os dados para usá-los a seu favor, Pedro não presta muita atenção aos números, que parecem não fazer muito sentido para ele. No entanto, percebemos que ambos os romances, ao tocarem na questão econômica, de alguma forma apontam para importância que ela possui no mundo globalizado, podendo influenciar a vida de pessoas de todo o mundo.

Cosmópolis e *Passageiro do fim do dia* também apresentam em comum os temas da violência, do caos urbano, dos protestos de rua. Quando Eric está percorrendo a cidade, se depara com protesto antiglobalização pelas ruas de Manhattan. Pessoas atrapalhavam o trânsito, quebravam lojas e soltavam ratos em restaurantes. Pedro se vê no meio de uma confusão causada por protestos no centro da cidade quando ele era vendedor ambulante, mas ao contrário do livro anterior, não ficamos sabendo qual o motivo da manifestação, já que o episódio é contado pelo ponto de vista do protagonista que parece viver meio que alheio ao que acontece na cidade.

A partir da breve análise dos livros citados, podemos perceber que a literatura contribuiu muito para criar imaginários de cidades, pois esta foi e será objeto da imaginação de escritores que observam e refletem sobre a vida humana. Os relatos da cidade são feitos no discurso e, por isso, aquilo que não foi dito – já que há sempre uma escolha sobre o que dizer – pode revelar mais do que os próprios textos escritos. Ítalo Calvino afirma, em *Cidades Invisíveis*, que “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve, contudo existe uma ligação entre eles” (Calvino, 1990, p. 59). Ou seja, na impossibilidade de um discurso que dê conta da totalidade da experiência urbana, pode-se, pelo menos, revelar “olhares” sobre a realidade. A cidade concreta coexiste com os discursos formulados sobre ela de modo que aquilo que acreditamos ser a cidade real está sempre impregnado do imaginário que nos povoa:

Não há cidade sem discurso sobre a cidade. A cidade existe nos discursos tanto quanto em seus espaços concretos, e, assim, como a vontade de cidade a transformou num lugar desejável, o medo da cidade pode transformá-la num deserto em que o receio prevaleça sobre a liberdade. (Sarlo, 2014, p.92)

Nelson Goodman, em *Linguagens da arte*, afirma que representar é uma questão de classificar e caracterizar objetos, e não de imitá-los ou copiá-los. A classificação é feita através de escolhas e de preferências e do uso de etiquetas verbais ou pictóricas. A representação e a descrição acarretam a organização. Ambas são eficazes quando o artista consegue realizar um trabalho inovador e significativo. Logo, a criatividade e a inventividade são importantes ingredientes da descrição ou da representação, pois “a natureza é um produto da arte e do discurso.” (Goodman, 2006, p. 63)

Seja a Lisboa do século XIX, a grande São Paulo ou a Nova Iorque da contemporaneidade, o que percebemos é que a cidade que cada autor recompõe é resultado do seu “olhar” frente à realidade. O olho não é a “janela da alma”, espaço por onde a realidade simplesmente “entra”, pois, como disse Oliver Sacks, no filme *Janela da alma*, tudo o que vemos é mediado por nosso conhecimento, nossas experiências e emoções. As cidades recriadas podem revelar não só aspectos da realidade observada, mas também podem dizer muito sobre as intenções de quem as descreve. Ou, como afirma Renato Cordeiro Gomes, em *Todas as cidades, a cidade*: “Ler a cidade é escrevê-la, não reproduzi-la, mas construí-la, fazendo circular o jogo das significações.” (Gomes, 2008, p. 61).

3

O olhar

Felizmente, a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos e de ouvir e ver com o cérebro, com o estômago e com a alma. Creio que vemos em parte com os olhos, mas não exclusivamente.

Wim Wenders, *Janela da alma*

O ato de ver e de olhar não se limita a olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas também, o invisível. De certa forma, é o que chamamos de imaginação.

Oliver Sacks, *Janela da alma*

3.1

O olhar em questão

Um dos primeiros aspectos que observei ao ler o romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, é a grande presença de termos como “olho”, “olhar” e suas variações e também expressões com essas palavras. Mais do que isso, o livro começa e encerra fazendo menção à visão. No primeiro parágrafo: “Não ver, não entender e até não sentir. E tudo isso sem chegar a ser um idiota e muito menos um louco aos olhos das pessoas.” (Figueiredo, 2010, p. 7)

E no último parágrafo do livro:

Pedro começava a ver a si mesmo no reflexo do vidro: sua imagem surgia mais nítida à medida que escurecia lá fora, assim como as imagens dos outros passageiros. Pedro procurou os olhos deles no reflexo das janelas. Mal se enxergavam os olhos debaixo das testas pesadas, talvez de tanto cansaço. (Idem, p. 197.)

Foi a partir dessa constatação que começamos a indagar que papel teria o olhar na narrativa e de que forma os personagens apreendem a realidade e constroem seus imaginários. Também nos questionamos sobre a maneira pela qual se dá o contato entre eles. Mais do que isso, pensamos sobre o destaque da visão na sociedade contemporânea em que Pedro está inserido, na cidade que, mais do que pano de fundo, é personagem e tem papel fundamental na maneira como os protagonistas se relacionam.

Nessa parte da dissertação, trataremos da questão do olhar dos personagens e da sua forma de enxergar o mundo, levando em conta, principalmente, a estreita relação entre ver e conhecer. Minha leitura será fundamentada em autores que teorizam sobre o olhar, destacando a contribuição de alguns ensaístas reunidos na obra *O olhar*, organizada por Aداuto Novaes (Novaes, 1988). Como o que se destaca na caracterização do olhar dos protagonistas é a dificuldade de compreensão – já que eles muitas vezes buscam respostas para questões, mas não conseguem encontrá-las – discutiremos também o papel da mídia, dos veículos de propaganda e publicidade, identificando nestes alguns atos de desinformação, tendo como base o livro *Simulacro e poder: uma análise da mídia*, de Marilena Chauí (Chauí, 2006). Por fim, refletiremos sobre a mudança que se deu na maneira como olhamos a cidade, devido à modernização e aos novos meios de comunicação, percebida especialmente através do olhar do personagem Pedro.

No artigo “Janela da alma, espelho do mundo”, publicado no volume *O olhar*, a filósofa Marilena Chauí reflete sobre a relação que se estabeleceu historicamente entre o olhar e o conhecimento. É especialmente esse vínculo que pretendemos desenvolver ao analisar como se configuram as representações dos olhares dos personagens do romance de Figueiredo. Chauí enumera várias expressões e ditados que, metaforicamente, realizam essa junção, mas que muitas vezes sequer nos damos conta do seu significado. É o caso de expressões como “ponto de vista”, que relaciona a opinião ao lugar de onde vemos as coisas, “sem sombra de dúvida” ou “mas é claro” que relacionam a certeza à clareza necessária à visão perfeita, e a sombra – que dificulta a visão – à incerteza. A autora também cita o ditado “o pior cego é aquele que não quer ver”, ou seja, o cego, neste caso, não é necessariamente aquele que não pode enxergar, mas aquele que não quer ver no sentido de não querer tomar conhecimento sobre algo. (Chauí, 1988, p. 31, 33).

Para tentar entender a relação entre a visão e o conhecimento, Chauí retoma estudos de Aristóteles que explicam um pouco essa relação:

A aptidão da vista para o discernimento – é o que nos faz descobrir mais diferenças – a coloca como o primeiro sentido de que nos valem para o conhecimento e como o mais poderoso porque alcança as coisas celestes e terrestres, distingue movimentos, ações e figuras das coisas, e o faz com maior rapidez do que qualquer dos outros sentidos. É ela que imprime mais fortemente

na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade. (Chauí, 1988, p.38).

Retomando estudos de Merleau-Ponty, Chauí ressalta que esse ato de alcançar o que não está ao alcance, ou seja, essa “imaterialidade da operação visual” (Chauí, 1988, p. 40) é que torna a visão o “cânone de todas as percepções”, pois ela “ultrapassa os outros sentidos porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material” (idem, p. 40).

Dada a importância do sentido da visão para o ser humano, observada nas afirmações dos estudiosos citados, tornou-se famosa a expressão “os olhos são a janela da alma e o espelho do mundo”, atribuída a Leonardo da Vinci, e que inspirou o título do filme *Janela da alma*, de direção de João Jardim e Walter Carvalho. Nele, o escritor e neurologista Oliver Sacks faz uma interessante observação a respeito deste termo:

Se dizemos que os olhos são a janela da alma, sugerimos, de certa forma, que os olhos são passivos e que as coisas apenas entram. Mas a alma e a imaginação também saem. O que vemos é constantemente modificado por nosso conhecimento, nossos anseios, nossos desejos, nossas emoções, pela cultura, pelas teorias científicas mais recentes.

Em *Passageiro do fim do dia*, percebemos como o olhar de Pedro é influenciado pelo conhecimento adquirido através de suas leituras. Quando o personagem olha para os outros passageiros do ônibus e enxerga neles “uma variedade de gente superior” (Figueiredo, 2010, p. 9), existe uma grande possibilidade de que as informações lidas no livro que ele trazia sobre Charles Darwin estivessem modificando seu olhar.

Em outro momento da entrevista de Oliver Sacks, no filme, o autor reflete um pouco mais acerca da influência das emoções em nosso olhar:

Todos nós somos criaturas emocionais. E creio que todas as nossas percepções, as nossas sensações e experiências são carregadas de emoção, de emoção pessoal. Acredito que a emoção fique, por assim dizer, codificada na imagem.

Também podemos perceber momentos do romance em que as emoções e as imagens estejam conectadas de alguma maneira. É o caso, por exemplo, de quando Pedro, já quase no final da viagem de ônibus, lembra-se de Rosane e sente-se aflito por causa do perigo surgido com o conflito no bairro:

A preocupação com Rosane voltou de repente, mais forte. Pedro lembrou-se da pulseirinha em forma de corrente no pulso magro, de ossos salientes. (...)

A lembrança trouxe uma aflição repentina, mais palpável, e Pedro logo pensou nos cuidados, nas atenções de que Rosane precisava – pelo menos era essa sua certeza. (Figueiredo, 2010, p. 178)

Sem querer deixar os outros sentidos totalmente apartados desse laço com o conhecimento, Chauí também ressalta a importância da audição. Baseando-se nos estudos de Aristóteles, ela afirma que a audição tem maior relação com a inteligência, haja vista o fato de que das pessoas desprovidas do sentido da visão ou do sentido da audição, são os cegos os mais inteligentes. Isso acontece por que o discurso racional, que contribui para o aumento da inteligência, se constitui primeiramente pelo som, pela audição, através das palavras que são “símbolo-pensamento” (Chauí, 1988, p. 48).

Ver ou ouvir para tomar conhecimento tem profunda relação com a linguagem. “Se a linguagem é via de acesso à visão do *eidòs*⁹, preparar-se para ver é dizer por onde se deve começar a olhar” (Chauí, 1988, p. 49). Apesar de nossa opção por tentar compreender os significados das diversas maneiras de olhar representadas em *Passageiro do fim do dia*, sabemos da importância do ato de ouvir que pode ser percebida na frase acima. No romance de Figueiredo, acreditamos no forte papel que tem a personagem Rosane que, através dos discursos que faz a Pedro, vai mostrando para ele por onde ele deve começar a olhar. E é a partir desse discurso que ele passa a ter conhecimento sobre muitas questões que não faziam parte de sua rotina antes de conhecê-la, passando a ver o mundo de uma maneira diferente.

A partir do estudo de Chauí sobre os significados das palavras, acreditamos ser importante a reflexão acerca da relação entre *ver* e *olhar*. A autora, ao responder a questão sobre o que é a visão, nos afirma que, de acordo com a raiz indo-europeia *weid*, “ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento”, estabelecendo, assim, uma relação entre “ver” e “conhecer”. (Chauí, 1988, p. 35).

É importante ressaltar que essa distinção entre ver e olhar não é consensual. Para Sérgio Cardoso, a distinção entre ver e olhar é uma questão de

⁹ O verbo grego *eidô* exprime a relação entre ver e conhecer. O olhar passa de espectador desatento para tornar-se cognoscente. “Eidô – ver, observar, examinar, fazer ver, instruir, instruir-se, informar, informar-se, conhecer, saber.” (Chauí, 1988, p. 35)

proporção, já que o emprego de um termo ou outro depende do grau de intervenção daquele que vê: “O ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição e passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava.” Já o olhar é diferente: “ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade” (Cardoso, 1988, p. 347-348).

Ainda segundo Cardoso, o olhar procura, escava, inspeciona, interroga. O autor, ao citar Merleau-Ponty, afirma que “ela, a simples visão, supõe e expõe um campo de significações, ele, o olhar – necessitado, inquieto e inquiridor – as deseja e procura, seguindo a trilha do sentido. O olhar pensa; é a visão feita interrogação” (Cardoso, 1988, p. 349).

Entretanto, condicionaremos nosso estudo à distinção feita por Marilena Chauí, na qual ver é ir além do olhar. Logo, os “olhos que veem” vão em busca da compreensão, do conhecimento. Nossa questão central neste capítulo será perceber como se opera o olhar dos personagens, se há uma busca pelo conhecimento e também refletir sobre o resultado da presença de discursos massivos, midiáticos, nessa tarefa.

A questão da mídia é resultante da observação de Marilena Chauí que classifica a desinformação como “o principal resultado da maioria dos noticiários de rádio e televisão” (Chauí, 2006, p.45). Notícias são apresentadas “de forma mínima, rápida e, frequentemente, inexata.” (Idem, p. 12). Para a autora, a atopia, ou seja, ausência de referência espacial, e a acronia, ausência de referência temporal, contribuem para essa desinformação: “as distâncias e proximidades, as diferenças geográficas e territoriais são ignoradas” (Idem, p. 45-46) de modo que catástrofes que acontecem do outro lado do mundo podem sensibilizar o telespectador, ao passo que a miséria em seu próprio bairro pode não comovê-lo. Da mesma maneira, a omissão de causas passadas e de consequências dos acontecimentos faz com que eles logo sejam esquecidos:

Paradoxalmente, rádio e televisão podem oferecer-nos o mundo inteiro em um instante, mas o fazem de tal maneira que o mundo real desaparece, restando apenas retalhos fragmentados de uma realidade desprovida de raiz no espaço e no tempo. Como, pela atopia das imagens, desconhecemos as determinações econômico-territoriais (geográficas, geopolíticas etc.) e como, pela acronia das imagens, ignoramos os antecedentes temporais e as consequências dos fatos

noticiados, não podemos compreender seu verdadeiro significado. (...) O paradoxo está em que há uma verdadeira saturação de informação, mas, ao fim, nada sabemos, depois de termos tido a ilusão de que fomos informados sobre tudo. (Idem, p. 50)

A autora salienta que a atopia e a acronia – e o consequente mal entendimento do mundo contemporâneo e das relações sociais capitalistas – não se constituem por acaso. Na verdade, os grupos empresariais que controlam os grandes conglomerados midiáticos teriam interesse justamente em que a maior parte da população não desenvolva um senso crítico com relação à ordem vigente. Nesse sentido, a ausência “das condições materiais, econômicas, sociais, políticas, históricas dos acontecimentos” veiculados pelos meios de comunicação não são fruto de “uma falha ou um defeito dos noticiários e sim um procedimento deliberado de controle social, político e cultural”. (Idem, p. 50)

Nesse sentido, pretendemos analisar o papel que os meios de comunicação e a propaganda têm na narrativa por acreditarmos que eles não são apenas pano de fundo para que as ações aconteçam, mas por acentuarem ainda mais a dificuldade de acesso à informação.

No que se refere ao olhar na cidade, percebemos que a maneira como nos relacionamos com o espaço urbano mudou muito ao longo dos séculos, com a modernização das cidades e, especialmente, com os novos meios de comunicação, como o rádio, a eletricidade e a internet, conforme exposto no capítulo anterior. Nelson Brissac Peixoto nos alerta para a transformação de tudo em imagem, para o achatamento da paisagem e para esse novo olhar que passa pelo processo de superficialização no qual o “mundo se converte em um cenário, os indivíduos em personagens” (Peixoto, 1988, p. 361).

Muitas vezes esse olhar na cidade está atrelado à velocidade e ao posicionamento dentro de um veículo que passa. É o que ocorre com Pedro, posicionado dentro de um ônibus cheio de pessoas, sentadas e em pé, olhando para fora e para dentro, sem reconhecer nos passageiros nenhum traço de familiaridade, sem estabelecer com eles nenhuma relação mais íntima, apesar de reconhecê-los de vista e já saber o que cada um deles carrega e quais são seus possíveis atos, por fazerem a mesma viagem juntos todas as semanas. Fato relevante é que esse ônibus em que Pedro viaja é um *não lugar* que, como tal, não alimenta nenhum tipo de relação entre o protagonista e os demais passageiros. Lugar que gera apenas “tensão solitária”, como disse Marc Augé: “Se um lugar

pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar.” (Augé, 2012, p.87)

Augé explica que no mundo multiplicam-se os hospitais, os pontos de trânsito, as cadeias de hotéis, os clubes de férias, em suma, lugares de ocupação provisória que levam “à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”. É claro que essas duas categorias, lugar e não lugar, nunca se realizam completamente. Mas, ainda assim, aeroportos, aviões, hotéis, parques dão lugar prioritariamente a uma comunicação incerta. Nesses não lugares – alguns aparecem em *Passageiro do fim do dia*, como o supermercado e o ônibus – são frequentes as propagandas. Locais onde o individualismo ainda abre espaço para um narcisismo ainda maior, já que o mundo do consumo se volta para a satisfação do consumidor. Além disso, como ressalta o autor, os não lugares se exprimem muitas vezes de forma prescritiva, proibitiva ou informativa, pois hotéis, mercados, aeroportos são repletos de placas com sinais ou mensagens escritas que dizem o que se deve fazer, aquilo que é proibido, além de dar informações. São espaços em que interagimos especialmente com os textos.

Pretendemos analisar de que forma o olhar dos personagens é apresentado na narrativa. Em relação aos protagonistas – já que conhecemos mais detalhadamente a respeito de suas vidas e de seus pensamentos – buscamos as relações entre o olhar e a busca de conhecimento, como foi dito anteriormente. Buscaremos estabelecer relações entre a desinformação e a desatenção dos personagens ao cenário composto por Rubens Figueiredo em *Passageiro do fim do dia*. Incluindo também os personagens secundários, tentamos observar de que maneira seus olhares representam a vida contemporânea na cidade. Para essas análises, é imprescindível que se volte a questões já discutidas anteriormente, como as mudanças decorrentes do desenvolvimento das cidades.

3.2

O olhar em *Passageiro do fim do dia*

3.2.1

O olhar dos personagens

Pedro é caracterizado como alguém que não tem muita concentração nem atenção, uma pessoa distraída, que não consegue estudar, não consegue se concentrar nos livros, que não presta atenção ao sentido das palavras. Tal caracterização é recorrente ao longo da narrativa: “Um distraído, de certo modo – e até mesmo sem querer” (Figueiredo, 2010, p.7), “De devaneio em devaneio, de desvio em desvio, seus pensamentos se precipitavam para longe” (Idem, p. 10), “Pedro conseguiu se concentrar na leitura outra vez, ainda que só por algumas linhas” (Idem, p.39), “sua atenção tinha mais força do que qualidade” (Idem, p.11), “Pedro tentou ler mais uma linha sobre Darwin, fingiu que acompanhava o sentido da frase até o fim” (Idem, p.35), “sua atenção morria sem fôlego no amontoado de palavras estranhas” (Idem, p.44), “Voava junto com aqueles carros (...), já de todo esquecido do que tinha vindo fazer ali (Idem, p.142), “Em geral as letras das canções não existiam para Pedro”, “Sua audição era displicente, cansada, drenava todo o sentido das palavras”, (Idem, p. 11), “mais atento à voz que aos números, Pedro tentou imaginar a idade da locutora” (Idem, p. 16), em relação aos rumores de que algum confronto estava atrapalhando o trânsito, Pedro “preferia não ouvir, preferia não saber e, para todos os efeitos, nem gostava de pensar no assunto.” (Idem, p. 30), e na faculdade:

Pedro se distraía com os prazos, com o horário das provas, se distraía com os conceitos e as teorias do direito e, no máximo, conseguia guardar um punhado de palavras-chave e algumas frases feitas e se admirava quando via que, usadas por ele, não faziam sentido e não produziam efeito nenhum (Idem, p. 43).¹⁰

Essas características – a distração, as dificuldades na leitura e na interpretação – fizeram com que Pedro terminasse por ser seguidamente reprovado nas disciplinas da faculdade de Direito, terminando por abandonar o curso (Idem, p.43).

¹⁰ Também se relaciona a distração de Pedro o fato de ele seguidamente perder seus objetos. O personagem perdeu seu celular em três ocasiões. (Idem, p.52)

Já Rosane é caracterizada como uma mulher pobre, que precisa trabalhar para ajudar em casa, que tem dificuldades financeiras para pagar seu curso de inglês “e com o mesmo esforço estudava para tirar as notas mínimas exigidas para uma bolsista” (Figueiredo, 2010, p. 48), ela observa atentamente sua realidade social e narra para Pedro detalhadamente tudo o que observa e as histórias que lhe foram contadas. Ela tenta insistentemente compreender tudo, mas sempre esbarra em obstáculos que dificultam sua compreensão: “E isso ela não conseguia explicar: era preciso engolir e pronto” (Idem, p. 53), “Rosane queria explicar para Pedro, queria mostrar um sentido, mas esbarrava em expressões vagas, nervosas, e tudo o que parecia estar ao seu alcance era criar uma lista sem ordem” (Idem, p. 54), por fim, um exemplo que mostra um pouco mais sobre o que ela desejava compreender:

Em suma, tudo aquilo, o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais -, tudo pertencia ao mundo que as deixara para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos. Isso Rosane já havia entendido, dava para sentir muito bem, era quase palpável. Mas ela ainda não conseguia admitir inteiramente, não queria extrair as consequências nem queria sentir-se parte daquilo. E também era o que ela tentava explicar para Pedro, só que não achava um meio. (Idem, p. 56)

A partir dessas caracterizações, podemos começar a pensar em nossa questão central, se os personagens teriam olhos que veem (que vão em busca do conhecimento, de acordo com Marilena Chauí). A começar pela personagem Rosane, podemos admitir que ela apresenta olhos que veem, pois em várias passagens ela está tentando compreender e explicar algo, logo, está buscando algum tipo de conhecimento. Mas, se observarmos Pedro, apesar da caracterização recorrente como alguém que não presta atenção a nada, seria injusto afirmar que ele não apresenta olhos que veem, afinal de contas, entender, compreender qualquer coisa que seja é algo até natural do ser humano, e Pedro também se vê envolto em questionamentos, como por exemplo, ao julgar que os outros passageiros do ônibus são diferentes dele, questiona-se: “*Por que eles permitem que eu fique aqui?*” (Figueiredo, 2010, p. 10). Se levarmos em conta que ele está sempre carregando um livro em suas viagens de ônibus, mesmo com toda a dificuldade de compreender os sentidos e de se concentrar, não podemos afirmar que ele não busca um conhecimento. Por isso, a partir de agora, o que nos

direcionará será tentar compreender que tipo de conhecimento Pedro e Rosane buscam e que fatores atrapalham esses olhares curiosos.

No artigo “*Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo: um olhar sobre o naturalismo”, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio afirma que o livro que o protagonista carregava sobre a vida e as ideias de Charles Darwin é uma “ferramenta possível para a compreensão da realidade que cerca Pedro” (Patrocínio, 2013, p. 270). Como afirma ao autor, “o diálogo que Rubens Figueiredo propõe com o naturalismo clássico não se baseia no uso de uma estética naturalista”, mas sim “tem como foco o próprio questionamento acerca do uso do naturalismo como ideologia para a tematização da realidade social brasileira” (Idem, p. 272). Ao observar os passageiros do ônibus, Pedro mostra que suas reflexões são influenciadas pela leitura. Mas essas questões não servem de suporte para provar nenhuma teoria.

O narrador explicita as dificuldades de Pedro no entendimento do livro sobre Charles Darwin: “Pedro continuava a ler seu livro. Entendia perfeitamente o que lia – era simples, ou tinha sido simplificado com habilidade” (Figueiredo, 2010, p. 22). Interessante observar que, nessa passagem, Pedro parece até ignorar a limitação de sua leitura. Isso não o impede de realizar apropriações do texto em suas observações sobre os passageiros do ônibus onde se encontra. Ao ver as pessoas no ponto de ônibus sob forte calor, sofrendo com “o bafo de urina e de lixo”, reflete: “Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver” (Idem, p.8). Esse trecho de *Passageiro do fim do dia* revela que, apesar das dificuldades, Pedro se vale do livro para criar impressões próprias sobre o seu mundo social.¹¹

Em muitas passagens do livro, os pensamentos de Pedro se revelam pulverizados, e ele não chega a nenhuma conclusão: “seus pensamentos se precipitavam para longe, se desgarravam uns dos outros e no fim, em geral, acabavam se pulverizando sem deixar qualquer traço do que tinham sido, do que tinham acumulado” (Idem, p.10); “Não foi uma sucessão de imagens o que Pedro viu em pensamento. Foi um quadro só, que acendeu e logo depois apagou” (Idem,

¹¹ Na perspectiva de Pedro, a própria leitura do livro de Darwin lhe forneceria uma melhor compreensão da existência: “Pedro contava encontrar ali uma boa introdução a uma doutrina que, segundo diziam, abria mil caminhos, explicava muita coisa e de uma vez por todas” (Figueiredo, 2011, p.122).

p.17), “Muitas palavras rodaram de repente no espaço estreito da sua cabeça” (Idem, p.35).

Tais embaraços talvez façam com que Pedro não aprofunde a relação de algumas passagens do livro de Darwin com a paisagem pobre que assiste da janela do ônibus. A publicação sobre o naturalista inglês traz informações sobre a escravidão, sobre a vida no século XIX, pois o cientista se hospedou na casa de um fazendeiro em sua vinda ao Brasil. Tal fato parece não trazer reflexões para o protagonista a respeito da sociedade em que ele vive, pois nenhuma associação é feita por ele para entender, por exemplo, a realidade como é hoje. Na companhia de Pedro, Rosane tenta compreender o porquê de a vida ser tão dura para ela e outros moradores do Tirol, mas Pedro parece não conseguir refletir sobre o assunto, pois não faz referência a esse passado histórico que poderia ajudá-los a ter algumas respostas. Logo, o livro sobre Darwin, além de problematizar a questão do naturalismo, como apontado por Patrocínio, reforça a falta de conhecimento da história do Brasil, ou a falta de relação entre os fatos históricos que talvez não dessem uma resposta, mas poderiam contribuir para a formulação de um pensamento que fizesse sentido para os protagonistas. Afinal, poder-se-ia relacionar os séculos de escravidão e as disparidades sociais dos tempos da “Casa grande e senzala” com as desigualdades vigentes e a pobreza do Tirol. Essa dimensão histórica foi propositalmente colocada pelo escritor, como afirmou em entrevista a Patrocínio por e-mail:

Inclui Darwin no romance porque eu procurava um meio de incorporar ao livro uma dimensão histórica com um alcance mais remoto, mais abrangente. O livro velho e meio vagabundo sobre o Darwin que o protagonista lê no ônibus podia permitir que eu evocasse o colonialismo, a escravidão – pois o Darwin fez relatos sobre isso quando contou sua visita ao Brasil. (...) Darwin entra no livro para indicar que existe uma pressão cultural para encararmos processos sociais como se fossem naturais, fora do tempo e das relações históricas.

Se Pedro ignora as relações entre o passado histórico de seu país e as condições de vida no presente, parece não compreender também alguns eventos contemporâneos. Isso pode ser inferido pelo fato de Pedro não aparentar saber o motivo do protesto no centro da cidade que redundou na repressão policial e no seu ferimento na perna. O personagem fica alheio à manifestação – cujo conteúdo não é apresentado pelo narrador. Esse desconhecimento das causas do conflito pode revelar que Pedro não possui um engajamento político, nem é um cidadão

muito participativo. Ao longo de todo romance, não é citada nenhuma organização – partido, sindicato ou associação de bairro – da qual o personagem faça parte. Assim, o mundo da política mais organizada não faz parte de seu cotidiano.

Pedro também não tem um conhecimento claro de seus direitos. Ele se espanta ao saber, por seu amigo Júlio, que tem direito a uma indenização pelo ferimento causado pelo policial durante a manifestação (Idem, p.73). Essa pouca consciência de seus direitos revela uma noção limitada de cidadania.¹²

Em certas passagens, Pedro aparenta ter clara percepção das desigualdades e da vida sofrida de muitos indivíduos do Tirol. Quando ele e sua namorada caminham com uma amiga, esta última passava por alguns conhecidos e explicava que tinha sido ajudada por eles. O protagonista não sabia que tipo de ajuda a amiga se referia, “podia ser tanta coisa, acontecia de tudo com aquela gente, Pedro tinha percebido” (Idem, p.167). Em outro trecho, ele mostra ter consciência da existência de uma “linha divisória”, de uma “separação” entre as diferentes partes da cidade (Idem, p.149). Compara a região onde mora com o Tirol, “onde o ar e o cheiro, onde as paredes e o chão, de casa e da rua, onde a luz da janela e tudo parecia tão diferente” (Idem, p.149). Se, por um lado, Pedro se mostra capaz de enxergar os contrastes sociais entre as diferentes partes da cidade, por outro, não demonstra capacidade de empreender interpretações mais gerais que expliquem tais disparidades. A referida “linha divisória” não é claramente definida por ele. Além disso, o personagem não parece se mostrar revoltado com as desigualdades que observa. Há mais constatação do que indignação.

Em alguns trechos, Pedro chega a se mostrar um tanto conformado com a sociedade em que vive, mesmo diante de tantas injustiças sociais e dos péssimos serviços públicos. Em um momento em que muitas pessoas se mostravam nervosas na fila do ponto de ônibus, em virtude do atraso da partida do veículo, “Pedro não via razão para se deixar contagiar por aquela ansiedade.” Afinal, “o atraso, por maior que fosse, ainda era só mais um atraso. Fazia parte da rotina...” (Idem, 13). Ele não tinha a mesma pressa dos demais passageiros: “Já era um

¹² Sobre a noção de “direito” de Pedro, há uma passagem interessante na qual o personagem, ao refletir que era diferente dos demais passageiros do ônibus, se pergunta por que eles não o expulsam do ônibus “como é do seu direito?” (Idem, p.10). Pedro parece aceitar certa delimitação do espaço, como se determinados grupos pudessem controlar certas regiões e a cidade não fosse patrimônio de todos os seus habitantes.

hábito. Sem notar, ele se adaptara também, e de maneira tão fácil que agora Pedro teria de fazer um certo esforço para lembrar como aquilo havia começado” (Idem, p.26). Com o sol forte e o cheiro ruim no ponto de ônibus, o narrador informa que “Pedro já estava até habituado” (Idem, p.8). Essa condição de Pedro de certa forma o aproxima das reflexões de Charles Darwin, tema de seu livro: ele se “adapta” à sociedade em que vive.

Interessante observar que em quase nenhum momento do romance temos contato com alguma frase ou comentário dito por Pedro. De modo geral, ele está sempre se recordando de diálogos com Rosane, nos quais ele parece falar muito pouco: “Pedro se via reduzido a apenas escutar e concordar” (Idem, p.181). O personagem parece um tanto invisível, omissos, sem voz. Essa postura passiva pode ser amplificada ao considerarmos que Pedro passa todo romance sentado ou parado dentro de um ônibus. Da mesma maneira, sua postura na sociedade revela-se passiva, com pouca intervenção política no mundo em que vive. Ele apenas reage às circunstâncias, adaptando-se.

De fato, Pedro parece não controlar a sua vida, nem acredita que pode conferir uma direção ou rumo ao seu desenvolvimento pessoal. Se Rosane procura fazer planos, fazer cursos e planejar sua vida, Pedro é mais resignado e não acredita que pode interferir no seu destino: “Pedro nunca fazia planos: olhava uma coisa, ouvia outra e de repente, quando via, o dia tinha terminado” (Idem, p.182):

Um dia se viu no meio de uma briga entre guardas e ambulantes na rua, um cavalo assustado o pisoteou, um amigo advogado conseguiu arrancar uma indenização da prefeitura e agora Pedro tinha uma pequena livraria em sociedade com ele. Como planejar, como querer uma coisa dessas? (Idem, 182)

Nesta última passagem, fica claro que o personagem não acredita poder interferir em sua própria evolução, pensamento próximo das ideias de Darwin em relação à evolução das espécies.

Pedro se aproxima de muitos personagens mais pobres do livro que viviam com trabalhos precários e que, como vimos no primeiro capítulo, não tinham controle sobre sua própria vida, sendo repentinamente demitidos ou sofrendo com outras dificuldades. De certa forma, Pedro também se aproxima do próprio ônibus onde viaja, que erra incerto pela cidade e não segue sua rota predefinida em virtude da violência urbana.

Já Rosane tem outra atitude diante da vida. É uma pessoa pobre que faz projetos, se esforça e procura melhorar de condição. Tem interesse em diferentes cursos e em fazer faculdade e costumava “inventar planos”. (Idem, p. 181) Porém, seus projetos eram dificultados pela falta de tempo e cansaço: “Ela trabalhava em horário integral e, para estudar, só restavam as noites e os fins de semana” (Idem, p.181). Isso sem contar com a falta de dinheiro. Rosane chegou a fazer um curso como bolsista e, ainda sim, tinha como obstáculo o preço das passagens. Além desses empecilhos, não conseguia ter muita continuidade nos seus planos, chegando a pensar em cursos sem relação entre si, como hotelaria e enfermagem.

Como Pedro, Rosane também apresenta barreiras na sua forma de se expressar e interpretar o mundo. Ainda que muito mais comunicativa que o namorado (a julgar pelas próprias lembranças de Pedro), a personagem tem dificuldades em apresentar argumentos e explicações para a sua vida e para sua cidade: “tentava explicar a Pedro, só que não achava meio” (Idem, p.56), apenas apresentava “cenas avulsas” (Idem, p.54). Rosane percebia que seu bairro e seus habitantes haviam passado por um processo de empobrecimento, mas não entendia por que “aquela transformação” tinha ocorrido de modo “rápido demais, fácil demais”, “sem resistência, sem alternativa”, “isso ela não conseguia explicar: era preciso engolir e pronto”. (Idem, 53) Ao se comparar com uma amiga de infância com quem não tinha mais proximidade, “não entendia como podiam ter se afastado tanto e em tão pouco tempo”. (Idem, p.60)

Assim, ainda que muito atenta ao mundo à sua volta, Rosane carece de recursos que lhe permitam formular hipóteses e teorizar sobre o que se passa com seu bairro e com seus colegas. Os fatores que teriam levado à deterioração de sua comunidade lhe são misteriosos ou de difícil compreensão. Ainda que procure planejar a vida, esta continua sendo influenciada por elementos que escapam ao entendimento da personagem.

Os obstáculos dos protagonistas em refletir sobre sua sociedade lembram uma pesquisa realizada por Canclini nos anos de 1990 na Cidade do México, como vimos no capítulo anterior. O antropólogo realizou entrevistas com indivíduos de diferentes classes sociais acerca das principais questões da vida urbana. O autor observa que, “para enorme maioria das pessoas”, “a cidade é um objeto enigmático”. (Canclini, p.129) Tal como Rosane e Pedro, os entrevistados elaboram versões muito distantes das “chamadas explicações científicas”,

ignorando falas de técnicos, urbanistas, políticos e jornalistas. A falta de planejamento urbano e de um desenho racional para o crescimento urbano – muito mencionados pela bibliografia sobre a Cidade do México – quase não são comentados. Canclini afirma que as entrevistas revelam o que chama de uma “cultura pré-política”, que identifica supostos culpados isolados (como imigrantes) e não “causas sistêmicas” dos problemas urbanos. (Canclini, p. 135).

Assim, em seus diálogos com Pedro, Rosane falava de muitas pessoas, de muitas histórias sofridas. Apesar de se tratarem de casos e de indivíduos diferentes, Rosane não pretendia apenas relatar os episódios e as vidas particulares isoladamente, mas gostaria de realizar articulações e conclusões mais gerais – ou um “quadro” (Figueiredo, 2010, p. 181) – sobre sua condição.

Sabemos, através da entrevista já comentada anteriormente, que Rubens Figueiredo concorda que “a ordem social vigente depende da opressão para manter a desigualdade” e que é difícil “revelar, por pouco que seja, os mecanismos que justificam e legitimam tudo isso, e a maneira como eles permeiam nossa vida, nos mínimos detalhes.” A observação de Figueiredo pode ser refletida a partir de teóricos que se debruçam em estudos a respeito dos fatores que contribuem para a manutenção da ordem vigente. É o caso da já citada intelectual de esquerda Marilena Chauí. Algumas das questões discutidas por ela no livro *Simulacro e poder: uma análise da mídia* (Chauí, 2006) podem nos ajudar a compreender a relação entre a presença da televisão, do rádio e da propaganda no romance de Figueiredo – que não é aleatória – a essa busca dos protagonistas por conhecimento.

Em relação ao rádio, há alguns momentos sugestivos em que Pedro ouve um programa ou propaganda que desperta nele determinado tipo de pensamento. No primeiro, a locutora anuncia a cotação do dólar e de outras moedas e também do barril de petróleo. Fala sobre taxa de juros e sobre bolsa de valores. Pedro, como provavelmente a maioria do povo brasileiro, parece ter dificuldades em compreender o assunto, o que não é surpreendente, pois essa temática costuma ser complicada, necessitando de estudos muito específicos. Ademais, não raro, as informações dos noticiários são apresentadas de forma pouco contextualizada, criando mais obstáculos ao entendimento. Isso provavelmente faz com que o personagem, “mais atento à voz que aos números”, imagine a vida pessoal da locutora, se ela teria dólares, namorado, se iria a um restaurante etc.

Próximo ao término do romance, Pedro volta a ouvir a estação de rádio na qual a mesma locutora volta a falar sobre juros, barris de petróleo, bolsa de valores. Com “autoridade” (Figueiredo, 2010, p. 146) de quem é “especialista” (Idem), uma mulher que está sendo entrevistada pela locutora “zomba de quem tinha feito previsões erradas” (Idem). Pedro imagina a mulher entrevistada indo a uma praia afastada no final de semana, com seu namorado. A economia, assunto que está sempre em pauta em muitas emissoras de rádio e TV, novamente não parece fazer muito sentido pra Pedro, que não reflete sobre ela, mas sobre a vida íntima das pessoas.

Em outro momento em que Pedro ouve a rádio, a voz da locutora é substituída por uma propaganda de um seguro de automóveis. Esse anúncio sugere uma colisão que resulta em um acidente de carro, a partir do som do impacto destruindo o automóvel. Claramente a propaganda é abusiva, pois apela para o medo do ouvinte, como nos informa o código de defesa do consumidor, artigo 37, segundo parágrafo: “É abusiva, dentre outras a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição”¹³. Mas, novamente, Pedro não está preocupado em explorar os significados daquilo que ouve. Ele se concentra mais nos sons e aquilo que ele imagina em seguida parece nunca desencadear uma crítica:

A sequência de sons, perfeitamente lógica e previsível, empurrou para dentro da cabeça de Pedro uma pergunta: *Será que os pneus deste ônibus também guincham desse jeito numa freada?* (Figueiredo, 2010, p. 17).

Além do rádio, a televisão também é marcante no cotidiano de Pedro e das pessoas próximas dele. O narrador enfatiza que muitos diálogos recordados por Pedro ocorriam “diante da televisão” (Idem, 101): “O pai de Rosane, diante da televisão ligada, contou para Pedro... (Idem, 117), “O pai de Rosane contava para Pedro, falava um bocado e parava, quando alguma coisa na televisão prendia seu interesse” (Idem, p.119), “contou Rosane para Pedro, diante da televisão” (Idem, p. 159), “contou Rosane para Pedro, numa noite, na frente da televisão” (Idem, p.152). Fica subentendido que os personagens passam boa parte de seu tempo livre assistindo TV, mesmo quando estão conversando e que outras opções de lazer – como teatros, cinema, livros – são menos disponíveis.

¹³ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm.

A presença da televisão no romance invoca temas sugestivos: a violência e a presença da publicidade e da economia na formação dos valores que circulam na sociedade. A violência, como sabemos, é tema de programas sensacionalistas que muitas vezes contribuem para a criação de uma atmosfera de medo nas pessoas, como até mesmo Pedro notou quando surgiram os boatos sobre um possível conflito que causou engarrafamento no trânsito: “Pedro tinha a impressão de que as pessoas, naqueles casos, a exemplo dos noticiários, sempre exageravam” (Figueiredo, 2010, p. 31). Mas no caso de Rosane, moradora de uma área violenta, o que parecia ser um filme em que aparecem pistola, tiros e gritaria, assistido por ela e por Pedro na TV, remete a lembranças de amigos que se envolveram com a criminalidade:¹⁴

(...) Mas os tiros romperam a barreira do volume baixo do televisor, vibraram mais fortes, e Rosane então, como se acordasse, como se aquilo despertasse alguma lógica em sua memória, explicou a Pedro que, agora, já não tinha afinidade e nem muito contato com a maioria dos antigos colegas de infância.

Alguns tinham ido embora, alguns estavam presos, alguns tinham morrido – quantos? Ela não fez a conta. (Figueiredo, 2010, p. 55)

No mesmo dia em que assistem a esse filme, os protagonistas observam um anúncio de cartões de crédito, durante o comercial, que invocava a imagem da família feliz, na frente de uma casa com carro e piscina, com a mangueira aberta em cima do gramado e a lataria do carro espelhando o céu, denotando limpeza. Eles parecem incomodados com a imagem do anúncio que parecia “congelar-se, ficar em suspenso, encher a sala e a casa, enquanto Pedro e Rosane, sem perceber, aguardavam mudos, atentos à promessa de um sinal, de uma autorização, para que também eles se integrassem àquela visão.” (Figueiredo, 2010, p. 55). Eles sonham em se integrar, em obter a mesma condição financeira, mas vivem em uma ordem social na qual os pobres têm ínfima chance de viver como o casal da propaganda. Essa cena cria uma espécie de barreira entre eles devido ao silêncio provocado, que parece incomodar.

¹⁴ Os filmes violentos parecem ser assistidos comumente pelos personagens. Em uma passagem, Pedro e o pai de Rosane viam um “filme americano”, onde “havia tiros de vez em quando, armas de vários tipos”, “explosões e música trepidante”. (Figueiredo, 2010, p.119) A violência também é presente nos jogos de vídeo-game – como vimos no primeiro capítulo, Pedro observou jovens jogando um *game* muito violento. A presença constante da violência nos meios de comunicação estimula a banalização da mesma.

Os valores apregoados pela mídia tentam criar em nós o desejo de consumir e atrelam a felicidade ou outros valores à aquisição dos produtos anunciados. Como afirma Wim Wenders, no filme *Janela da Alma*, vivemos em um mundo em que “a maioria das imagens que vemos não tenta nos dizer algo, mas nos vender algo. Na verdade, a maioria das coisas que vemos, revistas, televisão, tenta nos vender alguma coisa.”

Outro valor muito difundido em programas de TV e rádio é o estímulo ao empreendedorismo. Pedro, que começou a vender livros na calçada antes de conseguir comprar a loja de livros usados com seu colega Júlio, havia prestado atenção ao assunto. A seguinte passagem ressalta como o tema é difundido na sociedade e faz também uma crítica àqueles que se deixam influenciar sem levar em conta os possíveis riscos:

Tinham dito a ele que era fácil, muita gente estava entrando nos negócios por esse caminho – disseram e repetiram, os negócios, o dinheiro, e ele mesmo viu na televisão a entrevista de um sociólogo que falou sobre o espírito empreendedor represado naqueles vendedores de calçada. Parecia fácil, parecia certo, até bonito – ou então Pedro não prestou atenção às ressalvas. (Figueiredo, 2010, p. 42)

A difusão do empreendedorismo pelos meios de comunicação cria uma imagem positiva do empresariado (são realizadores que enriquecem com seus negócios, de modo meritocrático) e fazem muitos pobres acreditarem que eles também podem enriquecer. Pedro parece ter sido convencido disso. Os meios de comunicação obscurecem as enormes barreiras à mobilidade social no país. E justificam, de certa forma, as desigualdades, pois os ricos só o são por mérito próprio. Mas o que vemos em *Passageiro do fim do dia* é uma miríade de histórias de patrões que não hesitam em explorar seus funcionários para obter mais lucro.

A publicidade também tem destaque no romance quando Rosane vai assinar sua demissão em uma fábrica de copinhos de mate que – após gastar milhões com uma campanha publicitária e aumentar as vendas subitamente – começou a explorar seus funcionários retirando deles todos os benefícios que tinham, como o vale transporte para quem pegava dois ônibus. Na fábrica, ela sofre uma lesão por seu trabalho repetitivo e é humilhada pelo doutor do departamento médico que diz “para ela não bancar a esperta” (Figueiredo, 2010, p. 155), dando a entender que ela tinha se machucado de propósito para não trabalhar. E, finalmente, ela assina sua demissão, no departamento pessoal, ao

lado de um cartaz de um programa de preservação de uma ave marinha patrocinado pela fábrica de copos de mates. Milhões gastos em publicidade, corte de custos com funcionários, aumento de vendas de copos de plástico que poluem, e a empresa associa sua imagem à preservação do meio ambiente. Contradições que parecem estar longe de serem solucionadas, já que para obterem sucesso, as empresas dependem do consumo desenfreado que aos poucos degrada e polui a natureza.¹⁵

Para completar esse cenário composto por Rubens Figueiredo, não podemos esquecer os livros vendidos na loja de Pedro. Uma juíza, que visitava o local, pega um exemplar “escrito por um publicitário aposentado que ensinava como ser feliz, rico e famoso” (Figueiredo, 2010, p.124). Tal juíza, que colecionava relógios de couro, lia alguns trechos: “Acredite em si mesmo. Você é melhor que os outros. Os bonzinhos não enriquecem.” (Idem, p. 126). O livro, escrito por um publicitário, acaba pregando os mesmos valores repetidos pelas propagandas, através de dicas para enriquecer e ser feliz. Novamente, o que se destaca é o esforço individual. Para atingir os objetivos do livro é necessário autoconfiança e egoísmo, que parecem ser as características dos personagens mais ricos e dos donos de empresas do romance.

De acordo com Chauí, a propaganda comercial foi, com o tempo, deixando de apresentar as qualidades e propriedades do produto para exibir os desejos que ele realizaria. Ela deixou de vender a mercadoria em si, para vender imagens e signos proporcionados pela aquisição dela, como vimos nos exemplos da propaganda de cartões de crédito. A propaganda afirma valores da sociedade em que se encontra o consumidor e também quer despertar nele desejos que ele não tinha. Mas, ela também vende “imagem de empresas que nada tem a ver com o produto a ser consumido” (Chauí, 2006, p.42), como vimos no exemplo da empresa de copos de mate.

A televisão, a rádio e o anúncio publicitário não são apenas pano de fundo para que a história se desenvolva. Elas reforçam a ideia de uma sociedade saturada de imagens e de informações, mas que ao mesmo tempo não contribui para a reflexão e o desenvolvimento crítico, uma sociedade na qual a maioria das

¹⁵ Um interessante vídeo sobre a relação entre produção em massa e problemas ambientais chama-se “A história das coisas” <<https://www.youtube.com/watch?v=Q3YqeDSfdk>>. A autora, Annie Leonard, lançou, com mesmo título, o livro, em 2007, pela editora Zahar.

imagens que vemos tenta nos vender alguma coisa, e tenta passar valores pautados na necessidade de enriquecer, de consumir os produtos anunciados, de ser feliz atingindo esses objetivos.

Apesar da dificuldade de estudar e da falta de informações nos meios de comunicação que levem a uma maior reflexão, Rosane observa atentamente o bairro Tirol e seus moradores na perspectiva de chegar a uma conclusão sobre sua realidade social. Pedro nem sempre presta atenção ao que ela diz, como quando ela tentava explicar a rivalidade de seu bairro com a Várzea, mas “Ele mesmo se distraía nas cenas avulsas que ela contava e a atenção de Pedro se perdia sem fixar quase nenhuma sequencia.” (Figueiredo, 2010, p. 54). No ônibus, ao se lembrar de Rosane e das histórias que ela contava “logo se distraiu e passou a pensar nos ossos do pulso, nos ossos dos ombros de Rosane.” (Idem, p. 64). Imagens e sons parecem ficar mais na memória de Pedro do que palavras.

Porém, seu envolvimento com Rosane e sua preocupação com ela e com sua vida parecem fazer com que ele se sensibilize e comece a ver os outros “com outros olhos”, prestar atenção em aspectos que antes passavam despercebidos. Na medida em que Pedro conhece mais a fundo a realidade de Rosane e seus vizinhos, e que estabelece laços mais fortes com ela e seu bairro, há uma mudança na forma como ele os vê. Essa mudança parece surgir através da memória e das lembranças durante a viagem de ônibus.

Há um momento na narrativa que parece prenunciar uma mudança que se encaminhava na consciência de Pedro: quase na metade do romance, o nervosismo das pessoas no ônibus aumenta por causa de um possível conflito entre varejistas de drogas e o narrador avisa que “tinha acontecido alguma uma coisa importante: a viagem tinha entrado numa fase nova”. (Figueiredo, 2010, p. 79). A viagem não é apenas o deslocamento entre bairros, mas uma viagem subjetiva, de autoconhecimento para Pedro. A partir de então percebemos como a preocupação de Pedro com Rosane aumenta, o medo de que algo de ruim pudesse acontecer com ela começa a revelar não só o afeto que ele tinha por ela como também que a convivência dos dois fez com que ele deixasse de ser tão indiferente como parecia inicialmente. É o que vemos algumas linhas adiante: “com o tempo e com a repetição dos finais de semana que passava na casa de Rosane, não pôde deixar de observar...” (Idem, p. 89); “A lembrança trouxe uma aflição repentina, mais palpável, e Pedro logo pensou nos cuidados, nas atenções

de que Rosane precisava” (Idem, p. 178); “Mas de repente se impressionava mais uma vez ao ver como Rosane não conseguia ficar indiferente a quase ninguém no Tirol” (Idem, p. 180).

Em outros trechos, Pedro imagina como deveria ser a vida dos passageiros do ônibus e, ciente das mazelas usuais entre os seus colegas de viagem, faz conjecturas sobre suas agruras. Ele vê uma mulher que tinha uma tatuagem no pescoço onde estava escrito o nome *Flávia* e, com base no que já conhece da trajetória dos colegas de Rosane, inventa uma espécie de biografia dela:

Mulher jovem demais: Flávia devia ser a filha dela, pensou Pedro. Deve ter sido um parto ou uma gestação difícil, pensou também. Um bebê prematuro, deve ter ficado doente nas primeiras semanas. A mãe, só uma menina – pelo que ele via –, devia ficar acordada quase a noite inteira. (Idem, p.164)

A mãe na certa era sozinha, sem marido, pensou também. Talvez sem família nenhuma, ou com um pai ou mãe hostil. Na certa ele nem mesmo queria saber de marido, nem de pai nenhum. Sozinha, ocupou uma casa minúscula, espremida contra a parede de uma revendedora de carros abandonada, por exemplo. Porta de tábuas finas, pregadas. Talvez chão de terra, que ela varria – água, só em latões que ela mesma trazia de fora, os braços trêmulos com o peso. Assim como as mulheres que Pedro tinha visto mais de uma vez perto da casa de Rosane. (Idem, p.165)

Pedro parece tecer tais imaginações a partir dos casos de mulheres do Tirol expostos por Rosane. O personagem demonstra desenvolver sensibilidade e capacidade de compreensão da dureza do cotidiano das pessoas da periferia. Utilizando as definições de Chauí, citadas no início deste capítulo, o “olhar” de Pedro vai se transformando em “ver”, pois este último é relacionado ao conhecimento (Chauí, 1988, p.35), ainda que o personagem não elabore explicações mais sociológicas para a pobreza e para a desigualdade. Ele apresenta um olhar empático, que busca uma aproximação. Ele quer conhecer o outro, ainda que inventando uma biografia.

Mais adiante na narrativa podemos relacionar o envolvimento de Pedro e Rosane com o aumento de suas reflexões sobre a exploração no trabalho, o que revela um aprofundamento de sua capacidade interpretativa: “Mas só ultimamente Pedro começou a ter a sensação de que os patrões, se precisassem, sem sequer notar o que estavam fazendo, seriam capazes de retirar até a última gota de energia de Rosane e deixá-la exaurida” (Idem, p. 183). A empatia e a solidariedade surgem como traços fundamentais para que se compreenda os

problemas dos outros, revelando no personagem maior senso crítico. E neste trecho, Pedro “vê” claramente a exploração de classe, percebendo que os padrões não hesitariam em fazer Rosane trabalhar até a exaustão.

Quase chegando ao destino final, a preocupação de Pedro com Rosane parece revelar que o laço que os unia era mais forte do que ele imaginava. A constatação de que as viagens se tornaram um hábito ao qual ele se adaptou, da mesma forma como os demais passageiros haviam se adaptado, nos faz perceber que Pedro, ao final, já não via os outros como estranhos, apesar de saber que ele “não era um deles” (Figueiredo, 2010, p. 196). Pedro já não era indiferente àquela gente que conhecia agora muito melhor. Talvez o fim do romance seja uma metáfora da transformação de Pedro. No início do romance, “sem ser visto, Pedro mesmo não se via”. Já no final, ele passa a ver a si mesmo e aos outros passageiros dentro do ônibus: “Pedro começava a ver a si mesmo no reflexo do vidro: sua imagem surgia mais nítida à medida que escurecia lá fora, assim como as imagens dos outros passageiros.” (Figueiredo, 2010, p. 197)

Se por um lado Pedro caracterizado como um distraído que aos poucos começa a perceber e compreender melhor alguns aspectos da sociedade, Rosane é, desde o início da narrativa, caracterizada como uma pessoa observadora, que olha em busca de conhecimento. Ela parece ter herdado de sua mãe a aptidão para contar histórias e quer extrair uma moral, um ensinamento das experiências de vida que ela observa no meio onde vive. Há outros “contadores de histórias” em *Passageiro do fim do dia*, como é o caso de um amigo do pai de Rosane. Esses personagens que relatam histórias têm a função de transmitir as experiências vividas. Se ver é uma forma de conhecimento do mundo que reflete aquilo que somos, ao contar aquilo que vimos, estamos, de certa forma, mostrando um pouco da maneira pela qual enxergamos o mundo. Ao discorrer sobre as características da narrativa, Benjamin afirma que:

...a verdadeira narrativa tem sempre em si uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (Benjamin, 1994, p. 200)

O olhar indagador de Rosane a leva a questionar o discurso dito e repetido na sociedade de que devemos estudar para conseguir um bom emprego e poder ter

o que se quer. Ela percebe a contradição presente nessa sentença ao verificar que seus conhecidos nunca conseguiram sair da pobreza em que se encontravam:

Dali daquele ângulo bem definido e cada vez mais estreito, é que se devia olhar para o mundo em redor. Era dali que se devia lançar o olhar para a frente, para o futuro. Mas a cada dia as dificuldades se mostravam tão flagrantes, os obstáculos eram tão descarados em seu poder e se levantavam tão desproporcionais às forças de Rosane que ela às vezes parava com um susto, uma surpresa, e de repente topava com um imenso vazio à sua volta. Que chances tinha ela afinal? Por que havia de conseguir o que pessoas iguais a ela não conseguiam de jeito nenhum? O que poderia haver em Rosane de tão especial? Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela? (Figueiredo, 2010, p. 63)

“Era dali que se devia olhar para a frente, para o futuro.” O olhar aqui é sinônimo de imaginação, de desejo. É com o discurso dominante na sociedade que se deve pensar e planejar o próprio futuro. As reflexões de Rosane nos fazem pensar que através de seu olhar curioso, ou dos seus “olhos que veem”, Rubens Figueiredo tenha colocado na figura feminina da personagem a força que nenhum outro apresenta na narrativa. Força e vontade de fazer, de saber, de ter, que acaba de alguma forma tocando Pedro, fazendo-o refletir. Mesmo sem conseguir chegar a ter uma compreensão mais elaborada sobre sua realidade social e histórica.

Muitas são as caracterizações dos olhares dos personagens secundários de *Passageiro do fim do dia*. Através destes olhares pode-se perceber os estados de humor e a atmosfera presente no romance. Ao retratar a rivalidade existente entre os moradores do Tirol e da Várzea, percebemos que existe uma rivalidade entre eles que começou com “olhares de lado, de cara fechada” (Figueiredo, 2010, p.39) e logo chegou em “brigas por qualquer motivo” (Idem, p.39). O olhar surge como indício do que acabou por acontecer:

Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e se hostilizavam. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio- nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente”. (Idem, p.54)

Podemos observar que rivalidades entre bairros não são incomuns, mas se elas chegam ao ponto da violência e ao ódio que passa de geração em geração, é porque as pessoas se tornaram demasiadamente brutalizadas e destituídas de solidariedade entre si. Ademais, o ódio entre os moradores das duas regiões é contraproducente em termos políticos. Muito mais razoável seria uma maior união

entre ambos nas suas reivindicações para as autoridades. Afinal, ambos os bairros se encontram em péssimas condições. Essa maior unidade entorno das melhorias sociais preencheria o “horizonte quase vazio” e tornaria as pessoas mais conscientes e solidárias.

Muitos desses personagens secundários, além de não terem uma postura de reivindicações e exigências de melhorias sociais, mostram-se resignados e conformistas. Alguns passageiros do ônibus, quando informados de que o veículo não iria até o Tirol, nada fizeram, pois era “como se fosse uma coisa tão sabida e eles tivessem tão fartos de saber que nem valia a pena reclamar”. (Idem, p.85)

Tal conformação volta a surgir entre pacientes a espera de atendimento em um hospital público. Lá existia a possibilidade passar a frente na fila subornando funcionários: “ninguém ia reclamar, acontecia sempre” (Idem, p.103). Verifica-se uma naturalização da corrupção, que nem chega mais a gerar revolta.

Em um trecho no qual uma amiga de Rosane descreve a sua demissão de uma loja de roupas e seguidos dramas pessoais, a narração é feita sem “revolta”, “nem a memória de revolta, nem sequer um desejo de revolta incompreendido”, sua fala não era a “de quem protesta”. (Idem, 154) A amiga de Rosane não estava indignada, apenas desejava “entender” como fora “possível” aquilo ter acontecido com ela. Uma vez mais no romance, os personagens não conseguem explicar suas próprias mazelas.

Essa falta de explicação e de entendimento dos personagens de *Passageiro do fim do dia* para sua própria vida é suprida em alguns casos pela religiosidade. Como observamos no primeiro capítulo, a fé é um elemento presente em muitos personagens, que muitas vezes portam uma Bíblia. A espiritualidade e o “sobrenatural” são formas dos personagens encontrarem razões para suas dificuldades, sofrimento e para a força que tinham diante das adversidades. Uma amiga de Rosane, após narrar sua vida, “disse que se estava ali, se ainda existia, era por causa de Deus, tinha que ser: o que mais? ‘E também porque eu queria muito’”. (Idem, p.168). Para esta personagem, não só a divindade, mas também sua força de vontade fizeram com que suportasse os momentos de penúria.

A mesma personagem também diz que contou com a solidariedade de algumas pessoas: “vieram ajudar muitas vezes: com os curativos, os banhos, a higiene, os remédios, a conversa, a comida”. (Idem, p.170). Isso mostra que o Tirol não era marcado apenas por rivalidades e violência, mas também por apoio

mútuo, o que é ainda mais fundamental em uma região onde os serviços públicos funcionam mal.

As diferentes histórias de sofrimento narradas por Rosane ou por seus amigos e recordadas por Pedro poucas vezes são marcadas por discursos de revolta ou por anseio de mudanças sociais. Geralmente, o que se deseja é uma melhoria pessoal, um emprego e melhor condição financeira para si e para a família costumam ser o horizonte.

Reivindicações coletivas e organizações de manifestações pela coletividade não parecem estar no horizonte dos personagens do livro. A exigência por serviços públicos de qualidade – que são um direito constitucional de todo cidadão – não marca as reflexões dos protagonistas. Talvez o momento em que Rosane mais se aproxima de uma visão política mais organizativa e coletiva, que demanda o que lhe é direito, ocorre quando a personagem estava se tratando de problemas de saúde advindos do trabalho repetitivo em uma fábrica. Um fisioterapeuta “convenceu Rosane a procurar advogados de uma certa associação. Era de graça, disse. Você tem direito, disse. Para Rosane, “direito significava que tinha que tomar alguma coisa de alguém – alguém que tinha tomado alguma coisa dela”. (Idem, p.159, grifo do autor). Aqui, Rosane demonstra ter consciência que para fazer valer seus direitos, é preciso lutar, exigir o que lhe é devido. O fato de procurar “uma certa associação” pode indicar que um dos caminhos para as melhorias é a reivindicação coletiva e organizada.

Como vimos no primeiro capítulo, a violência e a corrupção policial são temas recorrentes ao longo de *Passageiro do fim do dia*. Interessante observar que, através das histórias de “Trinta”, um ex-militar, a questão do olhar é ressaltada ao se tratar da truculência dos órgãos repressores: “os soldados partiam para cima das pessoas – uma reunião, um comício, uma passeata, o que fosse. E nem viam nada, nem enxergavam quem estava na frente, iam espancando” (Idem, p.186-187). Outra passagem, na qual “Trinta” lembra uma ação em um apartamento onde supostamente haveria drogas: “A gente nem enxergava nada, ia chutando a grade, a porta (...) entrava à força no tal apartamento e podia ser mulher ou velho, podia ser qualquer um, a gente pegava e arrastava”. (Idem, p.186). “Ver” e “enxergar”, termos usados pelo narrador, podem ser interpretados tão somente como dificuldades dos soldados em identificar quem estava sob alvo de sua repressão. Mas podem também ser lidos como uma falta de consciência dos

repressores a respeito de sua própria ação. Ignorância quanto ao autoritarismo de seu gesto, falta de senso crítico com relação a sua atuação antidemocrática, que reprimia atividades políticas como se fossem criminosas. Ademais, mesmo criminosos não devem tratados de modo brutal. Além disso, também podemos conjecturar que eles nem sequer queriam ver o que estavam fazendo, para não pensarem e não sentirem as consequências de seus atos.

Em suas lembranças, “Trinta” não deixa de contar como era a formação dos soldados, que os preparava para agir de forma violenta e “cega”: “Contou que todo o dia os soldados daquele grupo eram espancados pelos oficiais, humilhados pelos sargentos. Punham todos em fila, ao ar livre, e vinham esmurrando, chutando, xingando um depois do outro” (Idem, p.185-186). Assim, percebe-se que o olhar “turvo” e autoritário dos soldados precisou ser forjado com base em autoritarismos e truculência.

A pobreza, a falta de dinheiro para a obtenção dos elementos mais básicos do cotidiano e a repentina possibilidade de poder comprar mercadorias antes inalcançáveis (ou conseguidas mais esporadicamente em pouca quantidade) fez com que alguns personagens exprimissem seus sentimentos com relação aos produtos. Isso ocorre quando Rosane e dois de seus familiares (seu pai e sua tia) receberam um cartão distribuído por um político que permitiria os habitantes de periferia pagar suas compras em supermercados.

A posse do cartão logo alimentou a imaginação do pai de Rosane: “ele gostou da imagem que viu em pensamento: as sacolas de plástico estufadas enchiam o porta-malas aberto de um automóvel... Imaginou também o desembarque das sacolas na frente da sua casa, animou-se cada vez mais...” (Idem, p.109). O simples ato de imaginar a obtenção de produtos o deixou alegre. A chegada de sacolas de supermercados cheias dificilmente seria matéria-prima de sonho de indivíduos mais abastados, mas isso valia para os parentes de Rosane, que logo ficaram ansiosos com a possibilidade de utilizar o referido cartão.

Essa visão das mercadorias como um objeto de desejo precioso e raro levam os personagens a curtirem as andanças pelos corredores do mercado: “Não tinham hora, nem pressa – demoravam-se com certo gosto na seleção, no exame da variedade. Havia uma satisfação, uma sensação de força, um alívio que passava para o corpo e que eles tratavam de aproveitar ao máximo – uma coisa que vinha da mera certeza de poder comprar” (Idem, p.110); “Desfrutaram cada escolha,

nem repararam quanto tempo haviam passado ali dentro”. (Idem, p.111). A escolha das mercadorias, esses objetos reverenciados agora acessíveis, era feita prazerosamente.

Porém, o sonho acabou virando pesadelo. O cartão distribuído pelo político demonstrou ser mais uma peça de marketing do que um programa de assistência que funciona, o que impede os personagens de realizarem compras. No momento da devolução, o respeito e o cuidado às mercadorias manteve-se: “Com a ponta dos dedos, a tia de Rosane empurrava de leve a mercadoria em seu lugar, fazia questão de alinhá-la de acordo com as outras. Cada produto de que se desfaziam causava mágoa”. (Idem, p.116) Havia ainda a vergonha por serem assistidos colocando os produtos de volta às prateleiras, o que ampliava a tristeza: “Como se não bastasse, o pai de Rosane pressentia que as pessoas em volta olhavam muito para eles”. (Idem, p.116)

Nesta passagem do supermercado, podemos perceber como os personagens veem as mercadorias. Elas parecem ter um poder de atração digno de respeito e veneração, talvez porque compras em larga escala – como aquela que seria feita naquele dia – fossem raras e também porque as mercadorias para os mais carentes muitas vezes são inalcançáveis, sendo apenas contempladas na publicidade e nas vitrines. Para os personagens, no dia das compras com o referido cartão, o mundo das mercadorias – associadas ao conforto, bem estar e à satisfação – finalmente se tornava tangível. Mas a alegria se tornou uma grande decepção.

3.2.2

O Olhar na cidade

Neste subcapítulo pretendemos explorar melhor as relações entre o olhar e a cidade em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. Discutiremos as formas de representação da paisagem urbana na obra, pois a mesma apresenta uma nova maneira de observação do espaço na contemporaneidade, que foi alterada pela velocidade e pelas novas tecnologias. O personagem Pedro, que atravessa a cidade em um ônibus, apresenta um olhar específico para o espaço ao redor.

Levando em conta a questão do olhar na cidade contemporânea, Nelson Brissac Peixoto alerta para a transformação que ocorreu em nossa maneira de ver,

causada pelas transformações na estrutura urbana e nos meios de comunicação, com a velocidade e com a informatização. Ele fala de um achatamento da paisagem e da superficialização de prédios e habitantes (Peixoto, 1988, p. 361). Ao retomar os estudos de Engels em *As multidões*, Benjamin cita um trecho em que o teórico reflete sobre as multidões:

Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas as outras, não são todas seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse em serem felizes? E no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros (...) não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. (Benjamin, p. 54)

Essas considerações apontam para certa indiferença presente no olhar dos habitantes da cidade em relação aos seus semelhantes, para a superficialidade desse olhar. Além dessas características, podemos acrescentar, pelo que percebemos nos olhares dos personagens secundários de *Passageiro do fim do dia*, certa rapidez, desconfiança, medo, fixidez, apreensão.

No trânsito, passageiros e motorista, cansados, estressados, preocupados com a viagem, não parecem se relacionar de forma amistosa. O atraso do ônibus deixa todos impacientes, e os olhares nesse ambiente só podem refletir esse clima tenso que permanece desde antes da partida do ônibus. A demora do veículo em um ponto de ônibus causa revolta em alguns passageiros, e através do espelho retrovisor Pedro via que no motorista “os olhos rápidos, desconfiados, tentavam tomar pé da situação, dentro do ônibus e fora também” (Figueiredo, 2010, p. 23). Logo em seguida, são caracterizados os olhares das pessoas que esperavam o ansiosamente ônibus no ponto: “Não era só um esforço de atenção e cálculo que franzia a pele da testa, que endurecia o olhar.” (Idem, p. 23).

Os olhares trocados entre os passageiros do romance são, em sua maioria, olhares que não se fixam, olhares desconfiados, e até olhares endurecidos por esse meio que não é propício ao encontro e a uma comunicação que leve ao conhecimento e a proximidade com o outro, como percebemos nos exemplos abaixo no momento em que o embarque de passageiros em um ponto de ônibus começa a atrasar a viagem dos demais:

No espelho retrovisor acima do para-brisa, Pedro podia ver quase metade da cara do motorista: os olhos rápidos, desconfiados, tentavam tomar pé da situação, dentro do ônibus e fora também. (...) Mas não havia só isso no movimento

alarmado daquelas cabeças. Não era só um esforço de atenção e cálculo que franzia a pele da testa, que endurecia o olhar. (Figueiredo, 2010, p. 23)

No artigo *Ler a cidade pela janela de um ônibus*, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio retoma o artigo de Renato Cordeiro Gomes intitulado *De rua e de janela* para rediscutir a representação da paisagem urbana através de duas matrizes: a rua e a janela. Gomes analisa os contos “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe, e “A janela de esquina do meu primo”, de E. T. A. Hoffmann contrastando as formas de observação da cidade a partir do ato de caminhar pela rua e do olhar fixo lançado através de uma janela de um andar elevado de uma casa situada de frente para a praça do mercado.

Os dois contos tematizam a leitura da cidade em um momento em que esta se tornava símbolo da vida moderna (o conto de Hoffmann é de 1822 e o de Poe de 1840) e já foram apontadas por Walter Benjamin e por Jean Starobinski, como afirma Gomes em seu artigo.

O conto de Hoffman apresenta um diálogo entre o narrador e seu primo escritor, que mora em uma casa de andar alto e que, por conta de uma doença que o impedia de se movimentar, passava os dias a observar a multidão na praça a sua frente. É o primo que vai ensinar ao narrador a “arte de enxergar” (Hoffman, 2010, p. 17). Ele ensina que para enxergar com nitidez é preciso fixar o olhar, e a partir daí, vai chamando a atenção de seu primo para as pessoas que estão na praça, para suas vestimentas, seus gestos, fazendo comentários e suposições.

No conto de Poe, o narrador se senta na janela de um café em Londres e passa a observar a multidão que passa, com um jornal nas mãos e um charuto na boca. Assim como no conto de Hoffman, o narrador aqui começa a observar mais detalhadamente as pessoas e a fazer considerações e reflexões a respeito do que vê. Dessa maneira, ele vai distinguindo funcionários de firmas sérias, jogadores, camelôs judeus, mensageiros, doceiros, carregadores de carvão por suas vestimentas e gestos. Até que, ao anoitecer, ele se depara com um rosto que chama a sua atenção e resolve segui-lo.

No conto de Hoffman, o escritor é uma consciência separada daquilo que ele observa sem participar. Nele, a imobilidade leva ao aguçamento do olhar e à tentativa de fixar o instante que flui através de uma cena enquadrada pela janela. Já no conto de Poe, a partir de um café, cuja janela funciona como camarote para o espetáculo da rua, o narrador desiste de sua posição fixa e resolve juntar-se à

multidão e perseguir o homem que o inquieta, na tentativa de decifrá-lo. Torna-se assim *flâneur* que se desloca em meio à turba ao mesmo tempo em que faz sua leitura da cidade.

Levando em consideração essas duas matrizes já estudadas, Patrocínio, em seu artigo, analisa a representação da paisagem urbana em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, cujo personagem principal tem como espaço de observação da cidade a janela de um ônibus em movimento. O autor afirma que o romance de Figueiredo constrói um olhar privilegiado, que é “o resultado da combinação das duas matrizes de representação do ambiente urbano.” (Patrocínio, 2013, p. 35). Porém, agora a janela não é mais fixa, ela se movimenta, mas esse movimento não é livre como o de um *flâneur*, mas predefinido devido ao percurso do ônibus. O ônibus que, para Massimo di Felice, em *Paisagens Pós-urbanas*, é um dos modos de habitar exotópico, é um dos melhores meios para se conhecer uma cidade, possibilitando um olhar estratégico. Patrocínio afirma ainda que a janela do ônibus oferece duas possibilidades de compreensão do urbano:

a primeira como moldura móvel enquadrando a realidade urbana que se ergue nos limites exteriores do veículo. A segunda, como uma espécie de espelho que reflete no interior do próprio ônibus o emaranhado de vivências humanas. (Patrocínio, 2013, p. 37)

Porém, é impossível fixar o olhar na cena urbana do espaço exterior ao ônibus devido à velocidade exigida pela dinâmica da cidade. Como observa Patrocínio, a janela funciona como espaço que deixa o vento bater na cara do passageiro. O movimento impede que Pedro formule considerações a respeito do que via pela janela do ônibus:

Pedro escolhia uma casa e nela fixava o olhar. Tentava imaginar como eram os moradores e em que trabalhavam. Porém o ônibus avançava em velocidade, a estrada traçava uma curva comprida e a casa escolhida por ele ficava para trás aos poucos. Por fim sumia, antes que Pedro conseguisse formar qualquer ideia. (Figueiredo, 2010, p. 40)

Apesar da impossibilidade de formular reflexões sobre o que surgia e rapidamente desaparecia fora do ônibus, Pedro fixa o olhar nos passageiros e consegue examinar, sugerir, formular hipóteses sobre suas vidas. São as marcas dos corpos que são como pistas para esse personagem que reúne elementos para elaborar sua teoria. Vale lembrar que Pedro não faz essas especulações apenas em relação aos passageiros ali presentes. Seus companheiros de viagem – o livro e o

rádio – também servem de ponto de partida para seus pensamentos, e, dessa forma, a voz da locutora é suficiente para que Pedro desenvolva todo um raciocínio de como seria a vida dela e o que ela faria nos finais de semana. O livro sobre Darwin também serve como desencadeador para suas reflexões sobre a vida do cientista. A subjetividade e a imaginação de Pedro são resultado tanto da provocação que vem daquilo que ele vê, como daquilo que ele lê e ouve.

O conto *Escola da noite*

O professor da rede pública se encontra num ponto de observação especial da máquina que reproduz a desigualdade. As distâncias entre alunos e professores, entre os próprios professores (pois há diferenças de origem social importantes entre eles), entre os professores e os órgãos de Estado, entre sua escola e outras escolas, entre o sistema educacional em si e os objetivos de fundo da ordem social dominante – essas distâncias se exprimem em conflitos que, à custa de muita pressão, ocultam sua face verdadeira. Isso faz parte do cotidiano do trabalho de um professor. Ali, ele pode observar de perto como são resistentes seus próprios preconceitos, noções assimiladas de modo insensível e providas nem ele sabe de onde. Crer que nada disso é assunto digno ou viável de literatura, ou que só o será à custa de depurações de linguagem e de construção tão labirínticas que as questões mesmas somem no horizonte sem deixar vestígio, indica o lugar que nossa sociedade reserva para essa dita arte.

Rubens Figueiredo

Em entrevista concedida a Paulo Roberto Tonani, Rubens Figueiredo fala sobre sua experiência como professor da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e sobre a influência dessa profissão em seu conto “Escola da noite”, que faz parte do *Livro dos Lobos*. Além da vivência em um ambiente escolar que, a princípio, é estranho e de difícil interação com alunos de um grupo social diferente, o conto também mostra um pouco sobre uma parte da cidade que é socialmente desfavorecida e mostra o olhar de uma professora frente a um local que lhe é estranho, mas que passa a fazer parte de sua rotina ao começar sua carreira como docente.

Como professora da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, não pude resistir à ideia de aliar minha experiência pessoal à interpretação deste conto que consegue reunir os temas da cidade, do olhar e da experiência pessoal e ao mesmo tempo tão comum a um grupo de profissionais que aprende a lidar com os mesmos obstáculos descritos pelo autor, desde a escolha da escola até a adaptação a ela (ou a não adaptação, já que muitos profissionais desistem do ofício em pouco tempo). Por isso, acreditamos que, apesar de fazer parte de uma obra que não foi objeto de análise desta dissertação, o conto pode agregar positivamente ao tratar de assuntos que foram tema deste trabalho e dessa experiência que marcou a obra de Rubens Figueiredo.

O livro dos lobos foi lançado em 1994 e trouxe uma mudança significativa para o conjunto da obra de Rubens Figueiredo. Até então, o autor havia escrito três romances: *Essa maldita farinha*, *O mistério da samambaia bailarina* e *Festa do Milênio*. Esses três primeiros livros foram marcados por um tom burlesco de paródia do gênero romance policial. Mas o quarto livro, além de apresentar narrativas curtas, deixa o humor de lado para levantar aspectos subjetivos de personagens em confronto com situações complicadas e até mesmo insólitas. O próprio título do livro já nos remete a uma atmosfera mais sombria, já que o animal lobo, na literatura, costuma ser associado ao mal, ao perigo.

De fato, os contos, apesar de totalmente independentes uns dos outros, carregam uma similitude em relação ao tema: os personagens vivenciam situações limite na qual entram em confronto com seu próprio eu. Como escreveu Marcelo Pereira em sua dissertação de mestrado:

Os lobos, que tem uma longa tradição na ficção, principalmente nas fábulas e contos infantis, aqui aparecem como símbolo do desajuste entre uma natureza humana instintiva e uma sociabilidade que tende a restringir os impulsos interiores dos indivíduos. Os lobos são símbolo da animalização do homem contemporâneo em sua relação bárbara com a coletividade. (Pereira, 2007, p. 41)

A animalização dos personagens se dá ao se sentirem ameaçados e acabam por buscar dentro de si mesmos “o substrato de ferocidade com que reagem à iminência do confronto”. (Pereira, 2007, p. 41) Seja na forma da competição que se dá entre dois biógrafos lutando para escrever sobre uma mesma pessoa, em “Os biógrafos de Albernaz”, na figura de um narrador-personagem de comportamento instável, criado em uma casa nas montanhas, que acaba por levar uma mulher à morte, em “Alguém dorme nas cavernas”, na transformação de uma jovem que viaja nas férias e perde sua identidade, em “O caminho de poço verde”, ou até na trajetória de uma professora chamada Andréia que, diante do confronto com uma realidade assustadora, descobre-se capaz de um ato bárbaro, em “A escola da noite” é o enfrentamento do ser humano consigo mesmo e com a sociedade que está em jogo.

“Escola da noite” narra a experiência de uma professora chamada Andréia que passa para um concurso público e inicia sua carreira no magistério, em uma escola que ficava em um bairro desconhecido por ela. Como observou Pereira em sua dissertação, o título do conto contém uma ambiguidade: “não fala apenas de

uma escola que funciona à noite: a noite também é uma escola.” (Pereira, 2007, p. 65). Noite e escuridão, na literatura, também sempre foram associadas ao mal ou ao incerto, temas presentes no conto.

Desde o início percebemos que o clima do conto é de medo e desconfiança, reforçados pela escuridão e pelas sombras dos caminhos. Já na escolha da escola havia um clima de suspeita entre os professores, pois havia uma espécie de disputa velada pela melhor escola, o que fazia deles concorrentes. Todas as vagas eram para trabalhar à noite, em bairros distantes e pobres, e a chegada de Andréia à escola escolhida revelou um local “pior do que ela imaginava” (Figueiredo, 2009, p. 146), mal-iluminado, cheio de sombras e escuridão. Apesar dos anos e da experiência, a única coisa que ela não conseguiu se acostumar foi ao espaço:

No entanto uma parte do quadro não queria se render, não se estabilizava. Era o caminho do ponto de ônibus até o colégio. As escadas, as sombras, os becos, os muros. Os sustos que levava, as formas que imaginava ver. Toda noite de aula, aquele percurso trazia Andréia de volta ao início de tudo. (Figueiredo, 2009, p.150).

Assim como em *Passageiro do fim do dia*, onde temos um protagonista, Pedro, que vive numa região mais central da cidade e que precisa atravessá-la para chegar à casa de sua namorada na periferia, em “Escola da noite” temos também uma protagonista que provavelmente mora em uma região mais favorecida socialmente e que precisa fazer uma longa viagem até uma região mais pobre para trabalhar. Chegamos a essa conclusão não apenas pelo estranhamento de Andréia ao chegar ao local de trabalho, mas também por ter omitido de seus pais a verdadeira impressão que teve de lá para que eles não ficassem preocupados.

Tanto no romance como no conto temos protagonistas em confronto com um espaço que lhes é estranho e com pessoas que têm experiências de vida totalmente diversas das suas. Porém, se no romance Pedro passa a conhecer cada vez mais os moradores do Tirol, seja através do relato de sua namorada ou mesmo de sua própria experiência nas idas para lá, e se aproximar e compreender melhor cada uma delas, na escola de Andréia isso não parece acontecer. O medo que toma conta dela parece fazer com que haja sempre uma desconfiança e um distanciamento em relação aos alunos. Talvez a própria posição de professora e de autoridade dentro do espaço da escola dificulte essa aproximação.

Em “Escola da noite”, assim como em *Passageiro do fim do dia*, a cidade é um espaço partido, onde as pessoas não têm o conhecimento do todo, ficando muitas vezes circunscritas ao seu próprio bairro, o que cria um desligamento entre os moradores da cidade, como aponta Canclini:

Cada grupo de pessoas transita, conhece, experimenta pequenos lugares, em seus percursos para ir ao trabalho, para ir estudar, para fazer compras, passear ou se divertir. Mas são percursos muito pequenos em relação ao conjunto da cidade. De onde se perde esta experiência do urbano, se debilita a solidariedade e o sentimento de pertencimento. (Canclini, 1999, p.82)

Outros pontos de semelhança entre o romance e o conto são: a cidade marcada pela pobreza, os problemas do sistema educacional e a violência. Em “Escola da noite”, o narrador faz referência à “profissão tão difícil, mal falada e mal paga” (Figueiredo, 2009, p. 145), a “um canal que corria em uma vala, a uns duzentos metros da escola” (Idem, 146), a “postes com a lâmpada partida a pedradas”, “montes de lixo” e até a “um homem de arma na mão” (Idem, p. 147).

Há, porém, uma diferença marcante entre Pedro e Andreia. O protagonista do romance lança seu olhar curioso para as pessoas e para o Tirol em busca do conhecimento. Seu olhar se assemelha ao do viajante, que justamente por não pertencer ao local, pode observar com mais agudeza aspectos que os olhos acostumados já não enxergam mais. Mas no conto, o medo do local desconhecido faz com que Andréia sequer olhe para os lados ou se aproxime de seus alunos. Em um momento da narrativa, é dito que “Andreia via os alunos saírem lentamente daquela sombra...” (Figueiredo, 2009, p. 146). Ou seja, o bairro era uma espécie massa uniforme escondida pela escuridão, para Andréia, que não conseguia nem perceber a diferença entre as construções: “As escadarias desembocavam em ruelas, becos e muros onde Andréia mal conseguia distinguir o que era uma residência, uma oficina ou uma construção abandonada.” (Figueiredo, 2009, p.147). Era como uma massa homogênea e degradada, e mesmo quando os alunos chegavam no espaço um pouco mais iluminado da escola, se escondiam e se distanciavam de alguma maneira:

Uma parte dos alunos sempre se perdia numa sombra, em silhuetas móveis, ao fundo. Apesar disso, no lusco-fusco e na poeira, Andréia podia entrever às vezes uma aluna mergulhada numa espécie de êxtase, na ilha do seu aparelho de som portátil, com os fones nos ouvidos. Mesmo na parte mais iluminada da sala, alguns rostos se ocultavam inteiros na sombra da pala comprida de bonés. (Figueiredo, 2009, p. 148)

Apesar do medo e da desconfiança, Andreia não parece sentir raiva ou desprezo pelos alunos. Ela acreditava que eles eram vítimas de uma sociedade excludente e queriam se vingar por aquilo que sofreram. Alguns professores os defendiam com esses mesmos argumentos. Mas ela “se aborrecia consigo mesma por sentir que concordava quando algum colega mais nervoso resmungava que os estudantes eram uns burros, uns selvagens, verdadeiros retardados.” (Figueiredo, 2009, p. 149). Essa passagem expõe a realidade de muitos professores atualmente no Brasil e expõe a complexidade de uma relação que se mostra muitas vezes frustrante. Muitos profissionais iniciam sua carreira, na educação, empenhados em melhorar os níveis educacionais do país, em ajudar os alunos a superarem suas dificuldades, mas acabam frustrados, amargurados e cansados, culpando os alunos por seu desrespeito com o professor e desistindo do sonho de contribuir para tornar melhor a sociedade. Não é raro ouvirmos nas escolas, após bater o sinal de início das aulas, em tom irônico: “Vamos lá, vamos mudar vidas!”, seguido de algumas risadas.

Para retomar a ideia do olhar, no conto, tomo a metáfora do endurecimento do olhar. Dessa maneira, o olhar de Andreia, que já não se movimentava muito a fim de reconhecer o bairro onde trabalhava, olhar fugidio, parece endurecer ao longo da narrativa, no sentido de que ela tornou-se aos poucos insensível ao que via. O medo e a falta de reconhecimento do outro como igual fizeram com que ela se afastasse mais ainda dos alunos. Mas a transformação só se completa quando ela perde o medo, tornando-se totalmente indiferente.

Isto acontece numa semana em que corriam boatos sobre um acerto de contas entre policiais e criminosos. Andreia estava tomada pelo pavor. Ela ia para a escola quando percebe barulhos estranhos e uma mancha que aumentava: “A sombra de fato cresceu num impulso que parecia vir do alto. Precedida por um breve deslocamento de ar, caiu em cima de Andreia.” (Figueiredo, 2009, p. 150). Sem saber direito o que estava acontecendo – se estava sendo atacada ou não – Andreia se enrosca no chão com esse corpo que cai em cima dela, sente o molhado do sangue e depois sente uma faca. Acreditando que tinha sido ferida, ela golpeia o corpo e se desvencilha dele. Só então reconhece o rosto de um ex-aluno que havia abandonado a escola. Quando ela retorna à escola, alguns dias depois, os colegas comentam a morte deste ex-aluno, mas ela não reage, pois não sentia mais nada, nem medo, nem remorso.

Em *História do medo no Ocidente*, Jean Delumeau retoma Sarte ao falar do caráter intrínseco do medo no homem: “Todos os homens tem medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal, isso nada tem a ver com a coragem.” (apud: Delumeau, 2009, p. 23). No caso de “Escola da noite”, o medo de Andreia tem relação com o temor por um ambiente ameaçador e estranho. Delumeau também afirma que o medo pode tornar-se causa da involução dos indivíduos, e comenta, citando Marc Oraison:

Mais geralmente, quem quer que seja presa do medo corre o risco de desagregar-se. Sua personalidade se fende, “a impressão de conforto dada pela adesão ao mundo” desaparece; “o ser se torna separado, outro, estranho. O tempo para, o espaço encolhe”. (apud Delumeau, 2009, p. 25).

Andreia parece ser vítima do próprio medo, e, tal qual na citação acima, tem sua personalidade cindida. Sua empatia se transforma em indiferença. Mais até do que isso, ela se vê capaz de um ato cruel em um momento de defesa pessoal, e torna-se incapaz de se sensibilizar com o ocorrido. O medo fez com que ela passasse para o lado da escuridão, para citar mais uma vez a dissertação de Pereira. A sombra que “caiu em cima de Andreia.” (Figueiredo, 2009, p. 150), não foi apenas o espaço privado de luz do indivíduo que a perseguia, ou o próprio indivíduo que cai em cima dela, mas a própria escuridão que se apodera dela, marcando o momento da transformação.

Interessante observar que a protagonista percebe que, na região em que ficava a escola, as pessoas eram absorvidas por uma “força desagregadora” (Figueiredo, 2009, p. 147), e acabavam por se adaptar. Andréia parece não ter sido uma exceção a essa regra e, mesmo não sendo uma moradora do local, acabou sendo também integrada a esse mundo sombrio do qual antes era mera espectadora assustada.

Tanto em *Passageiro do fim do dia* quanto em “Escola da noite”, a adaptação dos seres humanos a um ambiente hostil e degradado parece ser condição daqueles que não tem outra opção, a não ser encarar a realidade, que é normalmente afetada pelo problema da violência que existe em grandes centros urbanos, especialmente em regiões periféricas comandadas pelo comércio varejista de drogas e por conflitos ligados a ele.

A violência de determinados bairros é de fato uma das maiores preocupações dos professores municipais e estaduais ao escolher uma escola, e tal

fato foi muito bem explorado por Figueiredo neste conto. Lembro-me perfeitamente do temor que senti quando, na fila da Coordenadoria Regional de Educação a qual havia me candidatado, outros professores começaram a nomear regiões e escolas que deveríamos evitar a qualquer custo, e contavam histórias terríveis de professores que haviam trabalhado nesses lugares. Apenas uma vantagem havia, diziam eles, de se trabalhar em lugares perigosos: quando tinha tiroteio, a escola era fechada e as aulas suspensas, e isso era algo frequente. A escolha da escola é de fato “uma loteria” (Figueiredo, 2009, p. 144), como o narrador afirma no conto, pois geralmente temos que optar por escolas cujas condições e contexto social desconhecemos por completo.

Violência, medo, adaptação e ambiente degradado são alguns dos temas explorados por Rubens Figueiredo ao recompor a cidade, ou parte dela, nessas duas obras, mas sempre ressaltando não a cidade em si, mas a relação que se estabelece entre ela e seus habitantes. Apesar das muitas descrições do romance comentado e do conto, o que se sobressai é a sondagem psicológica dos personagens, a maneira pela qual eles olham, observam e lidam com esses aspectos da sociedade.

Em *Passageiro do fim do dia*, observamos a mudança de um olhar quase alheio ao que se vê, do personagem Pedro, até o seu envolvimento e a conquista de um olhar capaz de ver, de compreender relações entre as pessoas e um ambiente até então estranho para ele. O olhar distante, porém observador, se torna um olhar empático, capaz de se identificar com o outro. Já em “Escola da noite”, percebemos a mudança do olhar de Andreia, um olhar desconfiado, que não procurava detalhes, mas sim evitava o contato visual, para um olhar que perde o medo, e que ao mesmo tempo se torna insensível àquilo que vê.

Seria interessante indagarmos quais seriam os motivos para o “endurecimento do olhar”, ou seja, a perda do olhar sensível que observamos em tantas escolas, em tantos professores que desistem da profissão ou que apenas ficam reclamando na sala dos professores, todos os dias, sem nem ao menos tentar mudar um pouco o discurso: “os alunos são uns burros”, “os alunos são agressivos”, “os alunos são mal educados” etc.

Embora não seja nossa pretensão empreender uma reflexão aprofundada dos fatores que levam ao “endurecimento do olhar” de muitos professores, gostaríamos de elencar algumas questões que parecem ser centrais nesse processo,

aproveitando minha vivência no universo escolar. Alguns desses pontos estão presentes em “Escola da noite”.

Dentre as causas que levam muitos professores a uma postura marcada pelo absenteísmo, destaco o desinteresse pelo estudo, o desrespeito pelo professor e a falta de base de muitos alunos. Esta última se torna um grande problema porque muitos profissionais se preparam para lecionar a disciplina que estudaram durante tanto tempo na faculdade, mas se deparam com muitos alunos que mal sabem ler, escrever e compreender os sentidos do texto, mas por causa de um sistema de ensino ineficiente, passam de ano mesmo sendo analfabetos funcionais. E os professores que não se capacitaram para alfabetizar, acabam tendo que lidar com esta dificuldade.

Outros motivos para a desmotivação dos professores são: ter de lidar com situações de violência dentro da escola, a falta de recursos como, por exemplo, a máquina copiadora e aparelhos de TV e DVD, os baixos salários e também o fato de ser uma atividade muito exaustiva para o corpo, a voz e a mente, ainda mais se lembrarmos que para complementar sua renda muitos professores acabam trabalhando em mais de três lugares diferentes, nos turnos da manhã, da tarde e da noite, além de fazerem viagens longas para ir de um local de trabalho a outro.

Não podemos esquecer também do grande problema que é ter de encarar salas superlotadas que tornam o ambiente ainda mais barulhento e estressante. Ter de lidar com pais de alunos que não acompanham o dia a dia escolar de seus filhos e que, muitas vezes, são agressivos e impacientes com professores e demais profissionais da escola. Ter de lidar com um sistema com pouca democracia, no qual a secretaria baixa normas “de cima para baixo”, criando provas e materiais sem ouvir os professores. Ter que trabalhar fora do expediente corrigindo provas, preparando aulas e preenchendo burocracias, como o diário de classe, pois na escola não há um ambiente adequado para isto.

Por fim, temos que conviver com histórias tristes de muitos alunos que sofreram com tragédias familiares, miséria e falta de orientação familiar básica, sem podermos de fato ajudá-los, pois não há profissionais capacitados na escola, como psicólogos, para lidarem com adolescentes que necessitam de um acompanhamento especializado. E, como se não bastassem todos esses obstáculos, ainda temos que lidar com a falta de prestígio social e atenção dos governos,

como pudemos observar nas repreensões às greves dos professores dos últimos anos pelo Brasil.

Considerações finais

A primeira parte da dissertação tem como tema a cidade. Ao optarmos por uma leitura da representação do meio urbano em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, tivemos como ponto de partida a afirmação de que “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve, contudo existe uma ligação entre eles” (Calvino, 2013, p. 59). A cidade escrita revela um olhar sobre o espaço urbano e as relações que nele se estabelecem, pois ela é aberta a múltiplas significações.

No romance em questão, a cidade não é nomeada. Porém, observamos nela características das metrópoles contemporâneas. Através de entrevistas, o autor já afirmou que sua experiência como professor no Rio de Janeiro influenciou a escrita deste livro. Mas o que se sobressai na caracterização das relações entre os personagens e o espaço são problemas presentes em muitas cidades do mundo, especialmente nos países periféricos: a violência, o estresse, a exploração, a desigualdade. Há, portanto, uma preocupação social no olhar de Rubens Figueiredo sobre a contemporaneidade.

Referimo-nos às relações entre o meio urbano e seus habitantes por entendermos que ler a cidade significa, também, interpretar a conexão existente entre ambos. Essa relação entre o sujeito e o ambiente é entendida por *Massimo di Felice* como sendo comunicativa (Felice, 2009, p.27). A leitura, os meios de comunicação, como o rádio e a televisão, e as tecnologias atuais, como a internet, influenciam a nossa experiência do urbano, e alguns deles estão presentes no romance de Figueiredo, não apenas como pano de fundo, mas como elementos que tem um papel fundamental na narrativa.

O personagem principal de *Passageiro do fim do dia*, Pedro, faz uma viagem do centro até um bairro de periferia, local onde vive sua namorada Rosane. Mas também faz uma viagem através do seu pensamento. Estar na cidade e atravessá-la possibilitam a ativação do nosso imaginário, como afirma Néstor García Canclini em *Imaginários Urbanos* (Canclini, 199, p.8). Essas duas viagens viabilizam a leitura de diferentes formas de interação com o ambiente. Pedro

carrega consigo um rádio e um livro sobre a vida e as ideias de Charles Darwin: eles alteram sua percepção do espaço e influenciam o seu olhar.

A vida na cidade contemporânea dificulta a fixação do olhar e torna a paisagem superficial devido ao ritmo acelerado. O olhar de Pedro não se fixa por muito tempo devido à velocidade no trânsito, e a janela do ônibus em que viaja serve para que ele sinta o vento, como ele mesmo afirma. No romance, percebemos como os olhares dos personagens no trânsito da cidade grande são rápidos, desconfiados, ansiosos e até endurecidos por causa do estresse e das inúmeras dificuldades de todos os dias.

Durante o trajeto percorrido por Pedro, desde a espera pelo ônibus até a viagem no veículo, a cidade é descrita como um lugar desconfortável, estressante, sujo e barulhento. Qualquer contratempo no caminho pode gerar ansiedade e irritação nos personagens. Essa cidade grande, onde os habitantes muitas vezes não têm a experiência do seu conjunto, acaba afastando as pessoas e debilitando os laços de solidariedade. É através do conhecimento Tirol – bairro periférico que Pedro passa a frequentar por causa da namorada – e das histórias de seus moradores e da própria Rosane que ocorre uma mudança na consciência dele.

Tais histórias surgem através de suas lembranças e muitas vezes acabam sendo contadas por um narrador em terceira pessoa, que ora se aproxima ora se afasta, narrando os pensamentos de Pedro e de outros personagens, e fazendo comentários sobre eles. Nesses episódios, que revelam a cidade focando em cenas diversas, os presídios são precários, há um total abandono na condição da saúde pública, os patrões exploram os empregados, a justiça parece funcionar apenas para os ricos, a violência está presente tanto nos conflitos entre traficantes de bairros quanto dentro da própria polícia e, por fim, há muita instabilidade e carência na vida dos trabalhadores informais e dos desempregados.

A descrição de alguns personagens excluídos socialmente – como é o caso de uma amiga de Rosane que vai trabalhar no escritório de advocacia de um amigo de Pedro – os nivela aos animais. Ao mesmo tempo, um cão – que está confortavelmente sentado no banco de um carro que passa ao lado do ônibus em que o protagonista viaja – parece ter mais modos que esses personagens, e uma vida melhor. Os contrastes entre a caracterização dos ricos advogados e os personagens de periferia – os primeiros muito bem arrumados e portando acessórios caros e os segundos com cicatrizes pelo corpo – acentuam ainda mais a

profunda desigualdade social. Os traços mais positivos que percebemos nesse cenário são a solidariedade existente entre os habitantes do Tirol e a força de vontade e a perseverança de Rosane em busca do conhecimento e de uma vida melhor.

Os traços observados no romance de Rubens Figueiredo revelam que o autor lança um olhar crítico para a sociedade contemporânea e busca evidenciar especialmente seus aspectos negativos em sua representação da cidade. A narrativa, cheia de instabilidade e incerteza, deixa o final em aberto: não há conclusões nem respostas prontas, mas a viagem continua em nossas reflexões.

A busca por significados e por uma melhor compreensão da realidade que mencionamos anteriormente foi mais explorada na segunda parte da dissertação, que tem como tema o olhar. Nela, optamos por explorar as relações da visão com o conhecimento, pois, de acordo com Marilena Chauí, “ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento” (Chauí, 1988, p. 35). Nesse sentido, os protagonistas apresentam olhos que veem, dado que eles estão sempre buscando respostas para as reflexões que fazem, especialmente Rosane, que presta muita atenção nas histórias de seus conhecidos e tenta explicar para Pedro, mas nunca consegue se expressar satisfatoriamente, como nos informa o narrador.

Os meios de comunicação presentes no romance acabam por reforçar ainda mais a ausência de esclarecimento dos personagens por não contribuírem para a reflexão, mas sim para a divulgação de valores apregoados pelas classes dominantes na sociedade. Além do mais, eles também influenciam o imaginário dos personagens. Um programa de televisão que os protagonistas assistem cujos personagens têm nomes em inglês e em que ocorre troca de tiros faz com que ela se lembre de suas amigas que colocam nomes estrangeiros nos filhos e nos amigos de infância que se envolveram com a criminalidade. Programas de rádio ativam a imaginação de Pedro – caracterizado como um distraído que gostava de buscar distrações – que fantasia sobre a vida íntima das apresentadoras. A televisão também é marcante no cotidiano dos personagens e muitos diálogos acontecem na frente dela. A busca de Rosane pela compreensão das mudanças no bairro em que vive lembra uma pesquisa realizada por Canclini na cidade do México, que revela que, para grande parte dos habitantes, a cidade é um objeto enigmático. Eles não conseguem elaborar explicações mais complexas, apenas identificando problemas isolados.

A necessidade de formular um discurso que permita uma compreensão mais abrangente da realidade social que permeia as histórias contadas por Rosane vai, aos poucos, influenciando o olhar de Pedro, já que as preocupações dela acabam sensibilizando-o também. A viagem de Pedro é dupla: é a do deslocamento pelo bairro, mas também uma viagem de autoconhecimento na qual ele desenvolve sua percepção diante das injustiças sociais. Durante a longa viagem até o bairro de Rosane, Pedro recorda-se de inúmeras histórias contadas por sua namorada e por outros personagens ligados a ela, o que provoca nele reflexões a respeito da vida dos moradores da periferia, especialmente da vida de Rosane, fazendo com que ele demonstre sensibilidade e um maior entendimento dos seus problemas. Há uma espécie de avanço no conhecimento do personagem Pedro que vai acontecendo com o desenrolar de suas lembranças e da viagem de ônibus.

Outros personagens têm seus olhares caracterizados e eles indicam os estados de humor e a atmosfera presentes no romance. “Olhares de lado, de cara fechada” (Figueiredo, 2011, p. 39) se agravam entre os moradores do Tirol (bairro de Rosane) e da Várzea (bairro vizinho) desencadeando brigas e rivalidades. Um ex-militar amigo do pai de Rosane conta que quando servia ao exército “os soldados partiam para cima das pessoas (...) nem viam nada, nem enxergavam quem estava na frente” (Idem, p. 186). Não ver, neste caso, pode ser lido como a própria falta de senso crítico e de insensibilidade em sua ação. A visão de mercadorias a serem compradas por Rosane e seus familiares no supermercado faz com que eles agucem o olhar com satisfação, revelando a mercadoria enquanto objeto de desejo precioso.

A representação do olhar em *Passageiro do fim do dia* aponta para a preponderância dele na cidade contemporânea repleta de imagens que, mais do que nos dizer algo, tentam nos vender alguma coisa, como afirma Wim Wenders no filme *Janela da alma*. Mas, mais do que isso, nos possibilita penetrar no imaginário dos personagens para tentar entender de que forma eles olham, veem e compreendem o mundo.

Nesta cidade criada por Rubens Figueiredo, percebemos que o estilo de vida contemporâneo causa nos personagens irritação, impaciência, desconfiança e medo. As longas distâncias percorridas e a separação das classes sociais em territórios bem definidos promovem um desconhecimento do outro e de partes da

cidade, assim como também aguça a curiosidade e o desejo de conhecimento que se revelam na imaginação acerca da vida dos demais. Mas a verdadeira aproximação só é possível quando Pedro ultrapassa a barreira física que os separa e penetra na vida e nas histórias contadas pelos personagens com a consequente criação de um vínculo entre eles.

Por fim, em “Escola da noite” o autor também apresenta uma visão crítica sobre a realidade social, desta vez particularmente em relação à questão da educação, mas que também envolve temas como a deterioração do espaço na periferia e o desconhecimento do outro. Porém, entre a professora Andreia e seus alunos ocorre um distanciamento, provocado pelo medo do desconhecido. Seu olhar aos poucos fica insensível e a metáfora do endurecimento do olhar representa bem o processo de sua transformação. Dessa forma, tanto o romance quanto o conto são espécies de crônicas da realidade social contemporânea que trazem à tona questões importantes para serem refletidas por todos nós.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.

ALMEIDA, Ana Lígia Matos de. *A poética da EIUSDEM FARINAE: Apontamentos sobre a prosa de Rubens Figueiredo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. (dissertação de mestrado)

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOTTOMORE, Tom. (org.) *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestor. *Imaginários Urbanos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

_____. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

_____. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CHIARELLI, C.; DEALTRY, G.; VIDAL, P. (Org.). *O futuro pelo retrovisor. Inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DEALTRY, G.; LEMOS, M.; CHIARELLI, S. (Org.). *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FIGUEIREDO, Mônica. *No corpo, na casa e na cidade. As moradas da ficção*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

FIGUEIREDO, Rubens. *O Mistério da Samambaia Bailarina*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. *Essa maldita Farinha*. Rio de Janeiro: Record, 1897.

_____. *A Festa do Milênio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. *O Livro dos Lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. *As Palavras Secretas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Barco a Seco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Contos de Pedro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FELICE, Massimo Di. *Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GOODMAN, Nelson. *Linguagens da arte: uma abordagem a uma teoria dos símbolos*. Lisboa: Gradiva, 2006.

HOFFMAN, E.T.A. *A janela de esquina do meu primo*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JARDIM, João; CARVALHO, Walter. *Janela da alma*. Copacabana Filmes e produções. Filme (Color/73 min.): DVD vídeo.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Marxismo e alienação*, contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LOTA, Roberto de Andrade. *Gritos e ressonâncias do secreto: a poética narrativa de Rubens Figueiredo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. (dissertação de mestrado)

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. *White Noise e Cosmópolis: análise do processo de desumanização em ficções pós-modernas*. São José do Rio preto: UNESP, 2014. (dissertação de mestrado)

LUKACS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MARGATO, Izabel. *Saber olhar e narrar devidamente: a construção de Lisboa na escrita de José Cardoso Pires*. (artigo cedido pela autora)

_____. *Tirantias da modernidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Faperj, 2013.

_____. Ler a cidade pela janela do ônibus. In: *Brazil/Brasil*. Porto Alegre/Providence: Volume 26, 2013.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PEREIRA, Marcelo de Souza. *Fero-cidade: a barbárie pós-utópica em Rubens Figueiredo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. (Dissertação de mestrado)

_____. *Fingidores em cena: a metaficção em Sergio Sant'Anna e Rubens Figueiredo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. (Tese de doutorado)

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

RESENDE, B.; FINAZZI-AGRÓ, E. (Org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TORRES, Antônio. *Um taxi para Viena d'Áustria*. Rio de Janeiro: Record, 2013.